



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

**CAMPUS DE SOBRAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS
(PPGPPP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS**

GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II: UM ESTUDO DA RELAÇÃO
ENTRE AFETOS E TERRITÓRIO MEDIADA PELO DIÁLOGO
INTERGERACIONAL**

EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

SOBRAL-CE

2023

GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II: UM ESTUDO DA RELAÇÃO
ENTRE AFETOS E TERRITÓRIO MEDIADA PELO DIÁLOGO
INTERGERACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

SOBRAL-CE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M317c Marques, Gilsiane Maria Vasconcelos.

COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II : UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE AFETOS E TERRITÓRIO MEDIADA PELO DIÁLOGO INTERGERACIONAL / Gilsiane Maria Vasconcelos

Marques. – 2023.

137 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

1. intergeracionalidade. 2. estima de lugar e território. 3. comunidade quilombola. I. Título.

CDD 302.5

GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II: UM ESTUDO DA RELAÇÃO
ENTRE AFETOS E TERRITÓRIO MEDIADA PELO DIÁLOGO
INTERGERACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha.

Aprovada em: 31/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Nara Maria Forte Diogo Rocha (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA)

RESUMO

A construção da identidade étnica se torna resultado constante da experiência cotidiana e da história narrada pelas memórias dos povos quilombolas. Estas memórias coletivas existem graças à continuidade das tradições, passadas de geração em geração por meio de interações sociais e auxiliam as comunidades em suas reivindicações, a fim de obterem a condição de comunidade remanescente de quilombos. Os quilombos partilham da ideia de se pensar o território quilombola como um lugar onde se preserva uma cultura ancestral, que permite que os indivíduos reflitam sobre sua própria condição negra, adquirindo afetos e sentimentos pelo lugar. A presente pesquisa tem por objetivo compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II, trazendo os seguintes objetivos específicos: identificar os lugares de saber e de diálogo intergeracional que valorizem a história e cultura local da Comunidade Quilombola Carnaúba II; analisar os afetos de jovens e idosos quilombolas envolvidos em processos de diálogo intergeracional; e possibilitar junto à comunidade a criação de um livro como estratégia pedagógica de mediação da intergeracionalidade entre jovens e idosos. Foram elencadas as categorias “ser quilombola” abordando a historicidade, a conquista de território, a cultura e processos educacionais; juventude quilombola e estudos recentes; o processo de intergeracionalidade dentro de comunidades quilombolas, envolvendo o diálogo e o afeto entre jovens e adultos; e por fim a categoria “lugar de saber”, construída a partir da Psicologia Ambiental e Psicologia Sócio-Histórica composta pelas conceituações em torno de território, diálogos e afetos. Por meio de delineamento qualitativo e pesquisa em Psicologia Ambiental e Sócio-Histórica, a coleta de dados foi conduzida através da inserção na comunidade quilombola Carnaúba II, situada na cidade de São Benedito-Ceará; observação participante com construção de diário de campo e aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos. Os participantes foram selecionados seguindo critérios de escolha da vice-presidente da associação, e tinham entre 18 a 88 anos divididos em dois grupos: jovens (até 30 anos) e idosos (a partir de 50). A análise dos dados partiu do diário de campo e dos dados qualitativos dos mapas afetivos. Os resultados demonstraram que apenas metade dos jovens e dos idosos possuem estima positiva que se configura no pertencimento e em sentimentos de participação social e transformadora em torno da comunidade, enquanto a outra metade dos indivíduos demonstraram insegurança ou sentimentos de contrastes em relação à comunidade. Também concluiu que o diálogo intergeracional é a principal forma de transmissão de saberes e que este ocorre em vários pontos da comunidade, independente de estruturas convencionais. Portanto, utilizando-se destes dados, foi possível criar um livro contendo histórias e tradições da comunidade, com fins de oferecer visibilidade à comunidade e valorizar o patrimônio cultural por eles construído.

Palavras-chave: *intergeracionalidade; estima de lugar e território; comunidade quilombola.*

ABSTRACT

The construction of ethnic identity becomes a constant result of daily experience and of the history narrated by the memories of the quilombola peoples. These collective memories exist thanks to the continuity of traditions, passed on from generation to generation through social interactions, and help the communities in their claims, in order to obtain the status of remaining quilombola communities. The quilombos share the idea of thinking of the quilombola territory as a place where an ancestral culture is preserved, which allows individuals to reflect on their own black condition, acquiring affections and feelings for the place. This research aims to understand the role of the territory in the intergenerational transmission between Quilombola remnants of the Carnaúba II Community, bringing the following specific objectives: to identify the places of knowledge and intergenerational dialogue that value the history and local culture of the Quilombola Community Carnaúba II; to analyze the affections of young and elderly quilombola people involved in intergenerational dialogue processes; and to make it possible for the community to create a book as a pedagogical strategy to mediate intergenerationality between young people and the elderly. The categories "to be quilombola" were listed, approaching the historicity, the conquest of territory, culture and educational processes; quilombola youth and recent studies; the intergenerational process within quilombola communities, involving dialogue and affection between youngsters and adults; and finally the category "place of knowledge", built from Environmental Psychology and Socio-Historical Psychology composed by the conceptualizations around territory, dialogues and affections. Through qualitative design and research in Environmental Psychology and Socio-Historical Psychology, the data collection was conducted through the insertion in the quilombola community Carnaúba II, situated in the city of São Benedito-Ceará; participant observation with construction of field diary and application of the affective maps generating instrument. The participants were selected following the criteria of the association's vice-president, and were between 18 and 88 years old, divided into two groups: young people (up to 30 years old) and elderly people (over 50). The data analysis came from the field diary and the qualitative data from the affective maps. The results showed that only half of the young and the elderly have positive esteem that is configured in belonging and in feelings of social and transforming participation around the community, while the other half of the individuals showed insecurity or feelings of contrasts in relation to the community. It also concluded that intergenerational dialogue is the main form of knowledge transmission and that this occurs at various points in the community, independent of conventional structures. Therefore, using this data, it was possible to create a book containing the community's stories and traditions, with the purpose of giving visibility to the community and valuing the cultural heritage they have built.

Keywords: intergenerationality; esteem of place and territory; quilombola community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de São Benedito (CE).....	39
Figura 2 – Mapa de São Benedito com a área marcada do Sítio Carnaúba II.....	40
Figura 3 – 1º encontro da pesquisadora com a comunidade.....	43
Figura 4 – Escola Municipal de Ensino Básico Antonio Isaias de Maria.....	44
Figura 5 – Novo encontro da pesquisadora com a liderança da comunidade Eliany Ribeiro...46	
Figura 6 – Ponto da Cultura Quilombola.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por Faixa Etária.....	50
Gráfico 2 – Distribuição por idade de cada participante.....	50
Gráfico 3 – Distribuição por gênero.....	50
Gráfico 4 – Distribuição por ocupação.....	51
Gráfico 5 – Distribuição por tempo que mora na comunidade.....	51
Gráfico 6 – Análise qualitativa do IGMA.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Itens do IGMA.....	47
Quadro 2 – Mapa afetivo N° 08.....	53
Quadro 3 – Mapa afetivo N° 14.....	54
Quadro 4 – Mapa afetivo N° 01.....	56
Quadro 5 – Mapa afetivo N° 05.....	57
Quadro 6 – Mapa afetivo N° 02.....	58
Quadro 7 – Mapa afetivo N° 07.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ARQUISC	Associação dos Remanescentes de Quilombo do Sítio Carnaúba II
CEB	Câmara de Educação Básica
CAM	Casa de Atendimento à Mulher
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNE	Conselho Nacional de Educação
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
EMEB	Escola Municipal de Ensino Básico
EEQ	Educação Escolar Quilombola
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGMA	Instrumentos Geradores de Mapa Afetivo
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar
MG	Minas Gerais
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PA	Pará
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Tocantins
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MARCO TEÓRICO	20
2.1	“Ser Quilombola”	21
2.2	Juventude quilombola e estudos recentes	25
2.3	O processo de intergeracionalidade dentro de comunidades quilombolas	28
2.4	Lugar de Saber: território, diálogos e afetos	31
3	OBJETIVOS	36
3.1	Objetivo Geral	36
3.2	Objetivos Específicos	36
4	METODOLOGIA	37
4.1	Caracterização do campo da pesquisa	38
4.2	Participantes	41
4.3	Procedimentos	42
4.4	Análise e interpretação dos dados	48
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	49
5.1	Caracterização da amostra	49
5.2	Resultados da análise qualitativa do IGMA	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE E ANEXOS	77
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Imagens)	80
	APÊNDICE C - Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA)	82
	APÊNDICE D - INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS	85
	APÊNDICE E – LIVRO “Quilombo Carnaúba II São Benedito - Ceará: Memória, identidade e visibilidade de um povo”	96
	ANEXO 1 – CERTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II PELA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - FCP	134
	ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS	135

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar e estudar sobre políticas públicas atualmente no Brasil se tornou um desafio marcado pela falta de recursos e pelo desmantelamento de direitos sociais, numa crescente rede de desigualdades que escancaram algumas das piores mazelas de uma sociedade, como o racismo e o apagamento cultural e histórico. Considera-se necessário que profissionais e pesquisadores apreciem os eixos estruturantes e interseccionais da nossa sociedade, e assim reflitam criticamente sobre a política de assistência social. Dentro das ações desta política vamos aqui prestar atenção aos usuários que são remanescentes de quilombos.

Atuei como psicóloga no equipamento Centro de Referência Especializado da Assistência Social - CREAS, que oferece serviços de proteção a indivíduos e famílias vítimas de violência, maus-tratos, discriminação social e outras formas de violação de direitos. O CREAS é um equipamento pertencente à Proteção Social Especial e não possui uma ação específica para a população das Comunidades Quilombolas, realizando seus atendimentos conforme a demanda identificada no território.

A partir do trabalho desempenhado junto ao CREAS, de 2020 a 2022, me aproximei da Comunidade Quilombola Carnaúba II, onde desde então busquei a promoção do desenvolvimento pessoal e comunitário junto das pessoas atendidas, além de ouvir a comunidade, respeitando sua autonomia familiar e comunitária no intuito de fortalecer a cultura e identidade étnica na defesa seus direitos.

A Comunidade Quilombola Carnaúba II, localizada em São Benedito – CE, integra o conjunto das 55 comunidades quilombolas do Ceará já certificadas pela Fundação Cultural Palmares – FCP (em Anexo), possui cerca de 225 famílias, ao todo 770 habitantes, que recebem acompanhamento das mais diversas políticas públicas municipais e fazem parte da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Sítio Carnaúba II (ARQUISC), que promove o desenvolvimento comunitário, fortalece a agricultura familiar e defende a garantia dos seus direitos. A comunidade se configura como um quilombo rural situado num município da Serra da Ibiapaba, que sobrevive da agricultura familiar por meio do plantio das culturas de mandioca, milho, feijão, e produz artesanatos com matérias-primas da própria região, como a palha da carnaúba. Possui casas construídas de alvenaria e de adobe, ruas não pavimentadas e muita vegetação em volta das casas constituindo os sítios. No território existe uma escola que foi desativada parcialmente e um posto de saúde, que atualmente é dividido entre a comunidade quilombola e a aldeia indígena, visto que a comunidade está inserida no território que também

é ocupado pela Aldeia Indígena Tapuya Kariri. A comunidade possui apenas uma igreja evangélica em seu território, mas frequentam também a igreja católica situada na comunidade vizinha, dispõem de algumas benzedadeiras e rezadeiras; no entanto não foram mencionadas manifestações religiosas de matriz africana.

Vale salientar que a Fundação Cultural Palmares - FCP, supracitada, se refere a uma instituição pública voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, criada em 22 de agosto de 1988, em meio à reabertura do processo democrático do Brasil e no ano de comemoração do centenário da abolição da escravatura. Tal entidade é vinculada ao Ministério da Cultura e tem por objetivo promover uma política cultural igualitária e inclusiva, no intuito de contribuir na valorização da história e das manifestações culturais e artísticas afro-brasileiras como patrimônio nacional.

Durante as visitas domiciliares realizadas pela equipe do CREAS, bem como através da articulação com a Associação da comunidade, uma das demandas levantadas pelas famílias quilombolas foi o desligamento da escola de matriz curricular quilombola de nome EMEB Antonio Isaias de Maria, presente no território da comunidade. Em 2014 a escola foi desligada após concluir que não havia alunos suficientes para manter seu funcionamento, permanecendo apenas a oferta do ensino infantil (creche). Para que as crianças e adolescentes quilombolas tenham acesso à educação básica, precisam se deslocar às escolas convencionais em comunidades vizinhas ou frequentam a escola de matriz indígena que está situada na mesma comunidade, de modo que se sentem afetados pela falta de ensino dedicado ao fortalecimento de sua cultura e identidade étnica. Outra queixa da comunidade diz respeito à falta de visibilidade social de suas experiências, memórias e pertencimento racial transmitidos de geração em geração, pois os jovens da comunidade estão crescendo sem ter acesso ao seu patrimônio cultural e a outros elementos essenciais na construção de sua identidade.

O fechamento da escola foi bastante impactante na comunidade quilombola, tanto para os mais velhos quanto para os mais jovens, uma vez que expôs uma fragilidade na identidade e no pertencimento daquele povo ao seu território, já que os mais velhos se queixaram da perda do espaço representado pelo prédio, utilizado como ponto de encontro da comunidade; enquanto os jovens precisam percorrer mais quilômetros e adentrar o território indígena para ter acesso à educação ou estudar em escolas convencionais, sem referências ao seu povo, ferindo suas matrizes culturais e ampliando o processo discriminatório.

Da percepção destas demandas, ouvidas a partir do lugar profissional ocupado por mim e apuradas nos aprendizados na pós-graduação, nasceu a necessidade de promover uma pesquisa de cunho sócio-histórico, junto à comunidade, que buscasse estudar como se dá a transmissão intergeracional de saberes e tradições da comunidade quilombola Carnaúba II (São Benedito-CE). O laço intergeracional diz respeito à mediação entre as pessoas mais velhas (lideranças comunitárias, adultos e idosos) e as mais novas (crianças, adolescentes e jovens), a partir dos quais uma comunidade mantém viva sua memória. Inquietações como: “De que maneira os saberes são repassados entre as gerações em uma comunidade remanescente de quilombos?”, “Qual o papel do território no diálogo intergeracional?”, “Como os mais velhos compreendem sua função no processo intergeracional e como os mais novos enxergam esse processo na aquisição de saberes ancestrais?”, “Quais as dificuldades e potencialidades nesse processo intergeracional?”, e por fim, “ Que afetos estão envolvidos?”, surgiram em minhas andanças pela comunidade e em conversas com as lideranças e jovens, e essas perguntas são os fios condutores deste estudo.

Buscar compreender como se dá o processo intergeracional em uma comunidade de povos tradicionais é fortalecer a transmissão cultural e histórica, respeitar e valorizar saberes ancestrais que contribuem para uma identidade étnica e a mantém sempre ativa, é também reconhecer que povos quilombolas conviveram por muitos anos em contextos de exclusão e apagamento de suas histórias, e por isso problematizar as desigualdades sociais pelas quais atravessam é dar visibilidade à resistência em combate aos poderes hegemônicos.

Sendo o Brasil um país fortemente marcado pela diversidade étnico-racial e racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), se faz necessário que as políticas públicas, em especial as políticas de assistência social e educação, busquem considerar as diferenças étnico-raciais existentes no processo de formação da sociedade, principalmente as que tratam da história oficial brasileira citando a etnia negra (BARROS, 2016; BOTELHO, 2007; CABRAL, 2007; COSTA, 2010; DANTAS, 2009; MOURA, 2007; ROCHA, 2015; SILVA, 2015; SILVA, 2017). Logo, a luta do povo quilombola compreende que o território envolve territorialidade, história, memória e cultura. Dessa forma, é fundamental que todos os brasileiros obtenham conhecimento acerca da história das comunidades remanescentes de quilombos existentes em todos os Estados da Federação.

O epíteto “Ceará Terra da Luz” nasceu através do discurso do abolicionista José do Patrocínio durante o período de abolição da escravatura na província, isto porque o Ceará teria sido o primeiro estado a abolir a escravidão, quatro anos antes que os outros estados brasileiros

e antes mesmo da promulgação da Lei Áurea, no dia 25 de março de 1884. Em janeiro de 1881, quando cativos tentavam negociar escravizados no porto, os jangadeiros responsáveis pelo transporte desses escravizados aos navios se negaram a embarcá-los, gerando a paralisação que foi considerada o acontecimento mais importante para a libertação precoce da província, e entre os jangadeiros estava Chico da Matilde, conhecido como Dragão do Mar. Dragão do Mar é considerado o grande líder da greve dos praieiros e o maior herói da campanha abolicionista (XAVIER, 2010).

Muito embora tenham recebido o título de “Terra da Luz” e se considerado o estado pioneiro na abolição da escravatura, sendo referência para os demais na luta em favor da “libertação” do povo negro, o estado do Ceará não possui nenhuma comunidade quilombola rural com titularidade de terra garantida, ou seja, o estado possui 86 comunidades em que apenas 56 possuem certificação pela Fundação Cultural Palmares (NASCIMENTO, 2018; LIMA, 2021).

Marcada ainda por pensamentos positivistas da historiografia europeia, cujas ideias acreditavam num país homogêneo e omitiam a existência de povos tradicionais (negros e indígenas), a história cearense até meados das décadas de 1970 e 1980 contemplava a noção equivocada da inexistência de negros no território, negando os impactos da escravidão e, dessa forma, suprimindo a existência de negros e de quilombos (MARTINS, 2012; SILVA, 2017).

Custodio (2017) e Figueirêdo (2016) contam que nesse mesmo período, em uma tentativa de denunciar a continuidade da ideologia do embranquecimento e da exclusão dos negros na história e realidade do país, o quilombo é levado através do discurso militante do Movimento Negro Unificado à Assembleia Nacional Constituinte, onde seria promovida a defesa e a efetiva entrada de descendentes de negros escravizados na nova ordem jurídica da Nação Brasileira.

Envolto no cenário de luta e modificações sociais, o termo “Quilombismo” foi proposto por Abdias do Nascimento nos anos 1980, advindo do termo original quilombo, onde defende que a população negra deveria buscar suas próprias experiências e história na matriz da cultura africana para mudar seu contexto social. O quilombismo trata-se de uma nova maneira de defender o movimento quilombola, no que consiste o espaço físico, quanto ao território, e também cultural da comunidade negra, ou seja, um novo modo de resistência e luta (FILHO, 2020).

De acordo com o Artigo 68 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), lê-se “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida

a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”, dando poder ao quilombo de se tornar símbolo de luta contra o racismo, de conquista de território e de defesa das políticas de reconhecimento da população afro-brasileira. Passa então a ser mais propagada a expressão “comunidade remanescente de quilombos” que se caracteriza por territórios onde passaram a viver os descendentes dos africanos capturados, aprisionados e escravizados pelos colonizadores portugueses (LEITE, 2008).

Moura (2007) afirma que a visibilidade das comunidades negras rurais só foi possível a partir da Constituição Federal de 1988, que, através do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, garantiu a propriedade dos moradores nos territórios, e até os dias atuais os povos quilombolas lutam pela emissão dos títulos definitivos de suas terras, como também para superar a prática da cultura da subsistência. Os povos quilombolas têm se organizado de modo a sobreviverem respeitando os costumes de seus antepassados e seus valores ancestrais, adaptando-se ao desenvolvimento sustentável e com perspectiva de garantia de direitos e de uma vida digna. Tal ligação que possuem com a territorialidade, aproxima a comunidade ao seu território social e coletivo, constituindo um suporte material e simbólico na afirmação identitária e étnica dos integrantes da comunidade, mantendo a continuidade de suas tradições.

Ainda para Moura (2007, p.03), os quilombos contemporâneos podem ser considerados como “comunidades negras habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo”. Dentro dessas comunidades é comum valorizar as tradições culturais de seus antepassados, sejam religiosas ou não, recriando-as no seu cotidiano e reafirmando sua consciência de identidade étnica. Os quilombos contemporâneos também são conhecidos como comunidades remanescentes de quilombos, terras de preto, terras de santo ou santíssimo.

A construção da identidade étnica se torna resultado constante da experiência cotidiana e da memória narrada pelas memórias de descendentes de escravizados. Estas memórias coletivas existem graças à continuidade das tradições, passadas de geração em geração por meio de interações sociais, e auxiliam as comunidades em suas reivindicações, a fim de obterem a condição de comunidade remanescente de quilombos. Tais conteúdos mantêm a permanência histórica e identitária da comunidade, e sua etnicidade se torna um fator primordial na consolidação da comunidade quilombola. Reconhecer suas representações culturais é reforçar sua organização e sua solidariedade grupal, além de marcar sua diferença entre outros grupos dentro do mesmo contexto, é também garantir não apenas uma identificação como descendentes

de escravizados, mas como sujeitos de uma sociedade que os retirou bruscamente da sua trajetória social (OLIVEIRA; MORTARI, 2006).

No que diz respeito às relações identitárias étnico-raciais do Brasil, Cabral (2007) vem dizer que mesmo diante da ênfase dada à importância dos aspectos culturais na formação de grupos humanos e do conceito social de raça, a maioria das discriminações sofridas por pessoas negras são baseadas em seus atributos físicos (cor da pele, cabelos etc.), porque através do racismo, afirma o ser negro como “raça inferior” em função de suas características físicas. A principal diferença entre racismo e a discriminação racial está no fato de que esta última é a combinação da prática do racismo e da efetivação do preconceito, e ambos não provocam apenas a segregação socioeconômica aos atingidos, mas os impõem traumas emocionais severos, especialmente em crianças.

Um dos mecanismos de segregação existentes, segundo Cabral (2007) e Santos et al. (2020), é o de exclusão dos alunos negros do sistema escolar, que prescreve para o aluno negro um trajeto mais difícil que aquele atribuído a um aluno branco. No ambiente escolar, outra falha está na estruturação do currículo escolar que exclui a história de lutas dos afro-brasileiros, que legitimam a posição subalterna da população negra na sociedade brasileira; tais práticas podem acarretar o silenciamento de crianças negras até mesmo em sua fase adulta, que mesmo com toda resistência, acabam “aceitando” que o ideal é ser branco.

Nascimento (2017) cita que dentre as principais reivindicações das comunidades quilombolas contemporâneas no Brasil estão a concretização do direito à terra e a permanência nos territórios em que vivem, como também a manutenção dos conhecimentos tradicionais e da memória coletiva, assegurando a autonomia no modo de produção econômica, a superação do racismo e o acesso à educação de qualidade.

Para Oliveira e Ferreira (2011), os quilombos contemporâneos atravessam as cidades e o perímetro urbano, se desenvolvem dentro do meio social e midiático, carregando consigo o imaginário de preservação cultural e de luta, e ao mesmo tempo se inserindo em espaços onde predominam o poder hegemônico. Surgem então duas concepções desses quilombos: a marcada pelo período escravocrata e a versão contemporânea, ambos trazendo elementos do passado e do presente, na busca pela conquista de outros espaços, inclusive acadêmicos.

No Brasil, estima-se que existam 5.972 localidades quilombolas e 2.308 agrupamentos quilombolas, que são aqueles em que há 15 ou mais pessoas morando em uma ou mais moradias próximas e que há laços de parentescos ou comunitários entre os moradores, em 2022, segundo dados do IBGE (2023) e a Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre Indígenas e

Quilombolas. Dessas 5.972 localidades, o Nordeste possui 3.171 localidades quilombolas, pouco mais da metade do total, em seguida vem o Sudeste com 1.359 quilombos, e o restante está dividido nas regiões Norte (873), Sul (319) e Centro-Oeste (250).

Já conforme os dados da Fundação Cultural Palmares (2023), atualmente no Brasil existem cerca de 4 mil comunidades quilombolas espalhadas em todo o território brasileiro, onde mantêm-se vivas e atuantes, lutando pelo direito de propriedade de suas terras consagrado pela Constituição Federal desde 1988. Existem 3.563 comunidades quilombolas em pelo menos 24 estados do Brasil: Amazonas, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

O governo brasileiro anterior, liderado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (2018-2022), se destacou negativamente no que diz respeito à igualdade racial e às pautas dos movimentos negros, inclusive nomeando para comandar a Fundação Cultural Palmares um presidente que tampouco honrou o patrimônio cultural afro-brasileiro e a militância racial do Brasil, devastando-as física e moralmente. Com a posse do atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2023, a Fundação Palmares passou a ser presidida por João Jorge Rodrigues, militante negro, advogado e co-fundador do grupo Olodum, que garantiu que durante sua gestão a fundação e todo o seu patrimônio cultural serão reconstruídos. O atual governo brasileiro também reabriu a pasta da Secretaria de Territórios e Sistemas Produtivos Quilombolas e Tradicionais, do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar), que trata diretamente da garantia dos direitos dos povos quilombolas, como o reconhecimento, a valorização, a proteção de territórios tradicionais e o etnodesenvolvimento (BRASIL, 2023).

Conforme citado anteriormente, são papéis fundamentais dessa instituição o apoio e a difusão da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e Afro-Brasileira nas escolas, e na distribuição de publicações que promovam, discutam e incentivem a preservação da cultura afro-brasileira para auxiliarem professores e escolas na aplicação da Lei.

Com base no parágrafo 4º do Artigo 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, foi reservada à Fundação Cultural Palmares a competência de emitir certidões às comunidades quilombolas e inscrevê-las no cadastro geral, tais documentos reconhecem os direitos das comunidades e lhe permitem acesso aos programas sociais do Governo Federal.

Para Silva (2015) os dois principais pontos a serem discutidos em prol da efetivação dos direitos quilombolas concentram-se no reconhecimento da exclusão sistemática que atinge essas comunidades, que provoca sua vulnerabilidade social e agrava as desigualdades, sendo necessárias estratégias de compensação e reparação por meio do acesso às políticas públicas; e o outro ponto é sobre o reconhecimento das especificidades dos povos quilombolas e a implementação de políticas que abarque suas tradições e singularidades; sem esquecer também da regularização fundiária, principal demanda dessas populações.

Outra conquista no que diz respeito à educação, se deu através da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), que em 2012 aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, compreendida como modalidade de educação que enquadra as escolas quilombolas, pertencentes aos territórios quilombolas, e as escolas que atendem estudantes de origem quilombola. Nascimento (2017) diz ainda que o objetivo de inserir no território escolas de educação quilombola é para garantir espaços institucionais de educação formal no intuito de superar a posição subalterna marcada por preconceitos a qual a população negra brasileira é submetida, inclusive pelo próprio sistema educacional.

O processo de educar para a igualdade tem como pressuposto uma educação antirracista, e que garanta a equidade entre os diversos grupos étnico-raciais depende de inúmeras ações, entre as quais conhecer e trazer, para o cotidiano escolar, conteúdos que estimulem a participação de alunos e alunas negras como atores sociais ativos, com a intencionalidade de promover a igualdade de oportunidades e o exercício da cidadania, como também valorizem e crie condições para que a história de luta, a memória e os valores culturais desse povo se tornem conteúdos de ensino e aprendizagem em sala de aula (BOTELHO, 2007; NASCIMENTO, 2017; SANTOS ET AL., 2020).

Barros (2016) afirma que a escola tem uma função significativa na formação do sujeito e que, quando as práticas pedagógicas evidenciam no cotidiano escolar a importância da ancestralidade quilombola, de certa forma contribuem para o fortalecimento das referências culturais de jovens remanescentes quilombolas, além de estarem colaborando para a permanência étnico-cultural de um povo que tanto foi inferiorizado pela sociedade dominante. Barros (2016) cita ainda a relevância dos saberes e das experiências dos idosos quilombolas como um processo importante para que os jovens compreendam e valorizem sua identidade cultural, pois uma vez possuindo uma referência positiva de sua identidade cultural, estes jovens terão melhores oportunidades de tornarem-se cidadãos empoderados.

Ainda tomando como assunto a educação e escolas quilombolas, segundo o último levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas de 2013, o Brasil possui cerca de 2.235 escolas quilombolas espalhadas pelo país, com mais de 227.400 estudantes matriculados (SILVA, 2015). Só no Ceará são 30 escolas e 3.835 alunos matriculados.

Uma das principais premissas da política de assistência social no Brasil é de “atender a todos(as) que dela necessitar”, independentemente de qualquer contribuição e classe social, e sempre levando em consideração três elementos básicos: a trajetória de vida dos usuários; a identidade, que muitas vezes se encontra de maneira estigmatizada em termos étnicos; e a territorialidade, que se caracteriza pelo espaço em que o usuário vive e convive com a exclusão que o faz necessitar de uma rede de proteção social (SOUZA, 2019). Famílias vulneráveis ou em risco social, em exclusão pela pobreza e/ou no acesso às demais políticas públicas, que têm ou possam ter seus direitos violados, fazem parte da política de assistência social, ou seja, as famílias referenciadas podem ser caracterizadas como aquelas que ainda estão na invisibilidade perante a sociedade, como é o caso das famílias quilombolas.

No que diz respeito à política de assistência social e aos povos tradicionais, esta política tem o dever de ofertar um trabalho culturalmente adequado e atento às especificidades que permeiam a realidade dos Povos e Comunidades Tradicionais, uma vez que se volta às pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, dentre elas a invisibilidade de indivíduos excluídos socialmente e vítimas de discriminação étnicas e raciais. O trabalho desenvolvido pelos profissionais que atuam na Assistência Social deve prevenir situações de vulnerabilidade e risco social por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, sempre observando cuidadosamente o território e a realidade social local, e sendo executado de acordo com a cultura e os interesses de cada povo. O maior desafio posto para a assistência social, no atendimento aos povos e comunidades tradicionais é, assim, o reconhecimento e a concretização dos seus direitos sociais, por meio da proteção de seus direitos e memórias culturais, suas práticas comunitárias e sua identidade racial e étnica.

Souza (2019) afirma que a causa primordial da invisibilidade das famílias quilombolas e da falta de acesso aos seus direitos básicos se dá pela estrutura do racismo. Uma vez que se reconhecem formalmente como quilombolas, elas se assumem diante da sociedade como uma comunidade negra e, conseqüentemente, são expostas a diversas situações discriminatórias. Os usuários da assistência social no Brasil não são atendidos apenas pela pobreza a qual vivenciam, pois, a pobreza não é o único determinante, mas sim através de uma análise do processo

histórico-cultural em que cada indivíduo está inserido, ou seja, ter sua identidade estigmatizada em termos étnico e cultural e ser vítima de exclusão no acesso às políticas públicas são também vulnerabilidades sociais.

O cenário de desligamento de uma escola dentro da comunidade pesquisada neste estudo não é fato isolado, pois pesquisas recentes demonstram a precarização da educação nas comunidades quilombolas, que segundo o DATAUFF (2013) cerca de 20% das comunidades pesquisadas não possuem escolas primárias e apenas 9,2% possuem escolas secundárias; os dados também apontam para a falta de transporte escolar, que dificulta o acesso dos alunos à educação, e de alimentação escolar. O mesmo instituto constatou em 2009 que as limitações de acesso à educação em comunidades quilombolas têm como fatores a inexistência de escolas em algumas comunidades ou no seu entorno, e a oferta insuficiente de turmas do ensino médio, o que também força deslocamentos diários cansativos, ou mesmo a necessidade de mudança de jovens para a sede dos municípios (BRASIL, 2009).

Pesquisas recentes também demonstram que há a transmissão e o diálogo intergeracional de adultos e idosos a crianças e adolescentes nas comunidades quilombolas, como forma de manter seus valores ancestrais por meio de relações sociais. Os mais velhos estabelecem essa relação entre gerações no meio de uma roda, utilizando da oralidade, coletividade, corporeidade, ludicidade e circularidade, e assim reforçam a sua ancestralidade (COSTA; FONSECA, 2019; MONTEIRO; REIS, 2019; LABREA; KIEWKOW; DORNELLES, 2019; SANTOS; AGUIAR, 2019; SANTOS; ZANARDI, 2020).

As políticas de Assistência Social e de Educação se alinham quando se configuram políticas de direitos essenciais a uma comunidade quilombola, como a Comunidade Carnaúba II, que vivenciam a exclusão de uma unidade de ensino dentro dos parâmetros exigidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, além da invisibilidade no acesso às políticas públicas, da falta de reconhecimento à sua cultura e identidade territorial, e da pobreza social provocada pelas desigualdades e pelo racismo.

Partindo das questões supracitadas, esta pesquisa pretende discutir de que forma ocorre o diálogo intergeracional dentro da Comunidade Quilombola Carnaúba II, analisando o papel do território e os afetos que envolvem jovens e idosos no processo de diálogo entre gerações. O papel do território será trabalhado a partir da categoria chamada “lugar de saber”, que é construída com base nas Psicologias Sócio-histórica e Ambiental (BOMFIM, 2010), desenvolvida a seguir.

Este estudo pretendeu ainda gerar um produto em diálogo com a comunidade, a fim de contribuir na visibilidade e no fortalecimento da cultura quilombola local, em que foi escolhida a confecção de um livro ilustrado contendo dados sobre a história local, costumes e as tradições do povo quilombola Carnaúba II, com ilustrações e poemas criados por uma artista da própria comunidade, e texto redigido pela vice-presidente da Associação e demais moradores que se sentiram inspirados. O livro deverá ser entregue à Associação e publicado virtualmente como instrumento de visibilidade para a comunidade quilombola Carnaúba II, para que alcance outras comunidades espalhadas pelo país.

Ressalto, por fim, que o projeto desta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, vinculado à Universidade Federal do Ceará - UFC, e aprovado sob o parecer de número 5.091.312, em 09/11/2021, a fim de garantir as adequações éticas e burocráticas impostas a nós, pesquisadores.

2 MARCO TEÓRICO

As categorias construídas por meio de revisão teórica sobre o tema, são as seguintes: “ser quilombola” abordando a historicidade, a conquista de território, a cultura e processos educacionais (MOURA, 1981; NASCIMENTO, 1985; MOURA, 2007; OLIVEIRA, 2013; MACEDO, 2015; SANTOS, 2015; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; DELFINO; CUNHA JUNIOR, 2018; NASCIMENTO, 2018; SANTOS; NUNES, 2018; SANTOS ET AL., 2019; SILVA, 2019; NASCIMENTO, 2021); juventude quilombola e estudos recentes (PAIS, 1990; CUNHA JUNIOR, 2005; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; SILVA, 2015; SILVA; SILVA, 2018; MOURA, 2020); o processo de intergeracionalidade dentro de comunidades quilombolas, envolvendo o diálogo e o afeto entre jovens e adultos (SIRGADO, 2000; MARTINS; RABATINI, 2011; SANTOS, 2015; SEGOVIA ET AL., 2015; BARROS, 2016; NYAMIEN, 2016; SANTOS, 2017; FERNANDES; LOPES, 2018; OLIVEIRA ET AL., 2018; RABELO ET AL., 2018); e por fim a categoria “lugar de saber”, construída a partir da Psicologia Ambiental e Psicologia Sócio-Histórica (FREIRE, 1981; MOSER, 1998; BOMFIM, 2010; BOMFIM ET AL., 2013) composta pelas conceituações em torno de território, diálogos e afetos.

2.1 “Ser Quilombola”

Ser quilombola no Brasil é ser “contra colonizador”: é lutar contra o modelo de desenvolvimento genocida e excludente do sociedade brasileira que se mantém quase o mesmo desde a escravização até os dias atuais; é resistir em uma sociedade monoteísta judaico-cristã que rejeita o politeísmo e a espiritualidade dos indígenas e quilombolas; é sobreviver de agricultura e subsistência em uma terra devastada pelo modelo insustentável e ecocida do sistema capitalista; reflexões que o pensamento crítico e libertário de Santos (2015) nos faz ter a respeito dos quilombos contemporâneos.

De acordo com Moura (1981), os quilombos se constituíam unidades básicas de resistência, organização e defesa de negros escravizados durante o regime servil. Dentro de sua organização se encontravam elementos importantes das formações tribais que mantinham na África.

Nascimento (1985) relata que apenas no final do século XIX o quilombo adquire significado de instrumento ideológico, se tornando um símbolo de resistência que alimentava a liberdade de milhares de negros escravizados. Por muitos anos silenciados pela repressão, mesmo após a abolição da escravatura, os negros finalmente inauguram um movimento social baseado na resistência, na necessidade de autoafirmação social e na recuperação da identidade cultural, ou seja, uma manifestação reativa contra o colonialismo de fato e cultural, que reafirma a herança africana e reforça a identidade étnica.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. (...) O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade negra que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida (NASCIMENTO, 1985, p.47).

Para Nascimento (2021), os quilombos podem ser compreendidos atualmente como um evento histórico de caráter libertário que impulsionou ideologicamente os negros na tentativa de afirmação racial e cultural. A autora chama atenção aos lapsos na historiografia brasileira sobre os quilombos que ocasionou uma ruptura dos negros com o seu passado, gerando o desconhecimento da sua situação atual. Isto porque foi construída uma visão carregada de preconceitos e estereótipos sobre os quilombos, reforçando a noção de que os negros eram seres primitivos, malfeitores e irresponsáveis, e que os quilombos eram refúgios de negros destituídos de caráter político.

Ao longo de diversas interpretações históricas e análises de bibliografia especializada, é inegável o caráter revolucionário do quilombo e a luta armada em reação ao regime escravista, sistema que dominava toda a atividade produtiva da sociedade brasileira naquela época, se fazendo necessário a busca pela liberdade e então a procura pelos quilombos (NASCIMENTO, 2021).

Ainda para Nascimento (2021, p.234):

O quilombo é memória, é história, é o ser, assim nós o entendemos na década de 1970. Era o nosso lema para a recuperação de nossa identidade, de nossa ancestralidade, de ser no mundo adverso. [...] Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil. Esse Brasil democrático, revolucionário, que ajudamos a construir, é assim que o queremos. Contra todas as forças conservadoras. Quilombo hoje é o momento de resgate histórico. Está presente em nós, entre nós, no mundo (NASCIMENTO, 2021, p.234).

No que diz respeito ao território, os quilombos eram predominantes em regiões onde existia escravidão, demonstrando o desgaste pelo regime servil. Muitas vezes a sua organização, capacidade e resistência eram motivos de surpresa e receio, pela forma como cultivavam, construía suas moradias e viviam da autossustentabilidade. Manter a subsistência e a defesa do território conquistado fizeram com que negros organizassem guerrilhas, uma vez que necessitavam desenvolver sua técnica militar e assim estabelecer um sistema defensivo eficaz que assegurasse o sossego dos moradores, obrigando-os a construir fortificações, tal qual verificadas no Quilombo dos Palmares (MOURA, 1981).

Para os quilombolas, a noção de território é de algo de uso coletivo, que será transmitido para as presentes e também futuras gerações, principalmente para as comunidades quilombolas rurais. Moura (2007) nos traz que a ligação que os povos quilombolas possuem com a territorialidade, aproxima a comunidade ao seu território social e coletivo, constituindo um suporte material e simbólico na afirmação identitária e étnica dos integrantes da comunidade, mantendo a continuidade de suas tradições.

Segundo Delfino e Cunha Júnior (2018) todas as questões envolvendo as regularizações das terras quilombolas são de extrema significância, uma vez que permitem que determinado território se torne apenas propriedade coletiva daquela comunidade, como também um espaço de preservação de patrimônio e tradição, estabelecendo uma luta contra a exploração desenfreada que contaminam suas terras e seus lençóis freáticos com agrotóxicos. Assim fica claro o cuidado e a preservação com o ambiente para manter o equilíbrio natural da natureza, principalmente nos quilombos rurais, nas áreas litorâneas, nos sertões e serras.

A Convenção Nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ratificada pelo Brasil por intermédio do Decreto Legislativo n.º 143 de 2003, afirma, em seu artigo 1º, item 2,

dentre os muitos direitos reconhecidos aos Povos Indígenas e Tribais, o direito à autoidentificação como um critério fundamental para a definição dos grupos tradicionais e o controle de suas próprias formas de vida e instituições, contudo, existem contradições por parte do Judiciário brasileiro que impedem a efetivação desses direitos (SILVA, 2019; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016).

No tocante ao Ceará – estado em que se configura o estudo aqui apresentado –, conforme citado anteriormente por Nascimento (2018), a negação da sociedade cearense em reafirmar a importância dos negros para a formação da população afrocearense ou de suas contribuições na construção da cultura, afeta a efetivação dos direitos garantidos constitucionalmente, como no caso da política de regularização fundiária e a garantia de posse territorial.

Avançar no debate da política que disciplina e orienta os procedimentos para avançar na regularização fundiária dos territórios quilombolas, faz-se necessário e urgente, pois, parte de uma demanda coletiva, onde a dimensão cultural, política e econômica do grupo, estão ameaçadas por uma série de retrocessos e perda de direitos que vão impactar negativamente no seu modo de vida, além de se distinguirem e se diferenciarem das outras comunidades tradicionais, e assim poderem decidir sobre suas vidas e do gerenciamento partilhado do seu território de uso coletivo (NASCIMENTO, 2018, p.122-123).

Com a chegada do século XX, surgem as novas influências e sobrevivências do quilombo no Brasil, em que territórios que eram ocupados pelos quilombos hoje se constituem favelas ou ex-favelas com uma grande quantidade de pessoas negras, não somente nas áreas urbanas, com também nas de economia rural - onde ainda são mantidos os padrões comunitários de organização social e, certamente, formas de produção características dos quilombos anteriores à abolição (NASCIMENTO, 2021).

Nascimento (1985) ao tratar da necessidade de recuperação da memória negra, afirma que a cultura africana não nasceu durante o tráfico negreiro e a escravização dos africanos, porém, como foi alvo de silenciamento e inúmeras tentativas de apagamento pela elite dominante, muitos negros foram impedidos de assumirem suas raízes étnicas, históricas e culturais. Declara ainda que o sistema de educação brasileiro nunca inseriu qualquer disciplina de apreço, interesse ou respeito às culturas, religiões, artes, sistemas políticos, econômicos ou sociais africanos, contudo, todos os esforços de impedir ou negar a cultura não foram suficientes para apagar as memórias que estavam vivas dentro do espírito dos negros e negras.

Oliveira (2013) distingue a educação quilombola de escola quilombola, afirmando que a educação quilombola diz respeito a todo processo de ensino e aprendizagem que ocorre dentro do território cultural quilombola, que dizem respeito à cultura, arte, ritos, religiosidade, produzidos pelos quilombolas dentro e fora das comunidades. Já a escola quilombola, diz

respeito ao espaço escolar dentro dos territórios quilombolas, que atende ao público quilombola, encarregada de socializar o conhecimento produzido pelas gerações e diversas culturas do planeta e, ainda, de dar ênfase ao modo de produção e difusão do conhecimento dos indivíduos e grupos quilombolas.

Santos e Nunes (2018) complementam que dentre as diversas maneiras de transmitir educação, uma das mais importantes desenvolvidas nas comunidades quilombolas é a de estudar o passado, em que o tempo presente se confunde ao passado, pois os mais velhos destas comunidades, por meio da oralidade, se encarregam de manter vivos seus saberes, experiências e as visões de mundo, socializando com os mais novos suas práticas religiosas, seus festejos e modos de vida. Tudo isso exposto, se faz necessário que escolas dos quilombos dialoguem com a cultura de base africana da comunidade, uma vez que estes espaços estão ocupados por sujeitos munidos de história e saberes que devem ser representados e apresentados nos currículos escolares.

Segundo Santos et al. (2019), é comum dentro das comunidades quilombolas a tradição de contar histórias (história contada), algo que é pertencente à cultura das pessoas mais antigas, onde compõem as narrativas das experiências vividas. Consideram ainda que o resgate das memórias e o fortalecimento da transmissão oral das experiências desses idosos, constituem um patrimônio comunitário imaterial, que precisa ser preservado, pois segue ameaçado na contemporaneidade por práticas mais imediatistas que não respeitam as tradições e especificidades da identidade quilombola.

A educação escolar dentro das comunidades quilombolas é uma política afirmativa e tem por objetivo reparar e corrigir as desigualdades históricas que atingem a população negra brasileira. Por se tratar de um percurso marcado pelas lutas de movimentos sociais e de lideranças organizadas de quilombos, a educação escolar quilombola é também uma garantia que as práticas considerem suas realidades, vivências e visões de mundo no sistema educacional, e assegurem seu território, enquanto direito (SANTOS; NUNES, 2018).

Para Moura (2007), a educação escolar quilombola é essencial na transmissão de conhecimentos para uma atuação efetiva em sala de aula na formação de cidadania, respeitando suas diversas matrizes culturais, a partir das quais se constrói a identidade do povo quilombola. Permite também a valorização de suas origens e história, na luta pela afirmação da dignidade desse povo e de sua herança cultural, como parte da infinita diversidade que constitui a riqueza do ser humano.

Na tese de Macêdo (2015), ela aponta para a importância de as escolas recorrerem às pessoas mais velhas das comunidades, como forma de compartilhamento de saberes e conhecimentos, práticas e valores culturais, a fim de incluir a memória das lideranças locais nos trabalhos educativos, contribuindo para a luta histórica da comunidade quilombola. Acrescenta que as narrativas das pessoas mais velhas das comunidades e das lideranças quilombolas podem constituir-se em um procedimento metodológico valioso, para as escolas trabalharem a história, a luta, a cultura, os saberes e as experiências culturais e religiosas das comunidades. Dessa forma, as escolas poderão contribuir de maneira significativa no processo de construção da identidade étnico-racial e da autoestima de alunos quilombolas.

2.2 Juventude quilombola e estudos recentes

Falar de processos educacionais quilombolas é também falar da construção de identidade da juventude quilombola, e para os jovens que já se percebem dentro desse contexto de luta e resistência, a busca por melhores condições de vida para suas comunidades e por garantia da continuidade da memória coletiva dos seus antepassados tem sido algo constante, para que cada vez mais se produza na juventude quilombola o desejo de prosseguirem com uma ancestralidade identitária afirmada, portanto, cobram que a educação escolar quilombola cumpra com seu papel e ofereçam um espaço onde suas diferenças serão respeitadas, diferentemente de escolas regulares ou de escolas de outras etnias (SANTOS; NUNES, 2018).

Com o passar dos anos, muito da tradição africana ancestral vai se perdendo, mas é importante lembrar que mesmo com a modernização e outras influências culturais, esta tradição vem se mantendo da sua forma, ensinando novas gerações e sendo essencial aos conhecimentos da educação de jovens quilombolas (DELFINO; CUNHA JUNIOR, 2018).

Ao abordar a dimensão de ser jovem e de possuir uma “suposta” responsabilidade de manutenção de uma tradição ancestral, devemos contemplar também quais os projetos de vida que esses jovens possuem para si e qual a perspectiva que esses jovens têm da sua identidade cultural. Pais (1990) afirma que histórica e socialmente a juventude tem sido compreendida como uma fase marcada pela instabilidade associada a determinados problemas sociais, e muitas vezes são colocados como “irresponsáveis” ou “desinteressados” ao não demonstrarem interesse por algo considerado necessário, mas nesses diferentes sentidos que a juventude toma frente aos seus comportamentos, modos de pensar e de agir, na perspectiva em relação ao futuro, que se constroem suas representações e identidades sociais, numa relação paradoxal peculiar à

juventude. Adquirir responsabilidades faz um jovem obter o status de adulto, e um dos problemas mais graves que afetam essa faixa etária é a condição socioeconômica, simbolizada pelas escolhas em relação ao seu futuro e pela entrada no mercado de trabalho. Quando o ambiente deste jovem se trata de uma comunidade quilombola, as suas perspectivas de futuro e de identidade estão imbricadas às condições socioeconômicas da própria comunidade e aos estigmas associados à vivência afrodescendente, como observados nos estudos a seguir.

Para os jovens quilombolas do município de Salvaterra (PA), ser quilombola é sinônimo de “coragem, raça e orgulho da cor”, e de “reconhecer a força do negro na sociedade brasileira”, conforme elucidam Cavalcante e Beltrão (2016, p.56). Os elementos associados ao reconhecimento de ser quilombola, ou seja, a “força, coragem e resistência” estão diretamente ligados à construção da identidade social e política quilombola. Os jovens quilombolas de Salvaterra (PA) demonstraram identificação em serem quilombolas, trazendo à entrevista detalhes que dizem respeito à valorização da cultura, aos seus antepassados (fator geracional), ao orgulho de ser negro(a) e à representatividade que os pais simbolizam. Foi visualizado também o desejo de lutar pela alteração do *status quo* que os oprime historicamente, reconhecendo o passado de resistência (CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016).

Moura (2020) apresenta um estudo com jovens quilombolas do Quilombo Salinas (PI), em que o processo de reconhecimento da comunidade como quilombola foi mobilizado por um jovem, gerando conflitos com os mais velhos por estes não compreenderem a ligação com seus ancestrais, ou mesmo por não quererem ser lembrados pela experiência de escravização e exclusão as quais foram vítimas. O mesmo pode ser evidenciado na comunidade apresentada nesta pesquisa de Mestrado, Sítio Carnaúba II (CE), em que uma mulher jovem deu início ao reconhecimento da comunidade como quilombola, mobilizando os moradores mais antigos a relatarem suas histórias e experiências e a montarem um acervo da comunidade. E tal qual se deu em Salinas, os mais velhos do Quilombo Carnaúba II receberam essa mudança com um certo receio e resistência, para mais tarde compreenderem a dimensão histórica e identitária, e a importância de transmitir às novas gerações.

O processo de reconhecimento do Quilombo Salinas também envolve o resgate da religiosidade, formação sobre africanidade e afrodescendência, sobre o uso de vestimentas tradicionais, manifestações culturais e a prática da Capoeira e do Samba de Cumbuca, abertos a todas as idades, o que tem gerado fortalecimento da identidade e superação de estigmas na formação desses jovens, conforme o trecho:

(...) inicialmente, a própria Comunidade considerou que não estavam preparados para se apresentarem no referido evento. Contudo, os jovens mostraram seu protagonismo,

sua determinação, ao se depararem com uma oportunidade de ver sua cultura valorizada. Esse fato foi importante para os jovens reafirmarem sua identidade racial e quilombola, uma vez que tomaram consciência da importância do valor histórico e social da cultura afrodescendente. Ainda sobre a visibilidade do Samba de Cumbuca, o colaborador dessa pesquisa evidencia como essa manifestação cultural contribui tanto para a construção da autonomia dos jovens, como para o fortalecimento do pertencimento à Comunidade e a identidade racial. (...) Assim, o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca passa a ter mais sentido para os jovens à medida que, através das atividades de formação social no seio das lutas pelos direitos quilombolas, vão entrando em contato com elementos de sua cultura que historicamente foram ocultados, inclusive, no espaço escolar. (MOURA, 2020, p.75-76).

Um estudo realizado com os jovens de uma comunidade quilombola de Bastiões (CE), concluiu que suas tradições e costumes se modernizaram, enquanto outros ficaram mais presentes na cultura e tradição da comunidade; que a forma de interação social dos jovens passa por mudanças de acordo com a época do ano, misturando brincadeiras e passeios típicos da região aos acessos à internet, sempre que podem. Silva e Silva (2018) afirmam que as tradições e valores sociais dessa comunidade foram adquiridos por meio da ancestralidade e sobrevivem até os dias atuais, mesmo face à desonesta concorrência das tecnologias, através da qual os jovens conseguem integrar suas tradições culturais (família, trabalho, rituais religiosos, entre outras) aos novos recursos digitais sem perder sua essência.

Enfatizamos que a manutenção das comunidades quilombolas não assume um caráter estático, pois as novas gerações trazem consigo novos hábitos e/ou costumes, que são incorporados, em um processo de constante recriação. No processo de recriação, as atitudes e ações inovadoras das novas gerações são filtradas pela tradição de resistência cultural e pela força identitária da comunidade. Em geral, os mecanismos e/ou estratégias de filtragem dos novos saberes e novos costumes não são explícitos, no entanto, estão fundamentados em um substrato imaterial, que a comunidade considera como identidade ancestral (SILVA; SILVA, 2018, p. 213).

Estudos recentes como os de Silva (2015) e os de Silva e Silva (2018) trazem dados referentes à juventude quilombola de duas comunidades distintas, quilombo do Vale do Mucuri (MG) e Bastiões (CE), respectivamente. Os resultados demonstraram que os jovens, em meio às afirmações de satisfação com a vida que levam nas comunidades de remanescentes quilombolas, amparados pelo suporte da família e da liberdade existentes em seu entorno, apresentam a vontade de mudança do contexto socioeconômico e realidade social na comunidade, assim como a busca por estudos e empregos fora da comunidade e em alguns, o desejo de permanência junto à família por escassez de recursos financeiros e falta de oportunidades e/ou acesso às políticas públicas de educação e infraestrutura.

Dentre tantos desafios da juventude quilombola, inclusive o de ser jovem do campo com falta ou falha de acesso a algumas políticas públicas, está a discriminação em relação ao corpo e aparência, em especial à cor da pele e aos cabelos – um importante ícone de construção da

identidade negra que sofre racismo e inferioridade pela sociedade brasileira –, e o racismo velado em forma de “brincadeiras”, principalmente no meio externo e no ambiente escolar e acadêmico, sendo que estes últimos deveriam ser os principais espaços de reeducação de posturas racistas, mas que ao contrário disso, não desenvolvem trabalhos significativos de combate ao racismo e nem de historicidade da cultura afrobrasileira (SILVA, 2015; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; MOURA, 2020).

As pesquisas supracitadas (SILVA; SILVA, 2018; SILVA, 2015; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; MOURA, 2020) demonstram que os jovens quilombolas buscam na formação escolar básica e superior um meio de melhorar suas condições de vida, por meio do exercício de uma profissão e da mudança da comunidade; o que por outro lado se constitui uma dificuldade na obtenção desse projeto de vida, pois as escolas inseridas nessas comunidades não apresentam estrutura adequada, faltam recursos humanos e professores, falta transporte, há falha na gestão escolar e metodológica, ou ainda porque os jovens precisam trabalhar no sustento das famílias, culminando no comprometimento da qualidade de ensino à juventude quilombola.

No que tange o aspecto político de ser quilombola, enquanto alguns jovens quilombolas demonstraram desejo em lutar pelo direito coletivo e se envolvem em militância política e atividades sócio-reivindicatórias para acessarem os direitos garantidos pela legislação (CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; MOURA, 2020), em outro estudo não foi identificado protagonismo juvenil em relação à organização política coletiva ou mesmo individual (SILVA, 2015). Os autores Cavalcante e Beltrão (2016) colocam que a questão da afirmação racial e política está diretamente ligada à possibilidade de reafirmação dos jovens quilombolas, logo, sua história, sua cultura, as conquistas e o reconhecimento favorecem à autoidentificação.

2.3 O processo de intergeracionalidade dentro de comunidades quilombolas

Para Moura (2020), compreender as próprias histórias, os processos geradores do racismo, as lutas movidas pelos seus ancestrais, a formação dos quilombos como resistência ao sistema escravista e assim compreenderem principalmente o que faz desses jovens serem quilombolas é crucial para a construção do pertencimento ao grupo social e da sua identidade. A autora reconhece que os jovens que obtiveram essa compreensão, foram os mesmos jovens que se integraram em movimentos políticos, mobilizando os mais velhos, ouvindo as histórias

dos ancestrais e as tradições culturais, a fim de construir um único movimento em torno do resgate e recuperação do seu território e de todo o patrimônio cultural envolvido.

Cunha Júnior (2005, p.258) pontua que “a identidade negra ou afrodescendente é definida a partir das experiências sociais passadas pelos povos originários da África e pelos descendentes”, ou seja, o processo de diálogo, de oralidade, de intergeracionalidade e da transmissão de saberes que se repassa geração a geração permitem que a identidade negra seja construída e moldada.

As comunidades quilombolas possuem um papel fundamental para o reconhecimento da herança da tradição africana, por meio do legado atemporal que se faz presente numa forma cíclica que se adapta no tempo e espaço, sem perder seus valores e princípios, renovando sua coletividade e mantendo a oralidade entre as gerações, tal qual os autores Delfino e Cunha Júnior (2018) colocam a seguir:

O contexto literário que abrange a oralidade é exercido com especificidade na construção do saber coletivo e pode ser plural nas expressões, a fim do aprendiz cognir todo o entendimento e aprendizado. Dentro da prática da oralidade é necessário que haja o entendimento primeiramente, que conseqüentemente através do ouvir, praticar, interiorizar, externizar e eternizar com o meio humano e natural de contato, acontecerá o que chamamos de aprendizado real. Os meios para que haja a absorção do conhecimento acontece através da prática do oralizar e para isto o mais velho que guarda a tradição oral transmite os conhecimentos de seus ancestrais através de atividades didáticas que podem ser provérbios, adivinhas, fórmulas didáticas, histórias etiológicas que explicam o porquê das coisas, propondo sempre a interações e interpretações através do raciocínio lógico e jogos e se traduzem através das práticas em experiências didáticas. (...) É dentro do contexto que abrange a identidade e memória cultural que está a importância da oralidade que tem grande importância para a história do nosso povo a mesma nos é herdada através dos mitos existentes dentro de algumas comunidades de remanescentes quilombolas (DELFINO; CUNHA JUNIOR, 2018, p.159-160).

Para Delfino e Cunha Júnior (2018) a oralidade é o que mantém o pertencimento através da herança ancestral de cultura, tradição e genética, e que impede que as novas gerações sejam esquecidas dentro da própria nação, que cada vez mais corre riscos de valorizar menos sua própria cultura. E segundo Cavalcante e Beltrão (2016), a narrativa para os jovens quilombolas tem um diferencial considerando a necessidade de explicações sobre o seu passado e presente, orientando sobre sua luta de resistência, sobre seus antepassados, moldando sua consciência social e histórica. Assim como os jovens quilombolas da Comunidade Salinas (MOURA, 2020) trouxeram como destaque a protagonização em movimentos sócio-reivindicatórias por meio da interação com os adultos e idosos da comunidade, fortalecendo os elementos culturais, reanimando a ancestralidade e refazendo os laços de pertencimento ao grupo social afrodescendente. Por fim, para Silva e Silva (2018), as manutenções das suas tradições, de sua

cultura foram e continuam sendo a forma de resistência das comunidades negras, especialmente através das tradições orais que permitem que essa cultura perpassasse as gerações futuras.

No que se refere aos idosos quilombolas, Barros (2016) os coloca em um papel importante nas comunidades, no intuito de contribuir para a reelaboração de suas histórias e de seguirem transmitindo seus conhecimentos aos mais jovens, por meio de narrativas que contribuem para o sentimento de pertença e identidade territorial. De acordo com Oliveira et al. (2018) as mulheres idosas são valorizadas nas comunidades quilombolas, pois são consideradas como matriarcas e assumem o papel de transmissora de valores, da história e cultura dos seus antepassados através das gerações. Segovia et al. (2015) reforçam ainda que o ato de contação de histórias de idosos se torna um ato terapêutico para eles, pois muitos carecem de vínculos afetivos familiares e sociais, além de contribuírem com sua visão de mundo à comunidade, e tudo isso são constitutivos da identidade de cada pessoa e sem tais memórias ou sem o ato de compartilhamento não haveria identidade, logo, sem memória, não há identidade.

Para o ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra quilombola, o escritor Antonio Bispo dos Santos (2015) traz em sua obra sobre modos e significações que seu conhecimento foi transmitido pela oralidade através de Mãe Joana (mestra de ofício que o passou saberes ancestrais), que se tornou referência na sua aquisição dos saberes. Ele cita que há “começo, meio e começo” por meio de gerações que geram confluência, ou seja, “geração avó” e “geração neta”, e no meio a “geração mãe”, e tendo ele adquirido os saberes da matriz (geração avó) possui a missão de traduzir através de uma linguagem mais resolutiva às gerações seguintes (SANTOS, 2015).

Rabelo et al. (2018) também aborda a figura feminina como destaque nas configurações familiares, em que matriarcas negras, em sua maioria idosas, chefiam as famílias negras, se contrapondo à concepção do modelo nuclear. Tal estrutura expõe o papel da mulher que é mãe e avó, e ao mesmo tempo mantém o controle do grupo doméstico, algo bastante tradicional em culturas afrodescendentes. Todo esse poder centrado nas idosas matriarcas acarretam sobrecargas emocionais, financeiras e físicas, por terem a função de provedoras e cuidadoras desses lares, exigindo um cuidado maior à saúde mental delas. Os autores acrescentam que a transmissão transgeracional das matriarcas negras contribuem para a construção de uma identidade coletiva positiva e afirmativa.

Santos (2017) nos traz ainda que o modelo de educação tendo como referência os saberes adquiridos pela idade, valoriza os saberes locais uma vez que valoriza as experiências, as técnicas, imaginários e representações presentes nas práticas sociais dos mais velhos (idosos

da comunidade), transformando o material colhido em fonte de conhecimento para os mais jovens que vivem na comunidade. Esta técnica assegura a continuidade dos saberes deixados pelas gerações passadas e funciona como uma fonte de assimilações de outros saberes atualizando, a rigor, o repertório sociocultural da realidade cotidiana na comunidade. Segovia et al. (2015) afirmam que essas memórias acessadas através dos idosos quilombolas, seja de forma individual ou coletiva, contribuem para um despertar de lembranças que reforçam o processo identitário, e promovem o uso do espaço, do território, dos seus saberes e dos fazeres dos moradores da comunidade quilombola.

Desde muito cedo, crianças e adolescentes crescem e se desenvolvem mergulhados em cultura e socialização em sua vivência em comunidade. Para Vigotski, o meio social é constitutivo da pessoa, trata-se do princípio da natureza e origem sociais das funções superiores, e por isso atribuía grande importância ao domínio da cultura no processo de desenvolvimento psicológico da criança, voltando assim seus estudos para as relações entre cultura e desenvolvimento (SIRGADO, 2000; MARTINS; RABATINI, 2011; FERNANDES; LOPES, 2018). A vivência de uma criança entre adultos é um dos componentes do meio ao qual exercerá influência em seu desenvolvimento, através da sua interpretação, pois o meio social age na criança para criar nela as funções superiores de origem e natureza sociais (SIRGADO, 2000). Logo, ao analisarmos o desenvolvimento da infância em uma comunidade quilombola, é possível perceber o enraizamento na cultura que surge por meio da cooperação, da aprendizagem e da presença do outro, que pode ser seu pai, sua mãe, seus avós, ou parentes e vizinhos, entre outros. Existe um vínculo forte entre o território e a cultura, configurando um universo simbólico naquela localidade, que envolve o sentido e o significado que os sujeitos constroem na relação com seu espaço.

A posição do adulto frente à criança, que recebe a informação pela oralidade, é um lugar de conhecedor, de orientador de saberes, de transmissor de vivências. A memória contada é herdada através da tradição afrodescendente e vem sob diferentes formas, nos diálogos, hábitos, palavras, gestos e costumes, são consideradas as bases, as raízes da comunidade quilombola, onde o pensar e o fazer são indissociáveis (NYAMIEN, 2016).

2.4 Lugar de Saber: território, diálogos e afetos

Os quilombos contemporâneos partilham da ideia de se pensar o território quilombola como um local onde se constroem e se propagam saberes, em que gerações ensinam novas

gerações, um lugar onde se preserva uma cultura ancestral, que permite que os indivíduos reflitam sobre sua própria condição negra, adquirindo estima de lugar. Bomfim (2010) define estima de lugar como:

[...] uma forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído. Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar (BOMFIM, 2010, p. 218).

Compreende-se a afetividade do lugar como um indicador de como um indivíduo sente e está implicado nesse espaço, sentindo afeto e emoções como indicadores de ética e cidadania. A afetividade não é apenas o vínculo daquele indivíduo ao ambiente em que ele está, diz respeito a todos os sentimentos e emoções envolvidas, que naturalmente podem ser negativas ou positivas. A forma como um habitante se implica em seu território pode ser um indicador de sua ação, ética ou de uma racionalidade ético-afetiva na cidade (BOMFIM, 2010).

Sob o olhar da Psicologia Ambiental, Moser (1998) afirma que a percepção, a avaliação e as atitudes de um sujeito frente ao ambiente estão sempre sendo mediadas pelas dimensões socioculturais, ou seja, o modo como esse indivíduo percebe, avalia e toma atitudes de acordo com o que está disposto em seu ambiente físico e social. Se faz necessário avaliar a pessoa no contexto das suas relações e inter-relações envolvendo outras pessoas e o meio ambiente, muito embora o caráter dessas relações seja dinâmico, tanto em espaços físicos naturais, quanto nos ambientes construídos e moldados, uma vez que tal construção também é fruto da influência da conduta humana em relação ao mesmo ambiente. Dentre os pressupostos que a Psicologia Ambiental aborda, a dimensão temporal representada pela noção de tempo e história, interfere diretamente na identidade residencial de um indivíduo por aquele dito ambiente, ou em outras palavras, age sobre o sentimento de pertencer e de se identificar sua residência atual.

Busca-se entender, portanto, que o indivíduo é um indivíduo em um lugar (Bomfim et al, 2013), e essa interação com o ambiente – que nesta oportunidade reportamos à comunidade quilombola – perpassa a assimilação das dinâmicas interpessoais. O pertencimento dos povos quilombolas e a territorialidade, categorias anteriormente exploradas, estão diretamente envolvidas nos sentimentos que as antigas e novas gerações estão adquirindo na relação dialógica e nas implicações com o ambiente. Dentro dessa relação dialógica, na transmissão dos saberes, gerações repassam e estimulam sentimentos ligados à identidade cultural, à luta pelo território, ao cuidado com a biodiversidade e o meio ambiente, à conservação dos costumes e tradições ancestrais, às manifestações religiosas, como também aos anseios, aos preconceitos,

aos estigmas e outros sentimentos ligados ao sistema escravista e suas consequências sócio-históricas.

Se identificar e se reconhecer em um ambiente depende da construção dos afetos pelos indivíduos em suas relações, em que é válido salientar que a relação com o ambiente não constrói apenas afetos felizes ou positivos, mas também afetos tristes ou negativos, e a qualidade desses afetos que viabiliza algumas condutas e/ou inviabiliza outras, de acordo com Moser (1998). Espinosa (1996) *apud* Bomfim (2010), ao desenvolver a teoria dos afetos, coloca que quando os afetos são permeados pela alegria, eles potencializam uma ação; em contraste, quando são expressões de tristeza, geram potência de padecimento. Já Sawaia (2000) *apud* Bomfim (2010), afirma que a afetividade é uma noção alicerçada no processo de ação-transformação na sociedade, que permite que o indivíduo obtenha a capacidade em prol da manutenção do ser, que pode ser a si mesmo ou o coletivo; e os seus afetos podem ser adequados ou inadequados, a depender das suas paixões ou conformismo.

O reconhecimento cultural e territorial dos jovens quilombolas em relação ao seu ambiente apresenta uma construção ética, política e afetiva, que envolve sua história ancestral e as relações dialógicas com outros indivíduos da comunidade; por meio da intersubjetividade, as emoções e os sentimentos podem implicar na capacidade desses jovens de perseverar, buscar autonomia, de não se colocar em servidão e de gerar ações participativas nas questões políticas, se indignando diante da anulação de um passado histórico e da degradação e marginalização de áreas da comunidade (BOMFIM, 2010).

Se apropriar dos espaços e se identificar junto ao seu ambiente requer o sentimento de apego e de defesa com o seu lugar, como pontua Bomfim (2010, p.78), pois é o “sentimento de pertencimento que possibilita a transformação de espaços em lugares, promovendo o cuidado do habitante com sua localidade ou comunidade”, logo, a identificação e a apropriação são fundamentais para a ação-transformação, e no que corresponde aos jovens quilombolas, é possível afirmar que se eles se identificam socialmente com o ambiente, podem mudá-lo e criar significados, construindo uma cidadania responsável.

Os sentimentos e emoções que cada habitante desenvolve pela cidade ou espaço em que mora torna-se um processo difícil de operacionalizar, ou seja, de se tornar algo tangível e capaz de ser identificado, conforme coloca Bomfim (2010), levando à autora a instrumentalizar uma metodologia que pudesse abarcar tais significados por meio de palavras e imagens externalizados em desenhos e por metáforas, e assim, qualificar os afetos. Ao processo de definição ou explicação de imagens e metáforas para a articulação de sentidos, foi dado o nome

de construção de mapas afetivos, através do qual foram formadas imagens de “contraste; atração; destruição; caixa de surpresas; agradabilidade e movimento” (BOMFIM, 2010, p.152).

Os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, porque acessam sentimentos de forma sintética e propiciam a aproximação destes sentimentos à realidade da vida cotidiana. Como eles são uma forma de acessar os significados atribuídos pelo indivíduo a um objeto de sua realidade, eles podem ser aplicados não somente às questões urbanas ou à cidade. O mais importante deste recurso é a possibilidade de construção da afetividade como dimensão psicossocial. (...) Os mapas afetivos são representações do espaço e relacionam-se com qualquer ambiente como território emocional. Os mapas afetivos são instrumentos reveladores da afetividade e indicadores da estima da cidade (BOMFIM, 2010, p.221-222).

Em sua pesquisa, Bomfim buscou compreender como o afeto indica a estima da cidade, definindo a estreita relação entre a estima positiva e ética, e a estima negativa. A estima de lugar se caracteriza como “uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar” (BOMFIM, 2010, p.218). A estima positiva pode ser qualificada como potencializadora, ocorre quando há possibilidade de transformação da cidade e o indivíduo se vê identificado e engajado em ações reivindicativas, se compondo de imagens de pertencimento e agradabilidade. Já a estima negativa, ou despontencializadora, dificulta a apropriação da cidade, através de sentimentos de indiferença e descaso por parte dos indivíduos, derivada da insegurança e da destruição (Bomfim, 2010).

Destarte, analisando o papel do território e os afetos que envolvem os jovens no processo de diálogo entre gerações na Comunidade Quilombola Carnaúba II, e considerando que a estima de lugar sugere as implicações do sujeito com o lugar onde vive, nos faz pensar a partir da hipótese que a estima de lugar potencializadora desenvolve sentimentos que permitem que haja identificação e apropriação do sujeito com a sua comunidade, em uma relação na qual são promovidos afetos que potencializam seu pertencimento e permitem ações de transformações e continuidade de suas tradições, enquanto a estima de lugar despontencializadora expõe qualidades que se relacionam com a comunidade tais como vergonha, insatisfação, insegurança, revolta, produzindo o afastamento desse sujeito da sua comunidade e cultura.

Quando se trata de dar continuidade às tradições ancestrais e de promover pertencimento e identificação em uma comunidade tradicional quilombola, há a necessidade de diálogo entre gerações, conforme colocado anteriormente por diversos autores (NASCIMENTO, 1985; CUNHA JUNIOR, 2005; OLIVEIRA, 2013; MACEDO, 2015; SANTOS, 2015; SEGOVIA ET AL., 2015; CAVALCANTE; BELTRÃO, 2016; BARROS, 2016; NYAMIEN, 2016; SANTOS, 2017; DELFINO; CUNHA JUNIOR, 2018; OLIVEIRA ET AL., 2018; RABELO

ET AL., 2018; SANTOS; NUNES, 2018; SILVA; SILVA, 2018; SANTOS ET AL., 2019; MOURA, 2020). Paulo Freire (1987), em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, aborda a importância do diálogo nos processos educacionais e na construção do saber como uma ferramenta essencial para a comunicação entre os homens e a conquista revolucionária de sua libertação. Para Freire (1987), aquele que se compromete com a libertação dos homens, não teme o diálogo com o povo, do qual resulta o saber de ambos, e, portanto, comunga dos seus saberes porque ninguém se liberta sozinho ou sem saber, sem que haja a reflexão crítica, já que a libertação ocorre em comunhão e com revolução. Aquele que aprende não deve ser colocado como mero depósito de saber, deve ser incentivado a transformar e se libertar a partir do que ouve, porque “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p.66). Partindo desses pressupostos, no diálogo intergeracional, adultos e idosos quilombolas compartilham seus saberes ancestrais com os mais jovens da comunidade numa interação necessária à manutenção da sua ancestralidade ao mesmo tempo que incentivam a revolução desses jovens, na conquista de sua libertação e identificação com suas raízes.

Considerando que para Moser (1998) a Psicologia Ambiental tem por função “analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente” (MOSER, 1998, p.8); que para Bomfim (2010) “o ambiente é um território emocional e que os afetos são expressões da dimensão do significados” (BOMFIM, 2010, p.96); e que para Freire (1987), o diálogo na existência humana é a principal ferramenta “com que os homens transformam o mundo”, pois (...) pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 1987, p.92); e que o objetivo desta pesquisa é o de compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II, que surgiu a pergunta: Como compreender a influência dos saberes ancestrais na formação da identidade cultural e territorial dos jovens quilombolas e quais as implicações deles nos afetos que envolvem jovens e idosos no diálogo intergeracional na Comunidade Quilombola Carnaúba II?

Para tanto, como cita Bomfim (2010, p.137), foi necessário buscar uma metodologia que pudesse “facilitar o processo de tornar tangível o intangível, pela fundamentação de um instrumento que abarque imagens e palavras”, bem como que captasse os significados e sentimentos atribuídos por jovens e idosos aos lugares da comunidade, e, por fim, apontando em quais locais ocorrem os diálogos intergeracionais ou que ainda se mantém ativas as práticas

culturais e históricas, responsáveis por manter a transmissão de saberes ancestrais e garantir a continuidade das tradições da comunidade; e assim surgiu a ideia de construção de Mapas Afetivos a serem aplicados em jovens e idosos da comunidade, com o objetivo de compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Quilombola Carnaúba II.

Desta maneira, levando em consideração pressupostos estudados sobre território, diálogo e afetos, tomando por base a perspectiva da Psicologia Ambiental e da Psicologia Sócio-histórica, e sentindo a necessidade de conhecer os espaços da comunidade em que ocorrem o diálogo intergeracional, foi proposta a construção da categoria “lugar de saber”, exclusiva deste estudo, compreendida como um local onde ocorrem as trocas, os diálogos e as interações entre gerações, que possibilitam a transmissão intergeracional de costumes, tradições, hábitos e demais patrimônios culturais e históricos da comunidade quilombola Carnaúba II. Como categoria social, o lugar de saber vem dar significado ambiental na dimensão de afetos e de sentimentos sobre a comunidade. Uma vez que os mapas afetivos podem ser aplicados a outros objetos da realidade e em outras áreas de conhecimento, como a educação, será fundamental para acessar os significados atribuídos por jovens e idosos à comunidade e permitirá a construção da análise da estima desses indivíduos.

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

Compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II.

3.2 Objetivos Específicos

- Identificar os lugares de saber e de diálogo intergeracional que valorizem a história e cultura local da Comunidade Quilombola Carnaúba II;
- Analisar os afetos de jovens e idosos quilombolas envolvidos em processos de diálogo intergeracional;
- Possibilitar junto à comunidade quilombola a criação de um livro como estratégia pedagógica de mediação da intergeracionalidade entre jovens e idosos.

4 METODOLOGIA

De acordo com Zanella et al. (2020), a pesquisa em Psicologia Sócio-histórica proposta por Vigotski tem se consolidado como referência em pesquisas que discutem o processo de constituição do sujeito em diferentes contextos e condições sociais. Um dos principais pontos de análise está a compreensão do sujeito como fundamentalmente histórico e cultural, manifestação própria das suas relações sociais, onde é impossível dissociar o sujeito do seu contexto; caracteriza-se também pela concepção da realidade como complexa, da interdependência entre os fenômenos e da mútua constituição de sujeitos e sociedade. Destaca ainda que para Vigotski, estudar objetos e fenômenos da realidade é estudá-los em movimento, através da sua dimensão histórica, sem se ater apenas ao passado.

Segundo Gonçalves (2007), Vigotski propôs um método novo para a pesquisa em Psicologia, rompendo com as dicotomias de concepções objetivistas ou subjetivistas, por meio do materialismo histórico e dialético; dessa forma, acreditando que fenômenos psicológicos seriam resultados da constituição social do indivíduo, de modo que a relação dele com a sociedade interfere na sua subjetividade. A relação comportamento-cognição-afeto só é possível através das mediações sociais e da consciência construída no processo de sujeito social. Logo, para Vigotski não existia um método alheio a uma concepção de realidade, de relação homem/mundo.

Aguiar (2007) afirma que González Rey apontava preocupações semelhantes em relação a um método de pesquisa que contemplasse a subjetividade. Para González Rey (1997, *apud* AGUIAR, 2007), o externo só tem sentido quando em contato com o meio interno, destarte, “o social não pode definir-se como externo ao subjetivo, mas como um dos seus determinantes essenciais” (AGUIAR, 2007, p.107). Na pesquisa qualitativa, é necessário compreender o instrumento como um meio que serve para induzir a construção do sujeito, logo não há uma maneira direta para a produção de resultados finais, mas uma forma de produzir indicadores.

Molon (2008) traz que a escolha pela pesquisa em Psicologia com abordagem Sócio-histórica está relacionada ao enfrentamento de questões metodológicas presentes nas investigações dos processos de constituição do sujeito e dos processos de subjetivação nas relações intersubjetivas, que envolvem as práticas sociais e também pedagógicas nos mais variados contextos culturais, tendo seu eixo nas contribuições da Psicologia Social e suas reflexões sobre a singularidade e subjetividade humana. Tal método articula direta ou indiretamente com o objeto, o problema, o referencial teórico e os procedimentos

metodológicos, como também na relação do pesquisador com a realidade, pesquisador(a) e pesquisado(a), e nas possibilidades de análise e reflexões possíveis.

Em um contexto como uma comunidade tradicional quilombola, se faz necessário que haja a aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo, exigindo do(a) pesquisador(a) “uma inserção mais profunda no cotidiano dos investigados” (GOIS, 1994, p.44). Dentro de comunidades, a observação-participante é de grande valor por permitir uma presença ativa do(a) pesquisador(a) como alguém que também passa a fazer parte desse espaço durante sua atuação, algo que não seria possível se a interação e a convivência fossem de maneira superficial. Queiroz et al. (2007) acrescentam que a aproximação precisa ser realizada com paciência e honestidade, pois os pesquisados precisam ser tidos como protagonistas e não simples objetos de estudo. Ainda, segundo Martins (1996; *apud* Mónico et al., 2017), a observação participante é uma metodologia que possibilita o(a) pesquisador(a) compreender e intervir nos diversos contextos pesquisados, permitindo uma aproximação do cotidiano das pessoas pesquisadas obtendo o conhecimento das suas representações sociais, da dimensão histórica e sociocultural dos processos envolvidos; além de poder intervir nesse mesmo contexto e contribuir para a atenção das necessidades desses indivíduos.

Logo, uma vez que pretende compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II, através da identificação dos lugares de saber e de diálogo intergeracional que valorizem a história e cultura local, assim como analisando os afetos de jovens e idosos quilombolas envolvidos em processos de diálogo intergeracional, esta pesquisa tem delineamento qualitativo e seu método se insere na psicologia sócio-histórica, por meio da observação participante e da construção de Mapas Afetivos - IGMA (Instrumentos Geradores de Mapas Afetivos).

Tomando por base a revisão de literatura e a estruturação das categorias que sustentam teoricamente esta pesquisa, se deu o processo de construção dos Mapas Afetivos (BOMFIM, 2010) e coleta dos dados, que será apresentada a seguir, nos Resultados e Discussão.

4.1 Caracterização do campo da pesquisa

A pesquisa ocorreu na Comunidade Quilombola Carnaúba II, situada no sítio Carnaúba II, a 9 km da cidade de São Benedito (CE) (ver Figura 1) e a 360 km da capital do Estado, Fortaleza. A Comunidade Negra Rural de Carnaúba II, conhecida anteriormente por “Carnaúba dos Grilos”, possui um grande povoado com cerca de 770 habitantes, que comungam de valores

culturais e se originaram das mesmas raízes familiares (Famílias Luna, Pai Zé, Paulino e Silva), consideradas as fundadoras da comunidade.

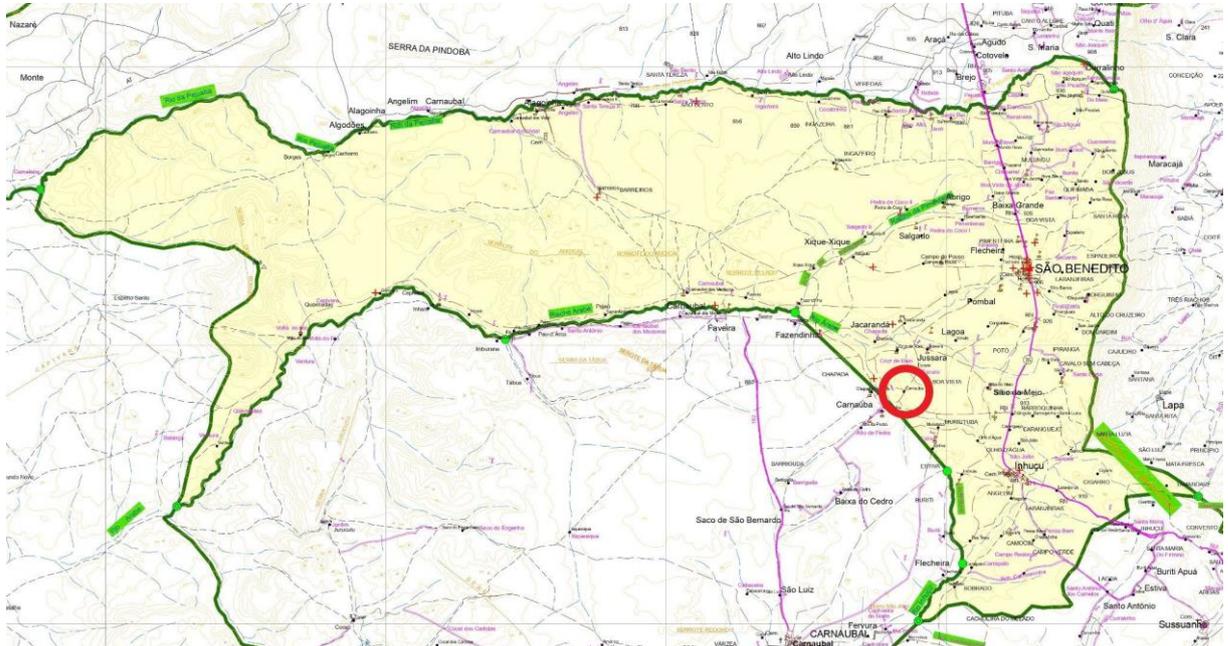
Figura 1: Localização de São Benedito (CE)



Fonte: Wikipedia (2022).

A comunidade quilombola Carnaúba II (ver Figura 2) é composta por cerca de 225 famílias que fazem parte da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Sítio Carnaúba II (ARQUISC), cujo objetivo é atender aos interesses da comunidade. Também atuam na região os profissionais das políticas públicas de Saúde, Educação, Assistência Social, Infraestrutura, Esporte, Cultura e Agricultura.

Figura 2: Mapa de São Benedito com a área marcada do Sítio Carnaúba II.



Fonte: Adaptado de Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) (2019).

Quanto à economia e renda, sua população, predominantemente negra, vive da agricultura de subsistência e artesanato, plantando pequenas roças para o consumo ou trabalhando ainda para os patrões (donos de terras). Alguns agricultores vendem a produção adquirida na feira livre da cidade de São Benedito ou de outros povoados próximos. Aqueles que não trabalham nas roças, estão empregados em serviços públicos ou privados existentes na cidade, como uma floricultura que fica nas proximidades da região.

O clima da região é o semiárido, em que predomina a vegetação da caatinga, apesar de estar localizada na Serra da Ibiapaba e dispor de temperaturas mais baixas que em outros municípios do Estado.

Em termos de infraestrutura, a comunidade não é pavimentada, não possui ruas e nem calçadas, muito menos rede de esgoto, sofre com a falta de acessibilidade e de oferta de alguns equipamentos pertencentes às políticas públicas. Contudo, a comunidade não desanima frente às condições precárias que vive e demonstra autoestima e orgulho em manter ativas suas manifestações culturais e sua luta para o reconhecimento de sua identidade.

Algumas das carências citadas durante os encontros da pesquisadora e a comunidade dizem respeito à inexistência de ensino dedicado ao fortalecimento de sua cultura e identidade étnicas, cujo prédio anteriormente ocupado pela escola se encontra desativado, e à falta de

visibilidade social de suas experiências e memórias. Por meio da inserção da pesquisadora, chegou-se à necessidade de propor um projeto em torno do fortalecimento da identidade étnica, a fim de buscar uma maneira de promover junto à comunidade a valorização e a transmissão do patrimônio cultural aos jovens quilombolas, como meio de afirmação da dignidade e da diversidade cultural desse povo, propondo a criação de um produto técnico que abarcasse a historicidade e as tradições ancestrais da comunidade.

4.2 Participantes

Por se tratar de uma pesquisa que visa compreender o papel do território na transmissão entre gerações de remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II, foram selecionados três estágios de desenvolvimento a fim de analisar os afetos envolvidos em processos de diálogo intergeracional, portanto foram convidados jovens (de 18 a 30 anos) e alguns adultos e idosos (a partir de 50 anos) de forma voluntária, através dos encontros realizados na ARQUISC.

Apesar do objetivo deste estudo ter como participantes jovens e idosos quilombolas da Comunidade Carnaúba II, serão agregados ao quadro jovens os participantes com até 30 anos e ao de idosos, os adultos a partir de 50 anos. Segundo o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) são considerados jovens as pessoas com idade entre 18 e 29 anos, e segundo o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), são idosos as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Levando em consideração que a comunidade quilombola Carnaúba II possui como representação social da juventude pessoas com até 30 anos, e que, em diversas comunidades tradicionais as lideranças também são reconhecidas como pessoas dotadas de saberes ancestrais e podem perpetuar o legado da transmissão intergeracional, terão como critérios de inclusão jovens de até 30 anos e todas as lideranças a partir de 50 anos.

A priori seriam 30 (trinta) participantes, mas ao longo da pesquisa foi necessário reduzir a amostra em função da dificuldade de acesso a alguns idosos (regiões sem acessibilidade ou por estarem acamados), por questões sanitárias e de saúde (contingências pela pandemia do Covid-19 e outras viroses) e pela saturação dos conteúdos encontrados nos instrumentos de coleta de dados. A coleta de dados foi encerrada assim que foi considerada suficiente para obtenção do objetivo e quando não havia mais dados inéditos.

Foram aplicados 14 (catorze) mapas afetivos, cujos participantes se dividiram em sete jovens (entre 23 e 30 anos) e sete idosos (entre 51 e 88 anos) que foram selecionados através dos critérios de participação na associação ou por escolha da vice-presidente da associação. A

aplicação e entrevistas foram realizadas no espaço da Associação ou nas residências dos idosos durante os horários de disponibilidade dos respondentes. Foram coletados também trechos que surgiram livremente em associação ao conteúdo abordado pela pesquisadora, que serão também apresentados nos Resultados e Discussões.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (ver Apêndice), que explicou sobre o estudo e sobre possíveis riscos e benefícios decorrentes deste, bem como sobre os direitos dos participantes e os deveres da pesquisadora responsável. Foi garantido sigilo das informações pessoais fornecidas pelos participantes, de modo que nenhum será identificado ao longo da apresentação dos resultados. Demais instrumentais e documentos gerados durante a pesquisa estão armazenados em local seguro e em posse da pesquisadora.

O parecer da Plataforma Brasil de Nº 5.091.312 atesta a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética no dia 09 de novembro de 2021 e estará no Anexo deste estudo, juntamente dos mapas afetivos que foram aplicados nos participantes da pesquisa.

4.3 Procedimentos

A inserção na comunidade é o campo de atuação da Psicologia Comunitária, onde Araújo (2015) destaca que o psicólogo comunitário deve se colocar na posição de visualizar e intervir no corpo do projeto, conduzindo realização da pesquisa e gerenciando o projeto na comunidade, numa ação-participante. Tendo em vista que a comunidade é o parâmetro avaliativo do andamento do projeto, pois apenas ela pode decidir pela sua necessidade ou não. Por fim, adentrar numa comunidade é deixar claro ao longo do trajeto da pesquisa qual o processo de intervenção que será adotado, objetivando a qualidade no desenvolvimento da vida naquela comunidade.

No contato com a comunidade é inevitável e natural a troca de afetos, e a afetividade dos habitantes de uma comunidade é algo bastante estudado pela Psicologia Social e Ambiental, que para Bomfim (2010) é a síntese do encontro do sujeito com seu espaço. Estudar sentimentos, emoções e processos culturais em uma comunidade requer um método que abarque a subjetividade e a torne tangível, dessa forma a metodologia dos mapas afetivos pretende revelar as implicações dos sujeitos com determinado ambiente (BOMFIM, 2008).

Para que houvesse a entrada efetivamente da pesquisadora no território e a coleta dos dados, foi seguido o percurso sugerido na pesquisa em Psicologia Sócio-histórica que consiste

em inserção na comunidade quilombola Carnaúba II por meio da observação-participante. Este processo permitiu à pesquisadora manter um vínculo maior com o lugar e seu cotidiano, e o envolveu a tríade relação-inserção-ação (GÓIS, 1994) registrando suas vivências e reflexões em um diário de campo. O diário de campo trata-se de um importante instrumento que permite o registro de informações e narrativas na pesquisa científica (OLIVEIRA, 2014).

Para a entrada da pesquisadora na comunidade, o percurso seguido foi inicialmente através do CREAS, local onde a pesquisadora atuava como técnica de referência; em seguida, com a articulação através de lideranças, por meio da vice-presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Sítio Carnaúba II (ARQUISC) e também agente de saúde da comunidade que, de pronto, demonstrou bastante interesse em pesquisas e estudos envolvendo a comunidade, numa tentativa de promover a visibilidade do seu povo; e assim ela organizou um momento na sede da associação envolvendo toda a comunidade e apresentando a pesquisadora.

O primeiro encontro com a comunidade foi marcado para o dia 22 de abril de 2021 (ver Figura 3), nessa ocasião foram apresentados os interesses de estudo da pesquisadora e as demandas que a comunidade classificava como urgentes, para que em um consenso fosse possível alinhar um problema para a pesquisa.

Figura 3: 1º encontro da pesquisadora com a comunidade.



Fonte: Arquivo da pesquisa. São Benedito, 2021.

Nesse encontro foram colocadas algumas queixas e potencialidades da comunidade, onde a principal demanda se caracterizou pela inexistência de uma escola de matriz curricular quilombola ativa na comunidade, muito embora houvesse um prédio desativado onde funcionou anteriormente a escola E.M.E.B Antonio Isaias de Maria (ver Figura 4). Conforme apresentado anteriormente, a escola foi desativada em 2014, com a afirmativa de “não possuir alunos suficientes para manter seu funcionamento”, permanecendo apenas a oferta do ensino infantil (creche).

Figura 4: Escola Municipal de Ensino Básico Antonio Isaias de Maria.



Fonte: Arquivo da pesquisa. São Benedito, 2023.

Na ocasião, alguns jovens estudantes de Pedagogia e outras licenciaturas apresentaram um projeto chamado “Criança Feliz”, com o objetivo de promover o resgate de elementos culturais e históricos através do diálogo intergeracional às crianças quilombolas de maneira didática, no intuito de se apropriarem de um espaço que já os pertence (a escola desativada). Esse projeto seria realizado com crianças entre 03 e 06 anos aos sábados quinzenalmente, e contaria com os relatos de idosos e lideranças comunitárias para construir materiais didáticos a serem repassados durante os encontros. Os jovens responsáveis pelo projeto expressaram seu desejo de obterem uma assessoria na construção e execução do projeto, como também na divulgação das ações que seriam realizadas, alinhando seus interesses ao da pesquisadora.

Dessa forma, estabeleceu-se uma parceria de assessoria aos jovens do Projeto Criança Feliz e a Associação da comunidade.

Após esse encontro e estabelecidas as competências de cada participante e da pesquisadora, alguns encontros por meio da plataforma Google Meet foram realizados, de modo prestar orientações iniciais sobre a construção do projeto e as etapas a serem desenvolvidas, dentre elas a aprovação do projeto na Plataforma Brasil como primeiro passo para dar início às intervenções.

Contudo, em função do avanço da pandemia por Covid-19 foram suspensas as atividades do Projeto Criança Feliz. Os encontros presenciais foram evitados por segurança sanitária e os encontros virtuais aguardaram a aprovação do Comitê para que não se configurasse um início precoce da pesquisa.

Após a autorização da pesquisa através do CEP, em 09 de novembro de 2021, a pesquisadora procurou novamente o grupo de jovens do Projeto Criança Feliz, mas obteve a informação de que haviam desfeito o grupo e conseqüentemente abandonado o projeto, não sendo possível realizar a assessoria. Em contrapartida, informaram que a Escola Quilombola voltou a funcionar apenas para as séries iniciais, abrindo uma nova perspectiva de pesquisa na comunidade. O contato com a liderança da comunidade Eliany Ribeiro foi restabelecido a fim de haver novamente a inserção da pesquisadora na comunidade em 14 de janeiro de 2022 (ver Figura 5), para dar início à aplicação dos IGMA mapas afetivos com os jovens e idosos e coletar os dados para a pesquisa.

Figura 5: novo encontro da pesquisadora com a liderança da comunidade Eliany Ribeiro.



Fonte: Arquivo da pesquisa. São Benedito, 2022.

Em função da mudança dos rumos da pesquisa e frente à necessidade colocada pela comunidade de fortalecimento de sua cultura e identidade étnicas por meio da visibilidade social de suas experiências e memórias, a pesquisadora propôs um novo projeto em parceria com as lideranças e a associação. O novo projeto tinha o propósito de promover junto à comunidade a valorização e a transmissão do patrimônio cultural aos jovens quilombolas, que abarcasse a historicidade e as tradições ancestrais da comunidade, e mediante escolha da comunidade, a sugestão foi a edição e publicação de um livro contendo dados sobre a história local, costumes e as tradições do povo quilombola Carnaúba II com fotos, textos, poemas e ilustrações criadas pela própria comunidade, em que apenas a organização e a diagramação do livro caberiam à pesquisadora. O material foi disponibilizado pela presidente e vice-presidente da Associação em parceria com a comunidade, que também se disponibilizou a redigir todo o texto e criar ilustrações e poemas para compor o livro.

Como parte do problema de pesquisa, houve outro estudo que se tratava da construção dos Mapas Afetivos (IGMA) como meio de análise dos afetos dos jovens e idosos quilombolas

envolvidos em processos de diálogo intergeracional e a construção da categoria lugar de saber. Os Mapas Afetivos foram desenvolvidos para possibilitar o acesso a sentimentos, emoções e processos culturais em relação ao lugar. Esta metodologia abarca a subjetividade e a torna tangível, revelando as implicações dos sujeitos com determinado ambiente (BOMFIM, 2010).

Conforme citado anteriormente, o instrumento de coleta de dados se trata do IGMA, apresentando uma estrutura com questões abertas e itens pré-definidos que o participante deverá responder. Para esta pesquisa foi construído um modelo de IGMA, a fim de se adequar à realidade e aos objetivos da pesquisa, cujo conteúdo foi organizado em uma estrutura com sete categorias, orientadas pelos estudos de Bomfim (2010), que são: Identificação, Desenho, Significado, Sentimentos, Qualidade, Metáfora e Sentido (ver Quadro 1).

Quadro 1: Itens do IGMA.

Identificação	Desenho		Significado
Número de identificação do sujeito; Sexo (gênero); Idade; Tempo de residência na comunidade; Profissão.	Imagem digitalizada do desenho realizado pelo participante.		Explicação do desenho declarada pelo sujeito.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Expressão afetiva do sujeito ao desenho e à comunidade.	Atributos do desenho e da comunidade, uma perspectiva sobre os lugares onde ocorrem trocas de saberes, apontados pelo sujeito.	Comparação estabelecida pelo sujeito entre a comunidade e o seu desenho.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da comunidade e as de outras dimensões atribuídas pelo sujeito.

Fonte: quadro adaptado de Bomfim (2010, p.151).

Os mapas afetivos foram aplicados no intervalo entre 31 de março de 2022 e 20 de setembro de 2022, respeitando a disponibilidade de cada respondente e priorizando o espaço domiciliar apenas aos idosos, os demais foram aplicados na associação. Também foram gravadas todas as aplicações no intuito de coletar informações que surgissem de forma natural

e/ou acrescentadas a cada resposta aos mapas afetivos. Essas gravações foram transcritas e os trechos que se adequaram aos objetivos da pesquisa foram selecionados.

4.4 Análise e interpretação dos dados

Após a construção dos mapas afetivos, para que haja a análise dos dados, todas as imagens deverão ser digitalizadas e as respostas escritas serão digitadas. Para análise dos mapas afetivos irei dispor de duas metodologias: análise de conteúdo (BARDIN, 1979), que permitirá descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e que podem oferecer significado para o objetivo a ser pesquisado, de modo interpretar mediante os objetivos previstos para o estudo; e análise dos dados qualitativos de IGMA (BOMFIM, 2010), que permite a codificação dos dados brutos em dados úteis e assim, condensando-os para construir quadros categóricos que permitirão compreender a estima de lugar.

A análise temática, propostos pela análise de conteúdo (BARDIN, 1979), levarão em conta as seguintes categorias: a) identificação de lugares onde ocorram o diálogo intergeracional na comunidade, a fim de saber se ainda ocorrem e como ocorrem; e b) análise dos afetos de jovens e idosos quilombolas, buscando compreender o pertencimento e reconhecimento desses indivíduos.

Esta análise parte da premissa que é indissociável o pensar, o falar, o olhar, o sentir, o fazer e o inventar, uma vez que o sujeito estando submetido a um procedimento de pesquisa, ele se apresenta e se manifesta na complexidade de suas experiências vividas. E nesse ínterim, busca-se um engajamento comprometido com a experiência do sujeito nas suas relações intersubjetivas e nas suas práticas sociais, portanto, uma análise que poderá provocar reflexões sobre como o diálogo intergeracional e os afetos implicam na identidade étnica e patrimônio cultural do povo quilombola pesquisado.

Quanto ao livro contendo as histórias da comunidade, vale salientar que este foi construído pela própria população, sendo função da pesquisadora apenas a organização e diagramação dos textos e imagens disponibilizados. O intuito deste livro é de constituir uma fonte educativa intercultural, que fornecerá visibilidade à comunidade e irá valorizar o patrimônio cultural por eles construído, para que possam elevar a autoestima e fortalecer sua identidade, além de provocar reflexões sobre as relações que os quilombolas têm com seu pertencimento e sua história.

O livro intitulado “Quilombo Carnaúba II São Benedito - Ceará: Memória, identidade e visibilidade de um povo” deverá ser disponibilizado física e virtualmente à comunidade e também publicado, no intuito de disseminar aspectos da cultura afro-brasileira como estratégia pedagógica para minimizar os preconceitos, as discriminações e o racismo que imperam na sociedade brasileira e atingem, sobretudo, negros, negras e negres de nosso país.

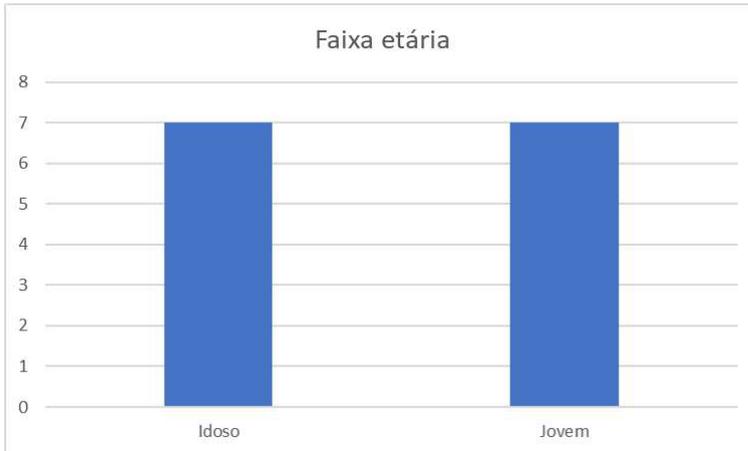
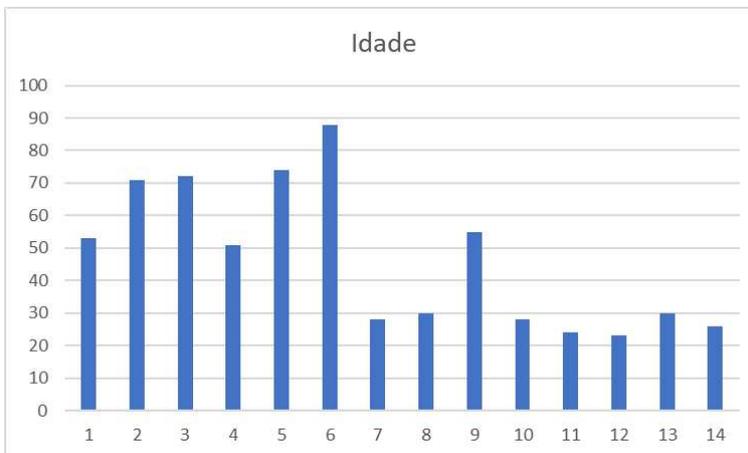
A sugestão de divulgar este livro em ambientes escolares e acadêmicos se constitui como uma forma de educação intercultural, promoção da cultura local e valorização da ancestralidade, já que muitas pesquisas sobre Educação Escolar Quilombola (EEQ) na Educação Básica e também em algumas universidades apontam que há uma ausência quase que total nos estados brasileiros de materiais didáticos que mencionem e destaquem as lutas sociais de povos quilombolas contra a opressão, desigualdade social e toda e qualquer forma de racismo, como também que contemplem as festividades, atividades econômicas, políticas e sociais do cotidiano quilombola (CUSTÓDIO; FOSTER, 2019).

Ao final deste estudo, seu relatório de avaliação deverá ser transcrito para um artigo a ser publicado.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Caracterização da amostra

Conforme ressaltamos na metodologia, foram aplicados 14 (catorze) mapas afetivos, divididos entre 07 (sete) jovens e 07 (sete) idosos (Gráfico 1), de modo que a quantidade ficasse equilibrada, uma vez que houve desistências em virtude da dificuldade de acesso a alguns idosos (regiões sem acessibilidade ou por estarem acamados) ou por questões sanitárias e de saúde (contingências pela pandemia do Covid-19 e outras viroses). As faixas etárias variaram entre 23 e 30 anos para os jovens e de 51 a 88 anos para os idosos (Gráfico 2).

Gráfico 1: Distribuição por faixa etária.**Gráfico 2:** Distribuição por idade de cada participante.

Em relação ao gênero, houve 11 (onze) pessoas do gênero feminino e 03 (três) pessoas do gênero masculino (Gráfico 3). E quanto às profissões, boa parte dos entrevistados trabalha na agricultura na própria comunidade (Gráfico 4).

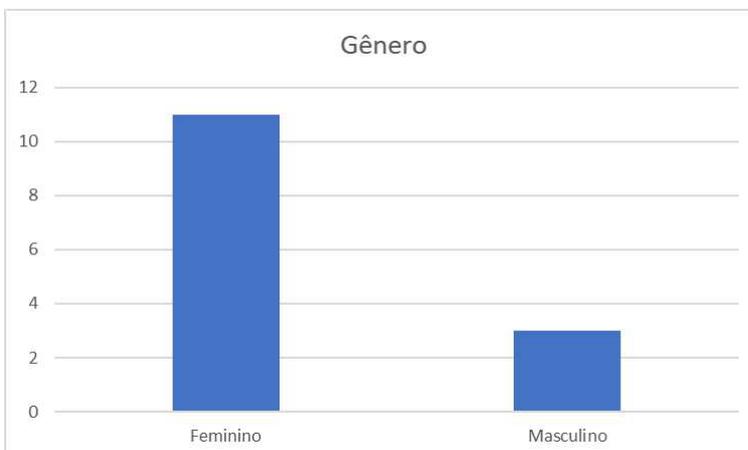
Gráfico 3: Distribuição por gênero.

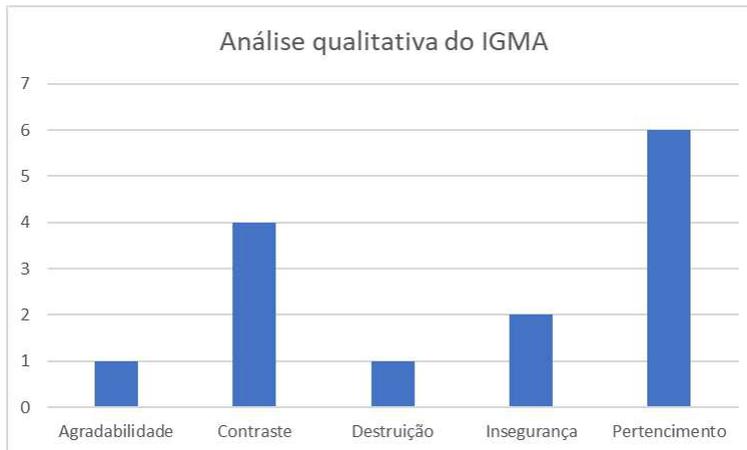
Gráfico 4: Distribuição por ocupação.

Por fim, sobre a quantidade de tempo que moram na comunidade, 12 (doze) participantes declaram que possuem mais de 20 anos que residem na comunidade e/ou nasceram na mesma, apenas 02 (dois) citam tempo igual a 08 anos na comunidade (Gráfico 5).

Gráfico 5: Distribuição por tempo que mora na comunidade.

5.2 Resultados da análise qualitativa do IGMA

Após a aplicação dos mapas afetivos (IGMA) e sua análise qualitativa, obteve-se os seguintes resultados: Agradabilidade (1), Contraste (4), Destruição (1), Insegurança (2) e Pertencimento (6), conforme está representado no gráfico 6.

Gráfico 6: Análise qualitativa do IGMA.

Conforme exposto anteriormente, para Bomfim (2010) a estima positiva está vinculada às imagens de pertencimento, transformação, identificação, atração e agradabilidade; já a negativa, está associada à indiferença, insegurança, descaso, contraste e destruição.

Pelos resultados obtidos, constatou-se que metade dos mapas afetivos trouxeram imagens de pertencimento e agradabilidade (mapas afetivos 02, 03, 06, 07, 09, 10 e 13) enquanto a outra metade demonstrou imagens de insegurança e contrastes (mapas afetivos 01, 04, 05, 08, 11, 12 e 14). A julgar pelo grupo etário, três jovens e quatro idosos demonstraram estima positiva em oposição a quatro jovens e três idosos que demonstraram estima negativa.

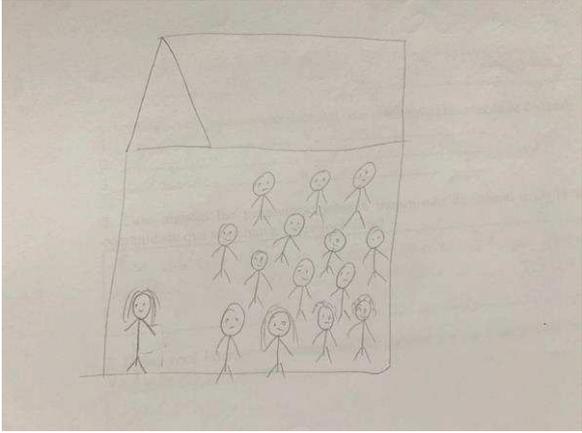
Dentre as imagens positivas relatadas, sobre o lugar de saber e o território da comunidade, temos relatos como: “o povo unido trouxe mais força e felicidade por participarem da comunidade”, “pessoas conversando embaixo das árvores como nos tempos antigos”, “rodas de conversa nas árvores e enquanto isso as crianças brincavam em volta”, “os mais idosos que transmitem tudo o que vivenciaram ao longo de suas vidas” e “os saberes vem de uma história vivida, vem de geração em geração”; e os sentimentos: “alegria”, “união”, “paz”, “simplicidade”, “orgulho” e “coragem”.

Acerca das imagens negativas, alguns se referiram ao lugar de saber e à comunidade da seguinte forma: “não acontece transmissão de saber na comunidade”, “tentam se encontrar, mas é difícil, nem todo mundo vai”, “a maioria dos jovens não compreende o que é quilombo”, “era diferente de hoje, porque os jovens e adolescentes não vivem como antes” e “a tecnologia atrapalha muito, antes à noite a gente se reunia nos terreiros”; e trouxeram sentimentos como: “tristeza”, “desvinculação”, “angústia”, “dor”, “decepção” e “frustração”.

As imagens de contraste são manifestadas através de sentimentos e qualidades ambíguas, com a polarização entre experiências positivas e negativas, trazendo características

que podem denotar agradabilidade e o pertencimento ao passo que revelam a insegurança e a destruição, como nos relatos em que declararam sentimentos de “alegria” e “tristeza”, “força de vontade” e “falta de vinculação”, “felicidade” e “medo”, “amor” e “decepção”, como colocado na categoria “Qualidade” dos Mapas Afetivos N° 08 (Quadro 2) e N° 14 (Quadro 3).

Quadro 2: Mapa afetivo N° 08.

Identificação	Desenho		Significado
N° 08 Feminino 30 anos Mora na comunidade desde que nasceu Dona de casa			Significa que na comunidade está cheia de pessoas idosas e poucos jovens.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Alegria, decepção, amor, tristeza, compreensão.	Me desperta alegria por ter pessoas que ainda se identificam como quilombolas, mas a maioria dos jovens não compreende o que é quilombo.	A casa da minha família e a associação da comunidade, que reúne muitas pessoas idosas.	É possível perceber a falta de identificação da jovem com relação à comunidade e uma leve indiferença quando questionada sobre sua cultura e relações comunitárias. Também há contraste potencializador em suas emoções.

Quadro 3: Mapa afetivo N° 14.

Identificação	Desenho		Significado
<p>N° 14 Feminino 26 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultora</p>			<p>Significa o nosso espaço de convivência, nossa morada, é o lugar onde a gente se mantém de pé para conversar, debater, se reunir para falar sobre os pontos positivos e os que precisam melhorar. É um local onde ocorre nossas apresentações, ensaios e isso o que nos mantém de pé e em união na dança e capoeira.</p>
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
<p>Alegria, emoção, força de vontade, tristeza, falta de reconhecimento, falta de vinculação.</p>	<p>Me sinto emocionada por fazer parte do movimento quilombola, força de vontade, mas também tristeza pela falta de reconhecimento e por não termos a ajuda que merecemos e nossos direitos, mas um dia chegaremos lá.</p>	<p>Eu lembro da Associação “Ponto de Cultura”, da escola, do EJA dos idosos, das residências com as avós contando aos netos, e quando falta a energia e não tem internet, a gente sempre ouve eles falando do passado.</p>	<p>A respondente demonstra contraste potencializador em sua fala, que fala com sentimentos agradáveis, estabelecendo seu vínculo e pertença, ao mesmo tempo que descreve sentimentos de tristeza e frustração pela falta de reconhecimento de sua comunidade.</p>

Quanto ao contraste, este pode ser potencializador ou despontencializador, a depender da forma como o indivíduo se identifica ou não com o seu território (BOMFIM, 2010). Dentre os mapas afetivos que indicaram contraste, todos foram descritos como contrastes potencializadores, pois os indivíduos reconhecem características do seu pertencimento e

identidade, mas não conseguem esconder a experiência de desânimo ou tristeza por enfrentarem dificuldades.

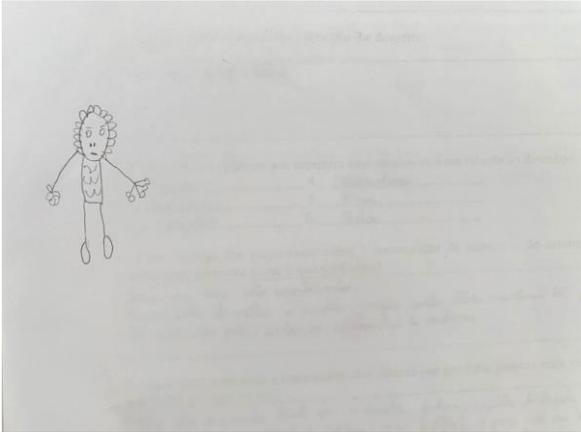
Dos sete jovens respondentes, a maioria trouxe imagens de contrastes (04) e os demais de pertencimento (03). O fato de jovens quilombolas trazerem sentimentos e experiências ambíguas pode estar associado à falta de reconhecimento e acesso às políticas públicas por parte da comunidade e no avanço das tecnologias em detrimento de vivências reais e contação de histórias, que por sua vez pode gerar uma juventude quilombola com dificuldades em se identificar com a sua cultura e história, não se mostrando resistente às desigualdades sociais, racismo e outros estigmas, e portanto, uma juventude que poderá optar por não permanecer na comunidade e ir em busca de outras regiões para se desenvolver. Na própria comunidade é comum que alguns jovens, ao atingirem a maioridade, busquem residir em outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro para obterem outras oportunidades no mercado de trabalho. Durante a aplicação do mapa afetivo N° 07 (ver Quadro 7), mediante relato que surgiu de forma natural, o jovem respondente citou ter morado durante mais de 20 anos no Rio de Janeiro em função de seus pais não terem encontrado melhores oportunidades na comunidade quilombola Carnaúba II. Há 08 anos, ao se aproximar de suas raízes, ele optou por retornar à Carnaúba II e construir sua família na comunidade em que nasceu. Este jovem é responsável por mobilizar projetos voltados a crianças, adolescentes e jovens que busquem se aproximar e reconhecer a cultura quilombola.

Os resultados alcançados neste estudo se assemelham aos de Silva e Silva (2018) e Silva (2015), em que jovens das comunidades remanescentes de quilombo de Bastiões (CE) e do Vale do Mucuri (MG) também demonstraram sentimentos dúbios, pois em meio às afirmações de satisfação com a vida que levam na comunidade em que vivem, de estarem próximos à família, desfrutando de liberdade e união entre os integrantes do povoado, acrescentam que estão insatisfeitos quanto às dificuldades financeiras, falta de estrutura de moradia e de transporte vivenciadas pelas famílias da comunidade, sendo muitas dessas dificuldades atribuídas à falta de acesso às políticas públicas.

Os jovens das comunidades remanescentes de quilombo do Vale do Mucuri (MG), em sua maioria, também almejam terminar a formação básica e seguir profissões para ingressar no mercado de trabalho fora da região que moram, em busca de melhores condições de vida; enquanto poucos preferem permanecer na comunidade e trabalharem na agricultura ou serviços domésticos; também relatam que sofrem racismo, mesmo de maneira “sutil” ou por meio de “brincadeiras”, principalmente no meio externo e na escola (SILVA, 2015).

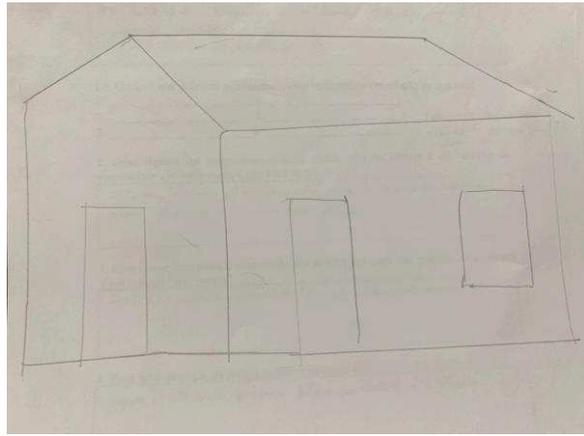
Um outro achado deste estudo está no fato de que todas as imagens de contrastes pertenceram aos jovens, e todas as imagens de insegurança pertenceram aos idosos. Dentre os sete idosos respondentes, houve dois que demonstraram imagens de insegurança, uma imagem de destruição, uma imagem de agradabilidade e três idosos relataram imagens de pertencimento. A insegurança e destruição, citadas nos mapas afetivos de idosos, podem estar atreladas às dificuldades de acesso às políticas públicas e aos direitos da população, bem como à falta de estrutura na comunidade e de espaços de interação, respectivamente. Sobre os trechos contendo imagens de insegurança e de destruição, respectivamente, destacam-se a categoria “Metáfora” do Mapa afetivo N° 01 (ver Quadro 4) e a categoria “Qualidade” do Mapa afetivo N° 05 (ver Quadro 5), respectivamente a seguir:

Quadro 4: Mapa afetivo N° 01.

Identificação	Desenho		Significado
N° 01 Feminino 53 anos Mora na comunidade desde que nasceu Benzedeira			Pensou em si, como uma pessoa que transmite cultura. Ela acredita que tem muitos saberes a transmitir às suas gerações.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Força, coragem, orgulho, disciplina, amor, poder.	Acho que não acontece transmissão de saber na comunidade, por isso há a necessidade de voltar a funcionar a escola, porque antes tudo acontecia lá: festas das mães, dos pais, as danças, os encontros de mulheres.	O “Ponto de Cultura” (<i>associação</i>) é onde tentam se encontrar, mas é difícil, nem todo mundo vai, não é como na escola, não tem gente trabalhando direto lá, é pequeno.	Para ela, o lugar que transmite cultura é a própria, indicando que não existe fisicamente espaço determinado ou espaço que haja identificação da maioria (insegurança). A transmissão é algo subjetivo e feito diariamente, pela própria comunidade.

			As pessoas que transmitem suas raízes e levam consigo os saberes .
--	--	--	--

Quadro 5: Mapa afetivo N° 05.

Identificação	Desenho		Significado
N° 05 Masculino 74 anos Mora na comunidade há 08 anos Aposentado			O respondente desenhou uma casa, pois acredita que ter uma casa na comunidade simboliza que essa pessoa estudou e teve chances no futuro.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Frustração, arrependimento, dificuldade, mudança, determinação, beleza.	Se tivesse terreno na comunidade para construir áreas de lazer e educação para a criançada, existiria muita coisa boa dentro da comunidade.	A casa parece com a minha. Aqui ainda tem cultura, agora a comunidade quilombola não tem chances para arranjar as coisas, tem dificuldade de acesso.	O respondente demonstrou sentimentos de insegurança quanto à comunidade e seu desenvolvimento, não colocando credibilidade na forma como está distribuída e em como seus atores interagem.

A conquista do território e a garantia dos direitos é uma construção que assume dimensões afetivas, culturais, sociais e políticas, pois o território para um povo tradicional quilombola é símbolo de luta, resistência e identidade, conforme Oliveira et al. (2018) colocam:

(...) os mais velhos geralmente trazem orgulho de ser descendentes de escravos, mas muito mais orgulho, eles trazem pela luta constante que vivem dia a dia pelas conquistas de seu território, conquista de um espaço na sociedade e principalmente, a conquista pela dignidade (OLIVEIRA et al., 2018, p.14).

Em relação ao direito à territorialidade quilombola, Marques e Gomes (2013) afirmam que não foi tematizado no espaço público geral desde a abolição da escravidão até a

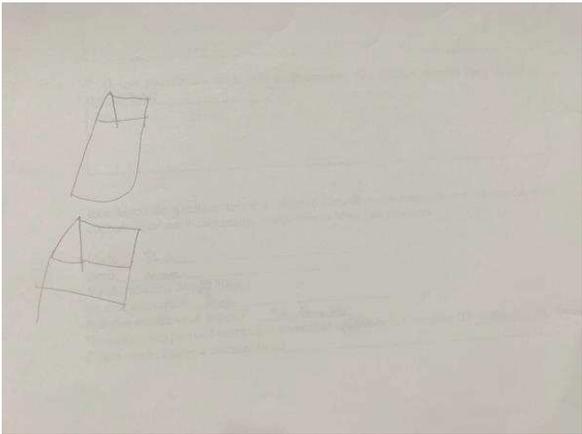
Constituição Federal de 1988, o que desencadeou “um déficit no reconhecimento dos direitos e a uma demanda acumulada para a efetivação dos direitos à territorialidade dos quilombolas” (MARQUES; GOMES, 2013, p.138).

Ainda sobre as imagens de insegurança, em relação aos direitos quilombolas, os mais velhos se preocupam em continuarem lutando pelos seus direitos desde seus antepassados, e apesar de atualmente serem assegurados pela Constituição Federal, esses direitos não são implementados, apenas escritos. Para Oliveira et al. (2018), a necessidade da resistência desses idosos está em preservar os direitos das gerações futuras, como à cultura, memória, terra e acesso às políticas públicas.

De fato, segundo Bomfim (2010), a estima negativa é um fato que impede a identificação e apropriação do sujeito à comunidade, gerando indiferença e descaso através dos sentimentos de insegurança e contrastes, que estão ligados diretamente à exclusão social extrema desencadeada pela falta de reconhecimento e de acesso e atuação eficaz das políticas públicas.

Ao que se refere à agradabilidade, quanto ao lugar de saber e território, este sentimento surge pela satisfação do indivíduo com a comunidade, como demonstra a categoria “Significado” do desenho do Mapa afetivo N° 02 (ver Quadro 6):

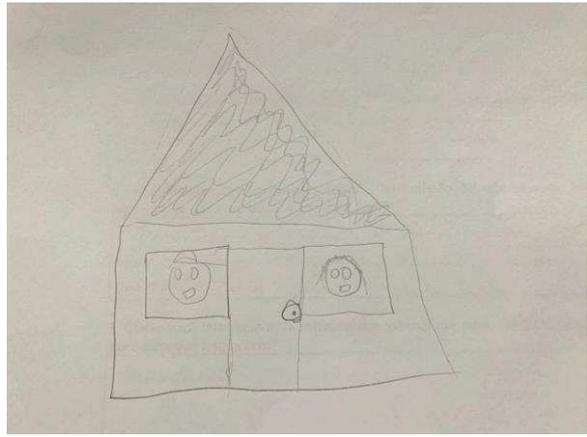
Quadro 6: Mapa afetivo N° 02.

Identificação	Desenho		Significado
N° 02 Masculino 71 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultor			Pensou numa casa que existe no seu quintal, onde ele realiza suas atividades diárias com a família.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Cuidado, família, amor, dificuldades, luta, força.	Pensei em coisa boa, que é uma casa que traz coisas boas para minha família.	A casa de farinha e a roça, porque a gente se encontra para trabalhar e discutir	O espaço que ele reside e trabalha, locais onde ele desempenha suas

		problemas da comunidade.	atividades diárias, constituem espaços de trocas, de encontros e de discussões sobre a comunidade. Demonstra o pertencimento com tudo que dispõe seu território, assim como sugere agradabilidade .
--	--	--------------------------	--

Em análise ao Mapa afetivo N° 02 (Quadro 6), como também ao relato durante a entrevista, a idosa respondente acrescentou que a casa de farinha mencionada é um local onde ocorrem encontros de gerações e trocas de saberes sobre seus antepassados, lá também repassam costumes e tradições antigas, sendo a casa de farinha um lugar onde os idosos e outros adultos gostam de conversar com os mais jovens enquanto trabalham e ensinam a produzir farinha. O autor do Mapa afetivo N° 07 (ver Quadro 7) complementa a fala da idosa na categoria “Qualidade”, conforme observamos a seguir:

Quadro 7: Mapa afetivo N° 07.

Identificação	Desenho		Significado
N° 07 Masculino 28 anos Mora na comunidade há 08 anos Desempregado			Tem significado de uma roda de conversa entre jovens e adultos, crianças e maiores de idade, transmitindo todo o seu conhecimento, cultura, danças e costumes.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Saudade, felicidade, tristeza, amor, alegria e esperança.	Eu cresci vendo as rodas de conversa, nas casas de farinha, em todo canto. Eu quero isso para os	A casa dos meus sogros, onde tem reuniões com os mais idosos que transmitem tudo o	A percepção do respondente à comunidade é de união, superação e esperança,

	meus filhos.	que vivenciaram ao longo de suas vidas.	demonstrando também identificação com os símbolos da sua cultura. Logo, é possível identificar relação com o pertencimento, apego ao território e de orgulho e de forte relação de identidade.
--	--------------	---	--

E por fim, a imagem de pertencimento, a qual se faz necessário compreender como está implicada aos jovens da comunidade, pois faz parte do problema desta pesquisa investigá-la. As imagens de pertencimento surgiram em três idosos e em três jovens, curiosamente chamando a atenção para a construção de pertencimento e reconhecimento quilombola em menos da metade de cada grupo etário. Ao analisar os sujeitos que indicaram imagens de pertencimento, vemos que todos apresentam uma construção de mobilização e participação social ativa pelo coletivo da comunidade; nasceram e moram na mesma comunidade até hoje; são atuantes e responsáveis por manter a associação; ou ainda pertencem às famílias dos primeiros moradores da comunidade, conforme os dados a seguir:

- a) Mapa afetivo nº 03: idosa reside na comunidade desde que nasceu, faz parte de uma família tradicional que originou a comunidade (Família Paulino), organizava danças e festividades, é atuante na associação e em outras atividades da comunidade, é uma das lideranças comunitárias;
- b) Mapa afetivo nº 06: idosa reside na comunidade desde que nasceu, faz parte de uma família tradicional que originou a comunidade (Família Silva), uma das benzedeadas da comunidade, ainda mantém suas tradições e repassa às filhas;
- c) Mapa afetivo nº 07: jovem faz parte de uma família tradicional que originou a comunidade (Família Paulino), mobiliza a comunidade em eventos e projetos voltados para o reconhecimento da cultura quilombola, participa de eventos no Ceará e em outros estados voltados para a visibilidade da comunidade Carnaúba II, é atuante na associação e em outras atividades da comunidade;
- d) Mapa afetivo nº 09: mora na comunidade há mais de 35 anos, mobilizou a comunidade para obterem o registro na Fundação Cultural Palmares, orientou a população sobre a tradição quilombola, foi presidente da associação e arrecadou fundos para sua

construção, organiza eventos e outras festividades importantes, atua como agente de saúde, é uma das lideranças comunitárias e é responsável pela manutenção da associação;

- e) Mapa afetivo nº 10: jovem reside na comunidade desde que nasceu, mobiliza a comunidade em eventos e projetos voltados para o reconhecimento da cultura quilombola e para parcerias que tragam recursos para os moradores, participa de eventos no Ceará e em outros estados voltados para a visibilidade da comunidade Carnaúba II, é atuante na associação e em outras atividades da comunidade, é artesã e ajudou na construção e manutenção da associação;
- f) Mapa afetivo nº 13: jovem reside na comunidade desde que nasceu, é atuante na associação e em outras atividades da comunidade, participa de eventos e festividades da comunidade, é artesã e ajudou na construção e manutenção da associação.

Das imagens de pertencimento em relação aos lugares de saber e ao território da comunidade, bem como ao sentimento sobre serem quilombolas, podemos citar trechos como:

Antigamente, no meu tempo de eu nova, eu dançava a cultura, quando fazia nas escolas, eu estava do começo ao fim dançando. (...) Eu penso que ainda tem (*cultura*), porque aqui todos os anos ainda tem, todos os anos faz, na colheita do feijão, da farinha (MAPA AFETIVO Nº 03).

Aqui era um terreno só, tudo uma família só (*indígenas e quilombolas*), aí a menina (*vice-presidente da ARQUISC*) formou esse outro (*se referindo ao registro da comunidade quilombola*) para termos direitos e termos paz. (...) Eu me lembro da minha mãe, quando a gente era pequeno, ela botava nós para rezar, ela que ensinou nós a rezar. Aí colocava uma esteira no chão, e nós ficávamos todos ao redor do alimento, aprendendo. Eu sou tudo isso porque minha mãe me ensinou (MAPA AFETIVO Nº 06).

Eu cresci vendo as rodas de conversa, nas casas de farinha, em todo canto. Eu quero isso para os meus filhos. (...) A casa dos meus sogros, onde tem reuniões com os mais idosos que transmitem tudo o que vivenciaram ao longo de suas vidas (MAPA AFETIVO Nº 07).

Penso no futuro desta comunidade, pois servirá de apoio para filhos, netos, para outras gerações. (...) Os saberes vem de uma história vivida, vem de geração em geração. Significa a luta e a resistência da comunidade, onde se iniciou todo o trabalho de cooperação e houve empenho de todos para construção do “Ponto de Cultura”. (...) É o “Ponto de Cultura” que reúne todos e desperta o gosto e o prazer em conhecer a história da comunidade (MAPA AFETIVO Nº 09).

Sinto amor, orgulho da cultura e de ser quilombola, que o povo unido trouxe mais força e felicidade por participarem da comunidade. Hoje nos reconhecemos negros quilombolas. (...) o “Ponto de Cultura” (*local onde funciona a associação*); os quintais, no silêncio; ou no meio das casas cheias de gente, em que conversam no tempo livre, o passado vai embora com o tempo, mas permanece vivo na gente. (...) a Associação Quilombola, lugar onde podemos nos reunir e colocar as ideias em dia, dançar, fazer artesanato (MAPA AFETIVO Nº 10).

Me lembra sentimentos bons, porque a gente conversa e conta histórias, ouvimos

muita coisa boa e ficamos felizes. Quem chega triste, sai feliz, rindo. Um momento feliz, apesar de estar numa casa de farinha, mas todos se sentem bem, e é bem interessante, todos se sentem seguros. (...) Com as casas das pessoas idosas que gostam de contar histórias; na associação também, casas de farinha, alpendre na frente de casa e nos terreiros. (...) umas árvores, a casa de farinha e a associação. As pessoas se reunindo embaixo da árvore e conversando, contando histórias e nas reuniões da associação. Na casa de farinha, raspando mandioca e então começam a contar histórias antigas (MAPA AFETIVO N° 13).

De acordo com as categorias de análise temática, com esses resultados obtivemos a compreensão de que os lugares de saber da comunidade quilombola Carnaúba II são: as casas de farinha, os alpendres e quintais das casas (chamados de terreiros), e por fim, o Ponto da Cultura ou Associação, prédio construído há alguns anos que funciona como um local de encontros, de atividades, de palestras, de visitas de equipamentos da rede pública (como era no caso do CREAS em que a pesquisadora atuou) e também como centro cultural que guarda todo o acervo de documentos, artesanatos, utensílios, fotos e demais objetos da cultura quilombola (ver Figura 6).

Figura 6: Ponto da Cultura Quilombola.



Fonte: Arquivo da pesquisa. São Benedito, 2023.

Segundo Oliveira e Vianna (2020), para as comunidades tradicionais o contato com seu território é algo direto e muitas vezes sagrado, pois exercem sua espiritualidade, buscam e trocam conhecimentos, vivem da subsistência e constroem suas casas e famílias. Os quilombolas possuem no seu território uma das formas mais expressivas de afirmação da sua identidade, que segundo a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) essa identidade

coletiva está ligada às vivências e aos valores partilhados coletivamente. Ou seja, em seu território, os quilombolas:

(...) podem apresentar todas ou algumas das seguintes características: definição de um etnônimo, rituais ou religiosidades compartilhadas, origem ou ancestrais em comum, vínculo territorial longo, relações de parentesco generalizado, laços de simpatia, relações com a escravidão e, principalmente, uma ligação umbilical com seu território (MARQUES; GOMES, 2013, p.142).

Em alguns trechos das entrevistas, os respondentes citaram que após a desativação da escola foi necessário construir um espaço que acolhesse as representações identitárias e culturais da comunidade, que até então estavam inseridas e aconteciam no prédio da escola. A comunidade, com o apoio das lideranças, se mobilizou arrecadando fundos e doações para a compra de material e conseguiu construir o prédio que hoje funciona o Ponto da Cultura, sede da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Sítio Carnaúba II, em terreno também doado por um dos moradores da comunidade. O prédio fica sob a responsabilidade da presidente e vice-presidente da associação e está situado em local acessível a toda a comunidade.

Atualmente o Ponto da Cultura se enquadra como um lugar de saber por ser um espaço de referência, aprendizagem e transmissão do patrimônio cultural da comunidade quilombola Carnaúba II, por ser um local em que acontecem as reuniões e apresentações culturais, que permitem encontros intergeracionais e também da comunidade com setores das políticas públicas, que possibilita o desenvolvimento da pedagogia do próprio território, mas não menos importantes que os alpendres, os terreiros, as casas de farinha, as árvores e as casas dos antigos, principalmente na falta de energia, quando as televisões se apagam e a criançada se reúne aos adultos e idosos para ouvir a contação de histórias, e assim é concluída a conclusão da categoria lugar de saber.

A categoria seguinte equivale à análise dos afetos de jovens e idosos quilombolas, buscando compreender o pertencimento e reconhecimento desses indivíduos. Os jovens que demonstraram a imagem positiva de pertencimento apontam para a importância da aproximação com o coletivo, participação social em movimentos de reconhecimento da comunidade e para o diálogo intergeracional, responsável por transmitir oralmente os saberes ancestrais, a história da comunidade e os valores identitários.

Tal qual se verifica no estudo de Oliveira et al. (2018) em que jovens e adultos se relacionavam para gerir os processos de organização e manutenção da comunidade, enquanto os idosos agrupavam esses jovens e os faziam compreender a importância da associação para as famílias e para o coletivo. Quando percebiam o distanciamento dos jovens da participação social, entendiam que era provocado pela falta de articulação e vinculação com os idosos, que

detinham a responsabilidade pelo envolvimento político e público através da oralidade e da carga cultural que era transferida.

Bernieri e Fôlha (2018), em sua pesquisa na comunidade quilombola do Lajeado (TO), chama a atenção também para a responsabilidade que as matriarcas e os patriarcas têm de ensinar às novas gerações o fazer quilombola e o viver na comunidade, que nessa interação se aprende observando na prática. A convivência com os idosos permitiu aprenderem as crenças, as danças, as músicas, os ritos, a culinária, os festejos, os remédios naturais, o plantio, a colheita, e se fortalecerem em valores especificamente identitários. Afirmam também que a criação de uma associação também aproximou os jovens das manifestações culturais que estavam condenadas à extinção (danças e rituais típicos), permitiu que buscassem conhecimentos e estudos que reconheçam e fomentem a sua história e saberes já construídos pelos ancestrais.

Da mesma forma podemos analisar o pertencimento dos idosos respondentes, que trazem com orgulho a sua identidade quilombola e se engajam em projetos e movimentos sociais desenvolvidos no espaço da comunidade, ou atuam como lideranças e representações comunitárias, para articularem com os mais novos a sua ancestralidade e darem continuidade a esta raiz. Entende-se que o pertencimento desses idosos se manifesta através da comunicação e interação sociais, em que a oralidade conecta o passado ao presente.

Oliveira et al. (2018, p.14) obtiveram o mesmo achado em sua pesquisa: “os mais velhos geralmente trazem orgulho de ser descendentes de escravos, mas muito mais orgulho, eles trazem pela luta constante que vivem dia a dia pelas conquistas de seu território, conquista de um espaço na sociedade e principalmente, a conquista pela dignidade”.

Conclui-se, sob o olhar de Bomfim (2010), que ter uma estima positiva em jovens e idosos pode indicar então que há um processo de apropriação por parte deles, que permite a transformação da comunidade e existe interesse em agir e mudá-la para melhor, por fim, quando há identificação e uma relação significativa. O pertencimento é um sentimento que combate a frieza que os contrastes provocam, uma vez que propicia o apego do sujeito à comunidade, e o apego nada mais é que a expressão de apropriação e da possibilidade de intervenção no espaço. Isto é confirmado pela participação dos jovens e idosos em movimentos sociais e ações reivindicativas em prol da comunidade quilombola Carnaúba II.

Quanto ao objetivo de possibilitar junto à comunidade quilombola uma estratégia pedagógica de mediação da intergeracionalidade entre jovens e idosos, foi acordado com a comunidade que seria elaborado um produto técnico, no qual foi produzido o livro “Quilombo Carnaúba II São Benedito - Ceará: Memória, identidade e visibilidade de um povo”. Trata-se

de uma construção junto à comunidade que desde a escolha de produto aos detalhes de cada página, trouxe relevantes contribuições de várias pessoas da comunidade, entre jovens, adultos e idosos que se envolveram no processo e dedicaram suas histórias, sabedorias e costumes, e que também construíram ilustrações e poemas para compô-lo.

Foram realizados pelo menos cinco encontros e vários contatos por telefone para que reuníssemos todo o material e ajustasse o que fosse necessário; a vice-presidente da Associação, Sra. Eliany Ribeiro, ficou responsável por coletar todo o conteúdo a ser publicado, inclusive fotos da comunidade.

O livro vem para compor uma nova metodologia de conhecimento para a comunidade como para além das barreiras do território quilombola, se mostrando uma ferramenta capaz de atingir outras comunidades e pessoas dispostas a conhecer a magnitude do patrimônio cultural que a comunidade Carnaúba II tem a oferecer, portanto foi colocado na última página do livro os contatos da associação.

Quando a comunidade abriu suas portas para receber a pesquisadora, ela também mostrou suas potencialidades e fragilidades, as quais estavam a falta de visibilidade e de reconhecimento da cultura da comunidade Carnaúba II, até mesmo na própria cidade em que está inserida. Foi perceptível a carência de aproximação de governantes e de outras pessoas motivadas a intervir, apoiar e abraçar a comunidade quilombola como parte fundamental da construção histórica e ideológica do povo de São Benedito (CE).

Ao reunir estas histórias e tradições e colocá-las em um livro, renasce a esperança e o desejo de que esta comunidade possa contar com a visibilidade e apoio dos quais necessita para continuar cuidando dos seus habitantes, repassando às crianças e jovens a sua tradição e conquistando seus direitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda pesquisa de mestrado, um longo caminho metodológico foi trilhado, e dificuldades e potencialidades encontradas. Ao adentrar a comunidade quilombola Carnaúba II e dar início a esta pesquisa, enfrentei muitas dificuldades como adquirir conhecimentos específicos sobre raça, cultura, identidade e etnia de um povo tradicional tão rico e tão seriamente afetado pelo racismo e desigualdades sociais provocadas por uma dívida histórica e cultural, que tenta deslegitimar constantemente a sua ancestralidade. Quando dei início à pesquisa, nos deparamos ainda com o governo que menos fez e menos buscou

representatividade à causa do movimento quilombola, como muitas outras causas sociais e urgentes, vivemos um verdadeiro e cruel retrocesso! O Brasil atravessou também uma fase crítica da pandemia por Covid-19 que culminou no atraso de muitas etapas do processo de inserção e de coleta de dados, além da demora na aprovação pelo comitê de ética em pesquisa. Tivemos que atrasar um pouco o estudo em decorrência também da mudança de local da minha atuação, que antes era o Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e passou a ser a Casa de Atendimento à Mulher (CAM), com público totalmente diferente; durou cerca de três meses até que eu me adaptasse ao novo local de trabalho e pudesse reiniciar meus estudos.

Quanto às potencialidades e possibilidades, de início estudar e me aproximar da comunidade Carnaúba II foi um desafio encantador a fim de dar visibilidade e buscar compreender os processos intergeracionais que movem a resistência contínua desse povo, e isto me permitiu crescer muito enquanto pessoa, profissional e pesquisadora. Além dos contatos e da aproximação a uma comunidade que me recebe tão bem até hoje e isto certamente enriquece ainda mais a minha atuação. Sentir também que a comunidade se encheu de esperança e se reuniu para compor o livro junto a mim foi outra sensação magnífica: eu vi pessoas mobilizadas e encantadas com o meu olhar de atenção e cuidado e com o interesse de uma pesquisadora em expandir a história do seu povo, vale ressaltar que jamais os tratei como “objetos de uma pesquisa” e acredito que isto seja o diferencial em uma pesquisa-ação. E guardarei para sempre as amizades que construí ao longo desse percurso, se posso considerá-las assim, porque são pessoas que abriram suas vidas e rotinas com a confiança no meu estudo e no meu interesse em estar junto delas.

Minha pergunta de início foi construída tomando por base o desligamento de uma escola de matriz quilombola, sobre qual o impacto que isso traria àquele povoado sem educação escolar (colonizadora) e espaço para transmitirem seus saberes, sem me atentar que muitos outros movimentos e processos contracolonizadores ocorriam naquele comunidade de modo que o espaço escolar “convencional” nada mais era que mais um prédio a compor seu território, que o saber ancestral realmente estava ativo em muitos locais e momentos diferentes, vindos de sujeitos com ou sem instrução, mas com uma bagagem enorme de historicidade e tradições, e isso que mantém viva até hoje a identidade cultural da comunidade Carnaúba II. Certamente a falta de conhecimentos e de estudos sobre quilombos me fez ter esse olhar restrito inicialmente. Algo que a participação em grupos de estudos como o “Quilombolar” (UFC) e o

“Locus” (UFC) me fez ampliar o olhar e compreender de fato o meu lugar de fala nesse processo.

Com esta pesquisa, pretendi compreender o papel do território na transmissão intergeracional entre remanescentes quilombolas da Comunidade Carnaúba II, analisando primeiramente em quais locais essa transmissão ocorria e por fim, quais os afetos envolvidos nesse diálogo intergeracional. Seguindo o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, Psicologia Ambiental e Psicologia Social, busquei compreender os processos histórico-sociais e psicossociais em que se encontrava a Afetividade.

Para ancorar o estudo dos afetos, trouxe uma metodologia que pudesse abarcar tais significados por meio de palavras e imagens externalizados em desenhos e por metáforas, e assim, qualificar os afetos (BOMFIM, 2010). Dessa forma, optei pela construção de Mapas Afetivos e pela análise da Estima de Lugar, construindo uma nova categoria com esse estudo, que se chama “lugar de saber”. A escolha da metodologia fez todo o sentido, pois com esse suporte teórico-metodológico foi possível levantar dados sobre a dimensão afetiva de jovens e idosos da Comunidade Carnaúba II.

Os resultados desta pesquisa evidenciam que o diálogo intergeracional permite construir e enriquecer a identidade cultural e territorial de jovens quilombolas, impedindo-os que sejam afetados pela cultura de exclusão e de negação imposta pela sociedade, e pelas desigualdades sociais que atravessam as comunidades quilombolas do país. Uma vez que os saberes tradicionais e o patrimônio cultural de comunidades quilombolas são investigados, analisados e contextualizados, passarão a contribuir para o processo de reconhecimento e fortalecimento de sua identidade e na estima de lugar.

Em um país marcado pela invisibilidade e negação dos direitos sociais e culturais de povos quilombolas, a referência da identidade étnica produz resistência através da memória viva de idosos, que se torna coletiva e essencial às gerações futuras. A importância da afetividade e do pertencimento dos indivíduos dessa comunidade, em especial os mais novos, é o que garante que as gerações subsequentes terão conhecimentos e manterão tradições ancestrais continuamente.

Durante as entrevistas e aplicações dos mapas afetivos, vários relatos iam surgindo e cada vez mais era possível enxergar o quanto esse povo adquiriu meios de resistência e luta para se manter firme e fiel em sua identidade, dentro de uma região também dividida com outra comunidade tradicional, em que ambas lutam pelo reconhecimento de seus territórios e identidades culturais. A comunidade quilombola Carnaúba II também sofre com o acesso

precário à região, por se tratar de uma comunidade rural situada no sítio Carnaúba II, e a distância impossibilita muitos serviços públicos de atuarem plenamente na localidade.

Quanto aos jovens e idosos respondentes, foi perceptível que a maioria desperta sentimentos positivos em relação à comunidade, mas infelizmente os demais se queixam de problemas infraestruturais e do enfraquecimento da identidade cultural provocada pela evolução das tecnologias, evidenciando que os jovens se afastaram das tradições em função de novas formas de conexão e comunicação. Portanto, se fez necessário pensar em uma tecnologia social que abarcasse essa brecha entre tradição oral e desenvolvimento tecnológico, por isso surgiu a ideia de uma rede social ou livro com a história da comunidade, que ao final, foi selecionado o livro.

O livro, desde sua idealização à finalização, foi de longe o processo mais interessante em todo este estudo, porque envolveu a comunidade e foi nítido o sentimento dela em poder obter reconhecimento nacional de suas raízes. Os desenhos e poemas foram escolhidos individualmente pela ilustradora/poeta, que teve o cuidado de criá-los pensando na construção do livro. Não faltaram histórias e conquistas para mencionar no livro “Quilombo Carnaúba II São Benedito - Ceará: Memória, identidade e visibilidade de um povo”, que está repleto de conhecimentos sobre a comunidade Carnaúba II e seu modo de vida. Certamente ele trará um enorme significado para a visibilidade da comunidade e para a sua formação identitária, e oferecer esta ferramenta como forma para que muitos outros pesquisadores e grupos de estudos decoloniais conheçam a comunidade, se torna um enorme prazer e honra no meio acadêmico.

Ao falarmos sobre o processo da formação identitária quilombola, é necessário levar em conta que existem esferas individuais e sociais conectadas, que se constroem no cotidiano da comunidade. Dessa maneira, a história, a tradição, a oralidade, a cultura e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social fazem parte da construção identitária de cada habitante da comunidade. E assim, é possível refletir sobre a importância do processo de construção da identidade negra nas comunidades quilombolas e quanto este estudo tem a acrescentar nesse processo. Estudar o cotidiano, as memórias e as tradições orais da comunidade nos possibilita compreender as mais diversas relações sociais do quilombo e as formas como as questões culturais se moldaram através do tempo até os dias atuais.

O resultado deste estudo evidencia uma construção identitária sobre ser quilombola em formação por jovens e por alguns idosos, pois se trata de um discurso ainda recente na comunidade Carnaúba II, ganhando força a partir da certificação e construção da associação. Muito antes disso é fato que já existia uma consciência e um conhecimento sobre sua origem

histórica, justificada por uma ancestralidade comum: descendentes de escravizados. Ou seja, a comunidade sabia que era quilombola desde que nasceu, mas não se sentira assim até que houve um documento oficial e a organização para uma associação.

Por fim, dentre todas as reflexões apresentadas, talvez a mais significativa seja a singularidade de experimentar *in loco* um pouco do cotidiano da comunidade Carnaúba II. Poder conhecer uma comunidade dotada de uma história de luta e resistência e impregnada por uma cultura que deve ser reverenciada, por fundamentar-se na trajetória de um povo que, em meio a tantas injustiças sofridas ao longo dos anos, se faz forte.

E com a publicação do livro, espera-se contribuir para a reelaboração das histórias, da memória do período da escravidão de seus antepassados, das contradições em torno das violações de direitos e das resistências na luta em que negros, negras e negres batalharam cotidianamente para que sua cultura e seus costumes não fossem perdidos. Além de chamar a atenção para a interação e respeito aos mais velhos, pois eles promovem o diálogo intergeracional, que se faz tão necessário na transmissão dos saberes, da cultura, da identidade, e no fortalecimento da estima de lugar em crianças, adolescentes e jovens. Compreendemos que não basta apenas que os sujeitos conheçam sua história, mas que se reconheçam e identifiquem suas lutas e as de seus ancestrais, valorizando suas raízes.

Os resultados obtidos por esta investigação pretendem auxiliar na elaboração, implementação e/ou avaliação de Políticas Públicas voltadas ao reconhecimento do patrimônio cultural dos povos quilombolas de forma que possa fortalecer a intergeracionalidade entre idosos, adultos e jovens. Visa contribuir para a produção de conhecimento relevante e explorar possibilidades de resistência, no sentido de possibilitar mais justiça social em contextos de extrema marginalização e exclusão, como em comunidades quilombolas. Podendo ainda incentivar mais pesquisas e assim desenvolver mais conhecimento acerca dos povos tradicionais e da identidade e patrimônio cultural quilombola.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- AGUIAR, W.M.J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** (3ª ed, pp.95-110). São Paulo: Cortez, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70/Martins Fontes, 1979. (Original publicado em 1977).
- BARROS, M.O. **Memórias de idosos quilombolas como recurso didático: escola básica do quilombo de Matão-PB**. 2016, 126 f. Dissertação (Mestre em Formação de Professores da Educação Básica). Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campina Grande, 2016.
- BERNIERI, C.G.P.; FÔLHA, J.G.P. Comunidade Quilombola de Lajeado (Dianópolis – Estado do Tocantins – Brasil): construção histórica e saberes ancestrais. BAPTISTA, Renato Dias; et al (Orgs.) **Povos originários e comunidades tradicionais**. Vol 2: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, Boa Vista: EdUFRR, 2018.
- BOMFIM, Z.A.C. **Cidade e Afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2010.
- BOMFIM, Z. A. C.; ALENCAR, H. F.; SANTOS, W. S.; SILVEIRA, S. S. Estima de lugar e indicadores afetivos: Aportes da Psicologia Ambiental e Social para a compreensão da vulnerabilidade social juvenil em Fortaleza. In: COLAÇO, V. F. R.; CORDEIRO, A. C. F. **Adolescência e Juventude: Conhecer para proteger**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 317-341.
- BOTELHO, D. Lei Nº 10. 639/2003 e Educação Quilombola. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o Futuro. **Educação Quilombola**. Boletim 10, julho de 2007. Brasília: SEED-MEC, pp.34-39,2007.
- BRASIL. **Estatuto do idoso: Lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- _____. **Avaliação Diagnóstica: Acesso das Comunidades Quilombolas aos Programas do MDS**. Brasília, DF: Fundação Euclides da Cunha de Apoio Institucional à Universidade Federal Fluminense (FEC-UFF) / Núcleo de Pesquisas Sociais Aplicadas, Informações e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense (DataUFF) Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/356.pdf>>. Acesso em 01/08/2022.
- _____. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 24/04/2021.

_____. **Lei nº 12.852** de 05 de agosto de 2013 – Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em 24/04/2021.

_____. **Decreto nº 11.396**, de 21 de janeiro de 2023. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar e remaneja e transforma cargos em comissão e funções de confiança. Diário oficial, Brasília: DF, 21 janeiro 2023. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11396.htm#art6>. Acesso em 08/02/2023.

CABRAL, M.A. **Identidade étnico-racial em contexto lúdico: um jogo de cartas marcadas?** 2007, 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2007.

CAVALCANTE, B.N.S.; BELTRÃO, J.F. Jovens quilombolas em movimento: a luta pela efetivação de direitos humanos em Salvaterra – Pará. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, v.17, n.2, p.51-80, 2016.

CEARÁ, IPECE - **Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará**, 2019. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/02/mapas_municipais_Sao_Benedito_2019.pdf> . Acesso em 28/03/2023.

COSTA, R.R.S.; FONSECA, A.B. O Processo educativo do Jongo no Quilombo Machadina: oralidade, saber da experiência e identidade. **Educação & Realidade**, Campinas, v. 40, 2019.

CUSTODIO, L.A.T. **Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) – 1978-1990**. 2017, 271 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2017.

CUSTODIO, E.S.; FOSTER, E.L.S. Educação escolar quilombola no Brasil: uma análise sobre os materiais didáticos produzidos pelos sistemas estaduais de ensino. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 74, p. 193-211, mar./abr. 2019.

CUNHA JUNIOR, H. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendentes na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse. (org.) **História da educação do negro e outras histórias**. Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

DANTAS, S.M.S. **Memórias e Histórias de Quilombos no Ceará**. 2009, 269 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2009.

DATAUFF. **Pesquisa de Avaliação da Situação de Segurança Alimentar e Nutricional em Comunidades Quilombolas Tituladas**. Brasília, DF: Fundação Euclides da Cunha de Apoio Institucional à Universidade Federal Fluminense (FEC-UFF) / Núcleo de Pesquisas Sociais Aplicadas, Informações e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense (DataUFF), 2013. Disponível em:

<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/pesquisas/documentos/pdf/sumario_135.pdf>. Acesso em 01/08/2022.

DELFINO, J. CUNHA JUNIOR, H. Quilombos: Educação, resgate tradicional, patrimônio, espaço e territorialidade. In: Samia Paula dos Santos Silva; Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié; Maria Saraiva da Silva. (Org.). **Afroceará Quilombola**. 01ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, v. 1, p. 157-171.

DELORENZO, D. MP deve processar presidente e diretor da Fundação Palmares por destruição de acervo de livros. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 27 de junho de 2021. Notícias. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/mp-deve-processar-presidente-e-diretor-da-fundacao-palmares-por-destruicao-de-acervo-de-livros/#>>. Acesso em 27/06/2021.

FERNANDES, M.L.B; LOPES, J.J.M. Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 133-146, jan./abr. 2018.

FIGUEIREDO, A.K. **Ativismo negro em Salvador no período da ditadura militar (1970-1980)**. 2016, 195 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Cachoeira, 2016.

FILHO, J.L.X. Do kilombo ao quilombo: uma breve análise historiográfica quilombola da África ao Brasil e a valorização das memórias, oralidades e história oral nas comunidades remanescentes atuais. **História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica**, XIX Encontro de História da Anpuh-Rio, set. 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, **Instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira**, 2021. Apresentação. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=95>. Acesso em 27/06/2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOIS, C.W.L. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza, 2.ed., 1994.

GONÇALVES, M.G.M. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** (3ª ed, pp. 113-127). São Paulo: Cortez, 2007.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LABREA, V.V.; KIEKOW, P.E.; DORNELLES, D.F. Cartografia subjetiva em território feminino quilombola: em busca da utopia do bem viver In: **Cadernos do Lepaarq**, Pelotas, v. XVI, n. 31, p. 107-120, jan-jun. 2019.

LEITE, I.B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.3, n.16, p.965-977, setembro-dezembro/2008.

LIMA, C. Quilombos: resistência da cultura negra e luta pelo território. **Brasil de Fato**, 27 de novembro de 2021. Ceará, Cultura. Disponível em: <<https://www.brasildefatoce.com.br/2021/11/26/quilombos-resistencia-da-cultura-negra-e-luta-pelo-territorio>>.

MACÊDO, D.J.S. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. Salvador, 2015, 217 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2015.

MARQUES, C.E.; GOMES, L. A Constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. **Revista brasileira de Ciências Sociais - RBCS**, Viçosa, v. 28, n. 81, fev. 2013.

MARTINS, L.M.; RABATINI, V.G. A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **Psicologia Política**, vol. 11, nº 22, pp. 345-358, jul. – dez. 2011.

MARTINS, P.H.S. **Escravidão, Abolição e Pós-Abolição no Ceará**: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense. 2012, 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MOLON, S.I. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica. **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 56-68, jan./jun. 2008.

MÓNICO, L.; ALFERES, V.; PARREIRA, P.; CASTRO, P.A. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v.3, 2017, p.724-733.

MONTEIRO, E.; REIS, M.C.G. Patrimônio Afro-brasileiro no contexto da Educação Escolar Quilombola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, 2019.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia**, jan-jun, ano/vol. 3, n. 1. UFRN, Natal. p.121-130, 1998.

MOURA, C. **Rebeliões da Senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. 3ª ed. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

MOURA, G. PGM1 – Terra, cultura, história, geografia. Quilombo: conceito. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o Futuro. **Educação Quilombola**. Boletim 10, julho de 2007. Brasília: SEED-MEC, pp.09-13, 2007.

MOURA, N.L. **As educações sociais e o ensino de sociologia na formação das identidades de jovens do quilombo Salinas - PI**. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2020.

NASCIMENTO, M.B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: **Afrodíaspóra**: Revista do mundo negro, Ipeafro, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NASCIMENTO, L.K. Educação escolar quilombola: reflexões sobre os avanços das políticas educacionais e os desafios para a prática pedagógica no vale do Ribeira-SP. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 26, n. 49, p. 69-86, maio/ago. 2017.

NASCIMENTO, J.L.J. Comunidades Quilombolas Rurais do Ceará: invisibilidade e desafios no processo de titulação dos territórios de maioria negra. In: Samia Paula dos Santos Silva; Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié; Maria Saraiva da Silva. (Org.). **Afroceará Quilombola**. 01ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, v. 1, p. 4-214.

NASCIMENTO, M.B. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NYAMIEN, F.R.G. **Tessituras da cor da cultura**: em cena, os episódios televisivos da série "nota 10". 2016, 198 f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá -UEM, Maringá, 2016.

OLIVEIRA, V.; MORTARI, E.C.M. Quilombos contemporâneos: a memória e o consumo midiático na formação da identidade negra. In: NP- Intercom - VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom: Brasília, 2006. **Anais**. Brasília: UNB, 6 a 9 de de setembro de 2006.

OLIVEIRA, G.S.; FERREIRA, S.D.A. Quilombos Contemporâneos: diálogos entre passado e presente em uma perspectiva educacional de resistência. In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”: São Cristóvão-SE, 2011. **Anais**. São Cristóvão: UFS, 21 a 23 de setembro de 2011.

OLIVEIRA, S.N. **Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar quilombola**: o caso da Bahia e o contexto nacional. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, R.C.M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 2, nº 4, pp. 69-87, 2014.

OLIVEIRA, S.B.; BITENCOURT, J.V; SILVA, R.P.; MAIA, C.A.B.; ALMEIDA, E.M. Idosos quilombolas, identidade étnica e memória. In: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social: Vitória, v.16, n.1, 2018. **Anais**. Vitória: ABEPSS, 2 a 7 de dezembro de 2018.

OLIVEIRA, C.G.; VIANNA, M.A. Etnomatemática, globalização e identidade cultural local no contexto da educação quilombola. PORTO JÚNIOR, F.G.R.; et al (Orgs.) **Povos originários e comunidades tradicionais, Vol 5**: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária [recurso eletrônico] / Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior; et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, p. 20-51.

PAIS, J.M. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, n.105-106, 1990, p.139-165.

QUEIROZ, D.T.; VALL, J.; SOUZA, A.M.A.; VIEIRA, N.F.C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, 2007, abr/jun; v.15, n.2, p.276-283.

RABELO, D.F.; SILVA, J.; ROCHA, N.M.F.D.; GOMES, H.V.; ARAÚJO, L.F. Racismo e envelhecimento da população negra. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v.21, n.3, p. 193-215, 2018.

SANTOS, A.B. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, F.R. **Território e identidade quilombola em Tracuateua-PA**: História, memória e afirmação cultural. 2017, 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia, Linha Memórias e Saberes Interculturais). Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Linha Memórias e Saberes Interculturais, Universidade Federal do Pará - UFPA, Bragança, 2017.

SANTOS, AP.; NUNES, C. Escola e quilombo, diálogo necessário: Reconhecendo a presença do legado cultural africano no cariri cearense. In: Samia Paula dos Santos Silva; Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié; Maria Saraiva da Silva. (Org.). **Afroceará Quilombola**. 01ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, v. 1, p.25-45.

SANTOS, P.F.; AGUIAR, A.L.O. Histórias que educam: dos velhos do quilombo à formação para a juventude – memória, saberes, tradição. **Roteiro**, Joaçaba, v. 44, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2019.

SANTOS, E.S.; VELLOSO, T.R.; NACIF, P.G.S.; SILVA, G. Oferta de escolas de Educação Quilombola no Nordeste Brasileiro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, 2019.

SANTOS, M.A.; CAMARGO, M.J.R.C.; BENITE, A.M.C. Vozes Griôs no Ensino de Química: Uma proposta de diálogo intercultural. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 20, n. u., p. 919-947, 2020.

SANTOS, D.A.T.; ZANARDI, T.A.C. A alfabetização matemática e as práticas de numeramento na Comunidade Quilombola de São Félix: a Pedagogia Crítica e o Currículo em Ação. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 3, p. 2350-2368, nov. 2020.

SILVA, P.B.G.; SILVÉRIO, V.R. (orgs.). **Educação e ações afirmativas**: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

SILVA, T.D. **Educação escolar quilombola no censo da educação básica**. Texto para discussão - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

SILVA, M.E. **História, memória e identidade quilombola no Cariri-Cearense** (Comunidades Sítio Arruda-Araripe e Carcará-Potengi). 2017, 150 f. Dissertação (Mestrado

em História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa, 2017.

SILVA, S.P.S.; SILVA, J. Um olhar sobre a comunidade Bastiões (CE): das relações conflituosas às manifestações culturais e tradicionais. In: Samia Paula dos Santos Silva; Marlene Pereira dos Santos; Henrique Cunha Junior; Estanislau Ferreira Bié; Maria Saraiva da Silva. (Org.). **Afroceará Quilombola**. 01ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, v. 1, p.195-214.

SILVA, A.M.M. **Autoidentificação como critério de pertencimento quilombola**: análises de como pensam os quilombolas e os tribunais. 2019. 39 f. Monografia (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Direito de Vitória - FDV, Vitória-ES, 2019.

SIRGADO, A.P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, julho/2000.

ZANELLA, A.V.; REIS, A.C.; TITON, A.; URNAU, L.C.; DASSOLER, T. Contribuições de Vigotski à pesquisa em psicologia. In: ZANELLA, A.V. **Psicologia histórico-cultural em foco**: aproximações a alguns de seus fundamentos e conceitos. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC, pp.149-168, 2020.

SEGOVIA, R.C.; TAVARES, D.K.; QUEVEDO, G.D.; BRAHM, S. Memória, Identidade e Patrimônio Quilombola. Conexões Culturais – **Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura**, v.01, n.02, p.302-312, 2015.

SOUZA, S.C. Os quilombolas enquanto possíveis usuários da Política de Assistência Social. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2019, Brasília. **16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, 2019. p. 1-11.

XAVIER, P.P. **O Dragão do Mar na “Terra da Luz”**: a construção do herói jangadeiro (1934-1958). 2010, 142 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2010.

WIKIPÉDIA, **Site do Wikipédia**, 2022. São Benedito (Ceará). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Benedito_%28Cear%C3%A1%29>. Acesso em 28/03/2023.

APÊNDICE E ANEXOS

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Comunidade Quilombola Carnaúba II: um estudo sobre afetos e intergeracionalidade.

Prezado(a) colaborador(a),

Você está sendo convidado pela pesquisadora Psicóloga Gilsiane Maria Vasconcelos Marques a participar da pesquisa intitulada “Comunidade Quilombola Carnaúba II: um estudo sobre afetos e intergeracionalidade”, que tem por objetivo primário discutir a identidade de lugar frente às dificuldades e potencialidades identificadas pela comunidade quilombola. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Jovens e idosos quilombolas da Comunidade Carnaúba II. Os pesquisadores buscarão os jovens entre 18 a 30 anos e idosos acima de 50 anos pertencentes à Comunidade Carnaúba II. Nesta ocasião, os participantes serão contatados e informados sobre o objetivo e a importância da pesquisa. Feitos os devidos esclarecimentos, será realizado o convite para participação na investigação. Participarão da pesquisa somente os voluntários que concordarem com o convite para colaborar e ratificarem essa concordância por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: ao se engajar neste estudo, o participante se for idoso responderá a um mapa afetivo, que abordará questões relacionadas à comunidade, às memórias afetivas e sua tradição cultural. Os mapas afetivos serão realizados em 1 encontro, com duração média de aproximadamente 60 minutos e seu conteúdo será gravado em áudio. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda interromper sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa.

3. RISCOS E DESCONFORTOS: Os procedimentos da pesquisa obedecem às normas estabelecidas pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e não oferecem riscos à integridade física dos participantes, contudo há riscos de ordem psíquica ou moral, uma vez que pode gerar algum constrangimento enquanto os entrevistados estão fornecendo informações sobre si mesmos, no entanto os procedimentos não oferecem riscos à sua dignidade. Desta forma, para enfrentar esse constrangimento, os entrevistadores realizarão a coleta de dados em espaços que garantam a privacidade dos participantes. Além disso, os pesquisadores utilizarão técnicas de contato interpessoal que possibilitarão a criação de um clima de confiança, empatia e aceitação que permitirá aos sujeitos se expressarem tão livremente quanto possível. Também será informado que as respostas não serão avaliadas como certas ou erradas e, por isso, os participantes poderão se sentir à vontade para expressar suas opiniões.

4. CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo e referentes à identificação dos participantes neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas e seu nome não será usado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. BENEFÍCIOS: Os participantes do estudo não terão nenhum benefício direto. Os resultados obtidos pela investigação, contudo, podem auxiliar na elaboração, implementação e/ou avaliação de Políticas Públicas voltadas à assistência e à educação de povos quilombolas de forma que possa beneficiá-los.

6. PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

CONSENTIMENTO COMO PARTICIPANTE: Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

ENDEREÇO DO RESPONSÁVEL PELA PESQUISA:

Gilsiane Maria Vasconcelos Marques

Instituição: Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral, Curso de Psicologia

Endereço: **Rua Coronel Estanislau Frota, 563 – Centro – CEP 62010-560 – Sobral – CE – Campus Sobral – Mucambinho - Telefone para contato: (88) 3613 1663**

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UVA: Av. Comandante Maurocéllo Rocha Pontes, 150 - Derby Club, Fone: (88) 3677-4255. Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira. O CEP/UVA é a instância da Universidade Estadual Vale do Acaraú responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, _____ anos,
 RG: _____, declaro que é de livre e espontânea vontade que estou como participante de uma pesquisa. Declaro também que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

São Benedito, ____/____/____

Assinatura do participante

Nome pesquisadora

Data

Assinatura da pesquisadora

Nome do profissional que aplicou o TCLE

Data

Assinatura do profissional que aplicou o TCLE

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Imagens)**

PESQUISA: Comunidade Quilombola Carnaúba II: um estudo sobre afetos e intergeracionalidade.

Eu, _____, portador(a) da Cédula de Identidade nº _____, inscrito(a) no CPF sob nº _____, residente à Rua _____, nº _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos, para ser utilizada na Dissertação de Mestrado e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará – UFC sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral, com fins estritamente acadêmicos/institucionais, publicações em sites e revistas acadêmicas, e/ou em exposições públicas sem interesses comerciais e políticos.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) artigos publicados em periódicos ou revista; (III) livro; (IV) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

CONSENTIMENTO COMO PARTICIPANTE: Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

ENDEREÇO DO RESPONSÁVEL PELA PESQUISA:

Gilsiane Maria Vasconcelos Marques

Instituição: Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral, Curso de Psicologia

Endereço: **Rua Coronel Estanislau Frota, 563 – Centro – CEP 62010-560 – Sobral – CE – Campus Sobral – Mucambinho - Telefone para contato: (88) 3613 1663**

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UVA: Av. Comandante Maurocélvio Rocha Pontes, 150 - Derby Club, Fone: (88) 3677-4255. Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira. O CEP/UVA é a instância da Universidade Estadual Vale do Acaraú responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, _____ anos, RG: _____, declaro que é de livre e espontânea vontade que estou como participante de uma pesquisa. Declaro também que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

São Benedito, ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C – Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA)
(Adaptado a partir de Bomfim, 2010)

Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir a comunidade em que você vive, podendo estes ser de qualquer tipo.

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

1.2. Descreva que sentimentos o desenho lhe desperta:

1.3. Escreva seis palavras que resumem seus sentimentos em relação ao desenho:

- | | |
|----------|----------|
| 1. _____ | 4. _____ |
| 2. _____ | 5. _____ |
| 3. _____ | 6. _____ |

2. Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre o lugar que você mora, o que você diria?

3. Se você tivesse que fazer uma comparação deste lugar com algo, com que você compararia?
Por quê?

4. Do que você gosta nesse lugar?

5. Do que você não gosta nesse lugar?

6. O que poderia melhorar nesse local?

7. Descreva o(s) lugares dentro da comunidade que você percorre com maior frequência. Descreva os caminhos que você faz pra chegar nesses locais.

Este bloco de questões tem por objetivo identificar os respondentes do estudo, sem, contudo, quebrar o anonimato, compromisso básico da pesquisa

Idade _____

Sexo _____

Você trabalha? Sim() Não().

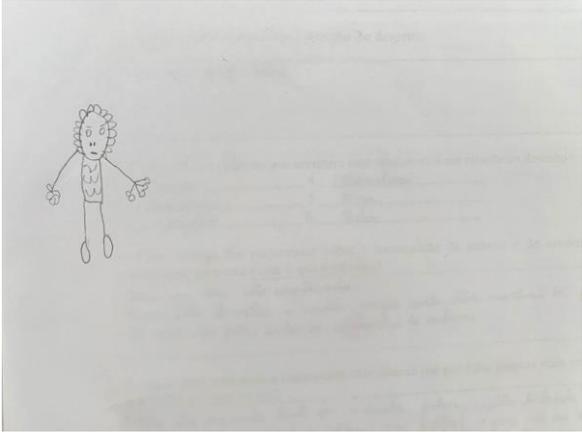
Se sim, com que? _____

Em que cidade você nasceu? _____

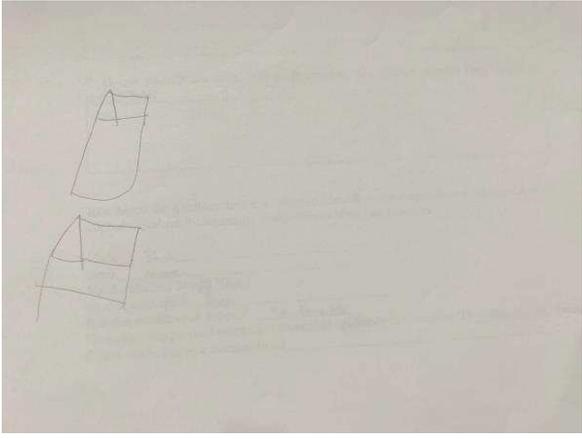
Há quanto tempo você mora na comunidade Quilombola Carnaúba II? _____

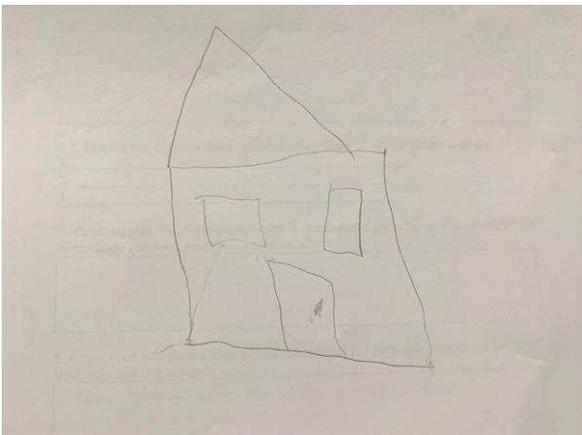
Como você chegou à comunidade? _____

APÊNDICE D – INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS
(Adaptado a partir de Bomfim, 2010)

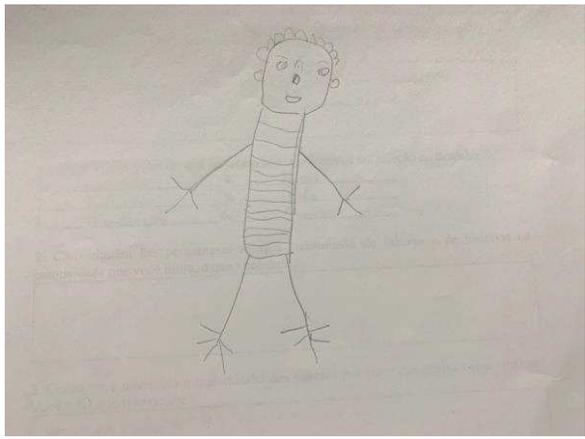
Identificação	Desenho		Significado
Nº 01 Feminino 53 anos Mora na comunidade desde que nasceu Benzedeira			Pensou em si, como uma pessoa que transmite cultura. Ela acredita que tem muitos saberes a transmitir às suas gerações.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Força, coragem, orgulho, disciplina, amor, poder.	Acho que não acontece transmissão de saber na comunidade, por isso há a necessidade de voltar a funcionar a escola, porque antes tudo acontecia lá: festas das mães, dos pais, as danças, os encontros de mulheres.	O “Ponto de Cultura” (<i>associação</i>) é onde tentam se encontrar, mas é difícil, nem todo mundo vai, não é como na escola, não tem gente trabalhando direto lá, é pequeno.	Para ela, o lugar que transmite cultura é a própria, indicando que não existe fisicamente espaço determinado ou espaço que haja identificação da maioria (insegurança). A transmissão é algo subjetivo e feito diariamente, pela própria comunidade. As pessoas que transmitem suas raízes e levam consigo os saberes .

Identificação	Desenho	Significado
---------------	---------	-------------

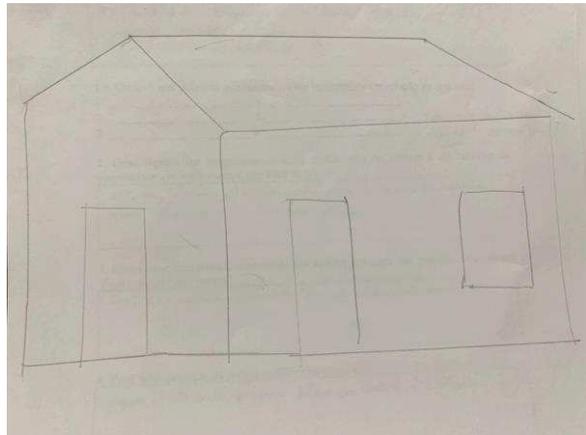
<p>Nº 02 Masculino 71 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultor</p>				<p>Pensou numa casa que existe no seu quintal, onde ele realiza suas atividades diárias com a família.</p>
<p>Sentimentos</p>	<p>Qualidade</p>	<p>Metáfora</p>	<p>Sentido</p>	
<p>Cuidado, família, amor, dificuldades, luta, força.</p>	<p>Pensei em coisa boa, que é uma casa que traz coisas boas para minha família.</p>	<p>A casa de farinha e a roça, porque a gente se encontra para trabalhar e discutir problemas da comunidade.</p>	<p>O espaço que ele reside e trabalha, locais onde ele desempenha suas atividades diárias, constituem espaços de trocas, de encontros e de discussões sobre a comunidade. Demonstra o pertencimento com tudo que dispõe seu território, assim como sugere agradabilidade.</p>	

<p>Identificação</p>	<p>Desenho</p>	<p>Significado</p>	
<p>Nº 03 Feminino 72 anos Mora na comunidade desde que nasceu Aposentada</p>			<p>Pensou em sua casa, onde sempre conversava com os filhos como vivia, sobre a dança e cultura da comunidade.</p>

Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Desprezo, pobreza, simplicidade, saudade, superação, família.	Antigamente, no meu tempo de eu nova, eu dançava a cultura, quando fazia nas escolas, eu estava do começo ao fim dançando.	Eu penso que ainda tem (<i>cultura</i>), porque aqui todos os anos ainda tem, todos os anos faz, na colheita do feijão, da farinha.	Sua casa se configura como local de superação de um passado difícil da família, despertando emoções , mas também de encontros intergeracionais, indicando pertencimento e vínculo com seus familiares.

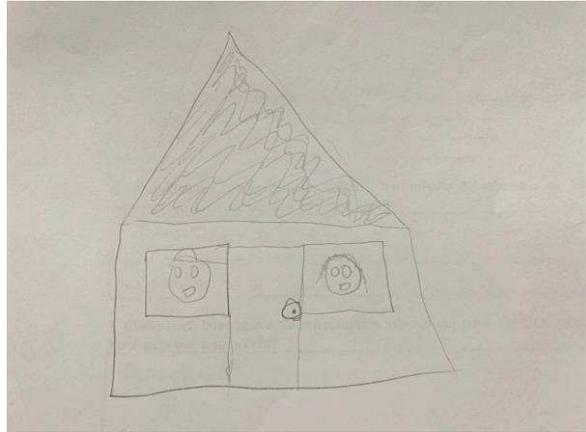
Identificação	Desenho	Significado	
Nº 04 Feminino 51 anos Mora na comunidade há 50 anos Agricultora		A respondente pensou em uma pessoa vestida tipicamente nas festas juninas, quando ainda aconteciam.	
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Saudade, frustração, humilhação, raiva, medo, rancor.	Queria que a gente ainda chegasse nesse ponto, de ver nossos filhos dançando nas festas juninas, porque eu tenho uma filha que ela gostava muito de se apresentar no colégio, na associação, e na festa em novembro.	Parece comigo, quando eu dançava. A cultura ocorre ainda, quando as meninas do CRAS vem para fazer algo na associação.	A respondente relata com muito saudosismo as festas juninas e o sentimento de angústia e frustração por não ter espaços na comunidade para desenvolvê-la e transmitir aos mais jovens. Não demonstra identificação aos

			espaços disponíveis que a comunidade oferece para os encontros, logo se qualifica como insegurança .
--	--	--	---

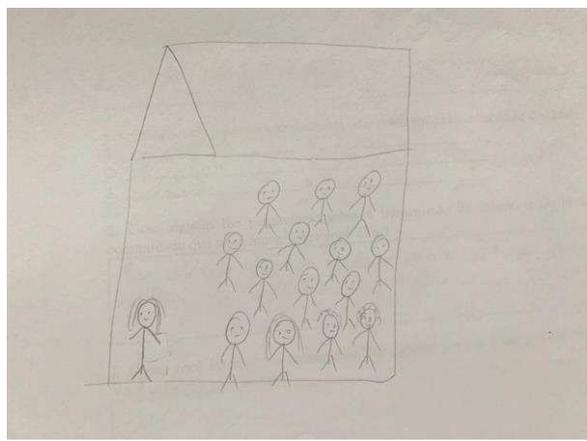
Identificação	Desenho		Significado
Nº 05 Masculino 74 anos Mora na comunidade há 08 anos Aposentado			O respondente desenhou uma casa, pois acredita que ter uma casa na comunidade simboliza que essa pessoa estudou e teve chances no futuro.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Frustração, arrependimento, dificuldade, mudança, determinação, beleza.	Se tivesse terreno na comunidade para construir áreas de lazer e educação para a criançada, existiria muita coisa boa dentro da comunidade.	A casa parece com a minha. Aqui ainda tem cultura, agora a comunidade quilombola não tem chances para arranjar as coisas, tem dificuldade de acesso.	O respondente demonstrou sentimentos de insegurança quanto à comunidade e seu desenvolvimento, não colocando credibilidade na forma como está distribuída e em como seus atores interagem.

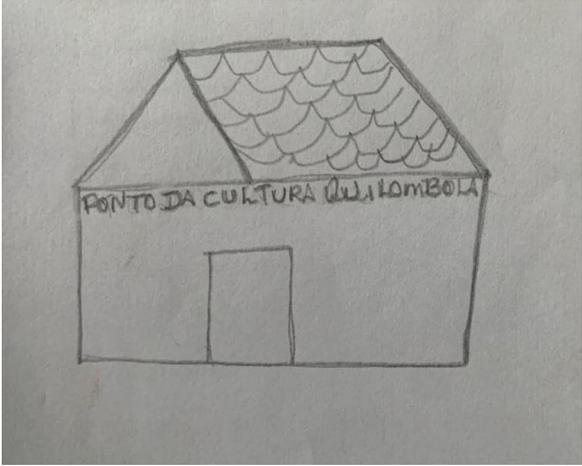
Identificação	Desenho	Significado
Nº 06 Feminino 88 anos Mora na comunidade	<i>(A respondente é deficiente visual e não conseguiu desenhar, mas explicou através da fala o que ela desenharia)</i>	A respondente declarou que desenharia sua casa e as casas ao redor,

há 67 anos Benzedeira			porque toda sua família mora em volta, onde ela criou seus filhos e netos.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Pobreza, saudade, amor, família, luta, paz.	Aqui era um terreno só, tudo uma família só, aí a menina (<i>vice-presidente da ARQUISC</i>) formou esse outro (<i>se referindo ao registro da comunidade quilombola</i>) para termos direitos e termos paz.	Eu me lembro da minha mãe, quando a gente era pequeno, ela botava nós para rezar, ela que ensinou nós a rezar. Aí colocava uma esteira no chão, e nós ficávamos todos ao redor do alimento, aprendendo. Eu sou tudo isso porque minha mãe me ensinou.	A região onde ela mora é sinônimo de união e família , em que todos cresceram ao redor e se ajudam, aprendem e trocam saberes juntos. Demonstra pertencimento, apego ao território e vínculo familiar e comunitário .

Identificação	Desenho		Significado
Nº 07 Masculino 28 anos Mora na comunidade há 08 anos Desempregado			Tem significado de uma roda de conversa entre jovens e adultos, crianças e maiores de idade, transmitindo todo o seu conhecimento, cultura, danças e costumes.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Saudade, felicidade, tristeza, amor, alegria e esperança.	Eu cresci vendo as rodas de conversa, nas casas de farinha, em todo canto. Eu quero isso para os meus filhos.	A casa dos meus sogros, onde tem reuniões com os mais idosos que transmitem tudo o que vivenciaram ao longo de suas vidas.	A percepção do respondente à comunidade é de união, superação e esperança, demonstrando também

			<p>identificação com os símbolos da sua cultura. Logo, é possível identificar relação com o pertencimento, apego ao território e de orgulho e de forte relação de identidade.</p>
--	--	--	---

Identificação	Desenho		Significado
<p>Nº 08 Feminino 30 anos Mora na comunidade desde que nasceu Dona de casa</p>			<p>Significa que na comunidade está cheia de pessoas idosas e poucos jovens.</p>
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
<p>Alegria, decepção, amor, tristeza, compreensão.</p>	<p>Me desperta alegria por ter pessoas que ainda se identificam como quilombolas, mas a maioria dos jovens não compreende o que é quilombo.</p>	<p>A casa da minha família e a associação da comunidade, que reúne muitas pessoas idosas.</p>	<p>É possível perceber a falta de identificação da jovem com relação à comunidade e uma leve indiferença quando questionada sobre sua cultura e relações comunitárias. Também há contraste potencializador em suas emoções.</p>

Identificação	Desenho		Significado
<p>Nº 09 Feminino 55 anos Mora na comunidade há 35 anos Agente Comunitária de Saúde e Vice-presidente da ARQUISC</p>			<p>Significa a luta e a resistência da comunidade, onde se iniciou todo o trabalho de cooperação e houve empenho de todos para construção do “Ponto de Cultura”.</p>
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
<p>Luta, resistência, orgulho, autoconfiança, autonomia e coragem.</p>	<p>Penso no futuro desta comunidade, pois servirá de apoio para filhos, netos, para outras gerações. Os saberes vem de uma história vivida, vem de geração em geração.</p>	<p>É o “Ponto de Cultura”, que reúne todos e desperta o gosto e o prazer em conhecer a história da comunidade.</p>	<p>A respondente manifesta sentimentos de pertença, de orgulho e de forte relação de identidade. Sua relação com a comunidade é marcada pela superação, confiança e resistência, sentimentos que se configuram em pertencimento.</p>

Identificação	Desenho		Significado
<p>Nº 10 Feminino 28 anos Mora na comunidade desde que nasceu Cuidadora de idosos</p>			<p>Desenhei a Associação Quilombola, lugar onde podemos nos reunir e colocar as ideias em dia, dançar, fazer artesanato.</p>

Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Segurança, dor, luta, união, força, fé.	Sinto amor, orgulho da cultura e de ser quilombola, que o povo unido trouxe mais força e felicidade por participarem da comunidade. Hoje nos reconhecemos negros quilombolas.	Me lembra o “Ponto de Cultura”; os quintais, no silêncio; ou no meio das casas cheias de gente, em que conversam no tempo livre, o passado vai embora com o tempo, mas permanece vivo na gente.	Sentimentos de pertencimento , de orgulho , de identidade com a cultura , demonstrando que o “Ponto de Cultura” concentra o poder de união, de luta e resistência da comunidade .

Identificação	Desenho		Significado
Nº 11 Feminino 24 anos Mora desde que nasceu na comunidade Dona de casa			Significa duas pessoas conversando embaixo das árvores como nos tempos antigos, em que sentávamos e ficávamos conversando sobre a comunidade.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Saudade, tristeza, emoção, alegria, angústia, medo.	Fico emocionada, porque me lembra a infância, que era diferente de hoje, porque os jovens e adolescentes não vivem como antes, não brincam de roda à noite, só querem saber de tecnologia e rede social.	Comparei à minha infância, brincando na frente da Associação. Quando eu era mais nova a gente se encontrava também nas casas e na beira do rio.	Para a respondente, ela entende que o espaço que lhe causa pertença é a associação, os terreiros das casas e até a beira do rio. Sentimentos de saudade e emoção se misturam ao de angústia e tristeza , demonstrando um contraste potencializador .

Identificação	Desenho		Significado
Nº 12 Feminino 23 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultora			O meu desenho significa antigamente, que não tinha prédios, ficávamos em rodas de conversa nas árvores e enquanto isso as crianças brincavam em volta.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Alegria, união, paz, felicidade, saudade, tristeza.	Sentia alegria na união das pessoas se reunindo e falando da comunidade, enquanto as crianças lutavam capoeira, isso me transmite paz. Hoje a tecnologia atrapalha muito, antes à noite a gente se reunia nos terreiros.	Parece antes, a gente se reunia nos terreiros. Hoje é na associação, mas não tem muito interesse do povo em ir para a associação.	Na narrativa da respondente é possível perceber emoções como saudade e alegria em lembrar seu passado, mas também tristeza em sentir que a identidade cultural da sua comunidade está enfraquecendo frente às tecnologias e modernidade. Demonstra contraste potencializador .

Identificação	Desenho		Significado
Nº 13 Feminino 30 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultora/Artesã			Desenhei umas árvores, a casa de farinha e a associação. As pessoas se reunindo embaixo da árvore e conversando, contando histórias e nas reuniões da associação. Na casa de farinha, raspando mandioca e então

			começam a contar histórias antigas.
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Felicidade, simplicidade, segurança, saúde, união, reencontro.	Me lembra sentimentos bons, porque a gente conversa e conta histórias, ouvimos muita coisa boa e ficamos felizes. Quem chega triste, sai feliz, rindo. Um momento feliz, apesar de estar numa casa de farinha, mas todos se sentem bem, e é bem interessante, todos se sentem seguros.	Com as casas das pessoas idosas que gostam de contar histórias; na associação também, casas de farinha, alpendre na frente de casa e nos terreiros.	São verificados sentimentos de pertencimento e identificação com o território e com a cultura da comunidade. A respondente demonstra emoções agradáveis ao descrever seu território.

Identificação	Desenho	Significado	
Nº 14 Feminino 26 anos Mora na comunidade desde que nasceu Agricultora		Significa o nosso espaço de convivência, nossa morada, é o lugar onde a gente se mantém de pé para conversar, debater, se reunir para falar sobre os pontos positivos e os que precisam melhorar. É um local onde ocorre nossas apresentações, ensaios e isso o que nos mantém de pé e em união na dança e capoeira.	
Sentimentos	Qualidade	Metáfora	Sentido
Alegria, emoção,	Me sinto emocionada	Eu lembro da	A respondente

<p>força de vontade, tristeza, falta de reconhecimento, falta de vinculação.</p>	<p>por fazer parte do movimento quilombola, força de vontade, mas também tristeza pela falta de reconhecimento e por não termos a ajuda que merecemos e nossos direitos, mas um dia chegaremos lá.</p>	<p>Associação “Ponto de Cultura”, da escola, do EJA dos idosos, das residências com as avós contando aos netos, e quando falta a energia e não tem internet, a gente sempre ouve eles falando do passado.</p>	<p>demonstra contraste potencializador em sua fala, que fala com sentimentos agradáveis, estabelecendo seu vínculo e pertença, ao mesmo tempo que descreve sentimentos de tristeza e frustração pela falta de reconhecimento de sua comunidade.</p>
--	--	---	--

APÊNDICE E – LIVRO
“Quilombo Carnaúba II São Benedito - Ceará: Memória, identidade e visibilidade de um povo”



QUILOMBO

CARNAUBA II SÃO BENEDITO - CEARÁ

MEMÓRIA, IDENTIDADE E
VISIBILIDADE DE UM POVO

2023



FICHA TÉCNICA

QUILOMBO CARNAÚBA II SÃO BENEDITO - CEARÁ: MEMÓRIA, IDENTIDADE E VISIBILIDADE DE UM POVO.

GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC) - CAMPUS SOBRAL - CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

AUTORAS: MARIA ELIANY RIBEIRO MENDES E GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES (ORG.)

ORIENTADORA: (DOUTORA) NARA MARIA FORTE DIOGO ROCHA

TEXTO E FOTOS: MARIA ELIANY RIBEIRO MENDES E COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II

ILUSTRAÇÕES E POESIAS: MARIA ROSEANE DA SILVA LUNA

DIAGRAMAÇÃO: GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES

MARQUES, GILSIANE MARIA VASCONCELOS.

QUILOMBO CARNAÚBA II SÃO BENEDITO - CEARÁ: MEMÓRIA, IDENTIDADE E VISIBILIDADE DE UM POVO/ GILSIANE MARIA VASCONCELOS MARQUES; SOBRAL, CE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2023.

33 P.

1. POVOS QUILOMBOLAS. 2. IDENTIDADE CULTURAL. 3. HISTÓRIA E MEMÓRIA QUILOMBOLA.



Apresentação

SAUDAÇÕES LEITORES (LEITORAS), O MATERIAL AQUI APRESENTADO VISA TRANSMITIR A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II, SITUADA NO MUNICÍPIO DE SÃO BENEDITO/CE. A PROPOSTA SURTIU DO PROJETO DE PESQUISA SOBRE A INTERGERACIONALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL REALIZADO NA COMUNIDADE, ATRAVÉS DO MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), CAMPUS DE SOBRAL. ESTE INSTRUMENTO FOI CRIADO EM DIÁLOGO COM A COMUNIDADE, COM O OBJETIVO DE CONTRIBUIR NA VISIBILIDADE E NO FORTALECIMENTO DA CULTURA QUILOMBOLA, POR MEIO DE UMA CARTILHA CONTENDO DADOS SOBRE A HISTÓRIA LOCAL, COSTUMES E AS TRADIÇÕES DO POVO QUILOMBOLA CARNAÚBA II, COM ILUSTRAÇÕES CRIADAS POR UMA ARTISTA DA PRÓPRIA COMUNIDADE.

ESPERO QUE APRECIEM A CARTILHA E QUE, A PARTIR DELA, VOCÊS POSSAM CONHECER A COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II E TODA A SUA HISTORICIDADE!

01	SÍTIO CARNAÚBA II
02	DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS
03	NOSSAS FAMÍLIAS
04	HISTÓRIA LOCAL
08	POEMA "CONQUISTANDO DIREITOS IGUAIS"
10	CONQUISTAS
11	AGRICULTURA
12	CULTURA E ARTESANATO
13	FESTAS
14	RELIGIÃO
15	POEMA "CARNAÚBA"
17	COMIDAS TÍPICAS
18	BRINCADEIRAS
19	CAPOEIRA
21	FUGAS
22	ARQUISC
23	POEMA "MARIA ROSEANE"
25	RELATORES
26	CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO
27	ÁLBUM DA COMUNIDADE



A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO CARNAÚBA II FICA LOCALIZADA A 9 KM DA SEDE DO MUNICÍPIO DE SÃO BENEDITO, NO ESTADO DO CEARÁ, SENDO O MESMO A 360 KM DA CAPITAL FORTALEZA.

A PRESENTE PUBLICAÇÃO TEM COMO PROPOSTA DISCUTIR SOBRE A HISTÓRIA DA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE CARNAÚBA II, EM SÃO BENEDITO (CE), POR MEIO DOS TESTEMUNHOS ORAIS (HABITANTES DE CARNAÚBA II E DE SUAS ADJACÊNCIAS) E PELAS CONSTRUÇÕES ANTIGAS EXISTENTES ATÉ HOJE E QUE SÃO UM MARCO HISTÓRICO DOS ACONTECIMENTOS VIVIDOS NAQUELE LUGAR E SUAS PROXIMIDADES. ASSIM, A INTENÇÃO É DISCUTIR A TRAJETÓRIA DE SUA POPULAÇÃO E O ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS HISTÓRICAS E DAS RELAÇÕES SOCIAIS E DE FAMÍLIA, ANALISANDO AS ESTRATÉGIAS DA OCUPAÇÃO, SEUS RELACIONAMENTOS, CULTURA, RELIGIÃO, ECONOMIA, AGRICULTURA, COMIDAS TÍPICAS, FESTAS, TRADIÇÕES, MODO DE VIDA DE TODOS QUE ALI VIVEM E DAS FAMÍLIAS RAÍZES (LUNA, PAI ZÉ, PAULINO E SILVA), CONSIDERADAS AS FAMÍLIAS FUNDADORAS DA COMUNIDADE.

COMUNIDADE NEGRA RURAL DE CARNAÚBA II, ANTIGA CARNAÚBA DOS GRILOS, LOCALIDADE DO MUNICÍPIO SÃO BENEDITO (CE), POSSUI UM GRANDE POVOADO, CUJOS HABITANTES COMUNGAM DE VALORES CULTURAIS UMA VEZ QUE SE DIZEM TODOS PARENTES.

SUA POPULAÇÃO, PREDOMINANTEMENTE NEGRA, VIVE DA AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA, PLANTANDO PEQUENAS ROÇAS PARA O CONSUMO OU TRABALHANDO AINDA PARA OS PATRÕES (DONOS DE TERRAS).



Imagem: Casal Sra. Otacilia e Sr. Cicero

O QUE SOBRA DESSA PRODUÇÃO É VENDIDO NA FEIRA LIVRE DE SÃO BENEDITO E DE OUTROS POVOADOS PRÓXIMOS. ESSA É UMA REGIÃO SECA MUITO POBRE, ONDE FALTAM SERVIÇOS, CRECHES, REDE DE ESGOTO, RUAS, CALÇADAS E EMPREGO, ENTRETANTO, ESSA SITUAÇÃO DE CARÊNCIA NÃO ABATE A AUTOESTIMA DA POPULAÇÃO, A QUAL SE REVELA COM INTENSIDADE ATRAVÉS DAS SUAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E DA SUA LUTA PARA O RECONHECIMENTO.

A Comunidade Quilombola Carnaúba II fica situada no Sítio Carnaúba, zona rural de São Benedito - CE

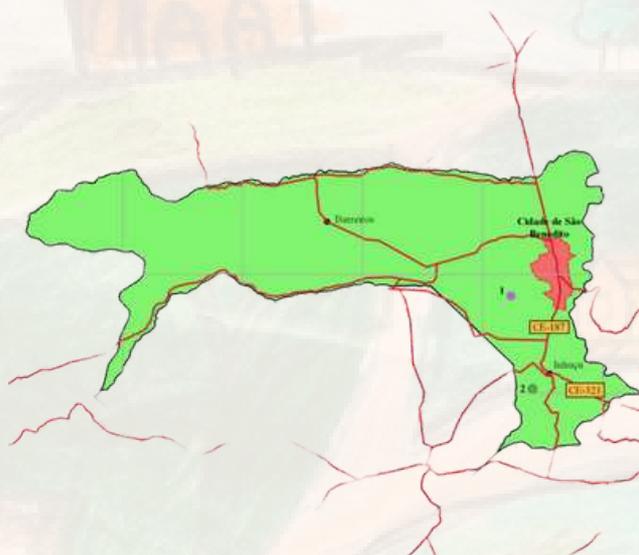


Imagem: Mapa de São Benedito - Ceará

LOCALIDADE: SÍTIO CARNAÚBA II

LOCALIZAÇÃO: A COMUNIDADE NEGRA RURAL DE CARNAÚBA II FICA LOCALIZADA A 9KM DA SEDE DO MUNICÍPIO DE SÃO BENEDITO, NO ESTADO DO CEARÁ, SENDO O MESMO A 360 KM DA CAPITAL FORTALEZA.

LIMITES:

A LESTE: SÃO BENEDITO (SEDE)
A OESTE: ALTO DE PEDRA (SÍTIO)
A NORTE: CHAPADA I (SÍTIO)
A SUL: CARNAUBAL (MUNICÍPIO)

ÁREA:

HIDROGRAFIA: RIO INHUÇÚ (RIO DOS GRILOS)
CLIMA: SEMIÁRIDO
VEGETAÇÃO: SEMI-ÁRIDO

RELIGIÃO: CATÓLICA

DEVOÇÃO: NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, SÃO BENEDITO, PADRE CICERO, SÃO FRANCISCO DE SALES.

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DOS QUILOMBOLAS DO SÍTIO CARNAÚBA (ARQUISC).

TOTAL DE FAMÍLIAS: 225

TOTAL DE HABITANTES: 770

TOTAL DE CRIANÇAS: 92

TOTAL DE ADOLESCENTES: 102

TOTAL DE ADULTOS: 479

TOTAL DE IDOSOS: 97

SOBRENOME DAS FAMÍLIAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II

- | | |
|-------------|-----------------|
| ·BRASILINO | ·BEZERRA |
| ·SILVA | ·FÉLIX |
| ·RODRIGUES | ·NUNES |
| ·ROCHA | ·ABREU |
| ·MORAES | ·MARTINS |
| ·PAULINO | ·PAIVA |
| ·DIAS | ·ANDRADE |
| ·LUNA | ·FREIRE |
| ·MARQUES | ·MEDEIROS |
| ·GONÇALVES | ·SANTANA |
| ·CORREIA | ·COSTA |
| ·LOURENÇO | ·MOTA |
| ·BERNARDO | ·FILOMENO |
| ·VIEIRA | ·LEITE |
| ·SALES | ·PINHEIRO |
| ·CASSIANO | ·PEREIRA |
| ·CÂNDIDO | ·MENDES |
| ·FONTENELE | ·BELCHIOR |
| ·OLIVEIRA | ·SAMPAIO |
| ·ALVES | ·VINUTO |
| ·LIVRAMENTO | ·FERREIRA |
| ·GOMES | ·ALBUQUERQUE |
| ·RIBEIRO | ·SOARES |
| ·LIMA | ·SANTOS |
| ·SOUSA | ·ISAIAS |
| ·VIANA | ·ESPÍRITO SANTO |
| ·AMARAL | ·DE JESUS |
| ·ARAÚJO | ·VERAS |
| ·NASCIMENTO | |



FAMÍLIAS DE RAÍZES NEGRAS:

- LUNA
- PAI ZÉ
- PAULINO
- SILVA

AS PESSOAS MAIS ANTIGAS, SENDO AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS, VIERAM DO ESTADO DO PIAUÍ E MARANHÃO FUGINDO DOS QUILOMBOS DE PERNAMBUCO À PROCURA DE UMA VIDA MELHOR. ERAM CHAMADOS DE RETIRANTES E PASSAVAM DE UM ESTADO PARA O OUTRO, ATÉ QUE CHEGARAM NESTAS TERRAS. MORADORES MAIS ANTIGOS, COMO A SENHORA ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO, VIERAM DE ÁGUAS BELAS JUNTAMENTE COM SUA FAMÍLIA, CHEGANDO A ESSA COMUNIDADE.

MAIS TARDE SEU FILHO, RAIMUNDO GONÇALVES DE SOUSA (PAI ZÉ), UM LEGÍTIMO REPRESENTANTE DA RAÇA NEGRA, VINDO DE ÁGUAS BELAS, CASOU-SE COM UMA MORADORA DA LOCALIDADE CHAMADA MARIA DAS DORES DA CONCEIÇÃO. ENTRETANTO OS DOIS FIRMARAM MORADIA JUNTO A SEUS FILHOS NO SÍTIO CARNAÚBA, SENDO REPASSADAS AS TRADIÇÕES E HISTÓRIAS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, SENDO ESTA FAMÍLIA A RAIZ PRINCIPAL DE TODO POVO DO LUGAR.

ESTE MESMO LUGAR FOI DISCRIMINADO DURANTE ANOS DEVIDO À GRANDE PRESENÇA NEGRA E ÀS PÉSSIMAS CONDIÇÕES, MUITAS VEZES SUBUMANAS A QUAL ESTE POVO VIVIA.

RELATOS APONTAM QUE MUITO TEMPO ATRÁS, NAS PROXIMIDADES, HAVIAM NEGROS MANTIDOS COMO ESCRAVOS E QUE EXISTEM AINDA CASAS DA ÉPOCA DA ESCRAVIDÃO, COM TODAS AS CARACTERÍSTICAS DA ESCRAVATURA, NO SÍTIO ESCURO, LAGOA E MURICITUBA, TODAS ESSAS ADJACÊNCIAS, E QUE DE UMA MANEIRA OU OUTRA MANTIVERAM LAÇOS FAMILIARES, CULTURAIS, TENDO COMO FOCO E PONTO DE REFERÊNCIA A LOCALIDADE DE CARNAÚBA.

HÁ TEMPOS SÓ EXISTIA MATO E ERA MUITO DIFÍCIL A CONVIVÊNCIA PELO FATO DE TER UMA POPULAÇÃO PEQUENA. HAVIA UM ENGENHO, E COMO NÃO TINHA ENERGIA, ERAM OS BOIS QUE PUXAVAM A RODA E OS HOMENS CORTAVAM A CANA-DE-AÇÚCAR. ERA DE PROPRIEDADE DO SR. ANTÔNIO ISAIAS DE MARIA, DONO DE QUASE TODAS AS TERRAS DO SÍTIO CARNAÚBA. AS MESMAS ERAM VENDIDAS OU TROCADAS PARA O SR. ANTÔNIO ISAIAS POR ALGO SEM MUITO VALOR DEVIDO A NECESSIDADE DE COMIDA E OUTROS UTENSÍLIOS DO DIA A DIA.





OS MAIS ANTIGOS MORRIAM E O SR. ANTÔNIO ISAIAS SE ENCARRGAVA DE CHAMAR OS MAIS NOVOS PARA FAZEREM O SEPULTAMENTO. É POR ISSO QUE DIZEM QUE AS TERRAS EXISTENTES ERAM CHAMADAS "TERRA DO AUSENTE", ISTO PORQUE SEUS DONOS, NO CASO A FAMÍLIA LUNA, FORAM FALECENDO E OS FAMILIARES TOMANDO CONTA.

AS RUÍNAS DA BANDOLEIRA EXISTEM ATÉ HOJE NO TERRENO DO SR. CHICO INÁCIO. O SR. FRANCISCO NUNES DA SILVA DE 58 ANOS CONTA QUE TRABALHANDO PARA O SR. BENEDITO CATARINA, AS CRIANÇAS ERAM OBRIGADAS A ENTUPIR BURACOS DE FORMIGAS COM AREIA EM CUIA E QUANDO SE RECUSAVAM, ERAM AMEAÇADAS A LEVAR SURRA.

TRABALHAVAM TAMBÉM NA AGRICULTURA, SENDO O ACESSO AOS ESTUDOS MUITO DIFÍCIL, POIS PRATICAMENTE NÃO HAVIA PROFESSOR DISPONÍVEL. TRABALHAVAM COM FARINHADA PARA O SUSTENTO DA FAMÍLIA. EXISTIA A COLHEITA DE CAFÉ, FUMO, MILHO, FEIJÃO, MANDIOCA E ALGODÃO. CULTIVAVAM O FUMO E A MANDIOCA, SENDO QUE ATÉ HOJE FUNCIONA ESTA CASA DE FARINHA.

A CARNAÚBA II HOJE TEM ESSE NOME DEVIDO HÁ TEMPOS ATRÁS EXISTIR MUITAS PALMEIRAS DE CARNAÚBA E AS PESSOAS USAVAM AS PALHAS PARA FAZER CHAPÉUS, VASSOURAS E SACOS DE PALHA, CONHECIDOS COMO SURRÃO.

OUTRO RELATO QUE NO PASSADO EXISTIA UMA PALMEIRA (CARNAÚBA) NA ESTRADA COMO UMA ESPÉCIE DE QUEBRA-MOLAS. ENTÃO O LADO DO NASCENTE SERIA CARNAÚBA I E O POENTE CARNAÚBA II. ATÉ ENTÃO ERA UMA ÚNICA COMUNIDADE, HAVENDO DEPOIS A DIVISÃO, FEITA PELOS AGENTES DE SAÚDE, PARA FACILITAR OS TRABALHOS NAQUELE LUGAR.

NA CARNAÚBA I EXISTIA UM SALÃO QUE TINHA COMO NOME "PALHOÇA DA ANTONIETA", QUE VIROU TRADIÇÃO EM TODO FINAL DE SEMANA. A MESMA REALIZAVA FORRÓ, INDO GENTE ATÉ DE SÃO BENEDITO E CARNAUBAL (MUNICÍPIO VIZINHO), TENDO COMO ÚNICO BAR O DO SR. FRANCISCO DAS CHAGAS ISAIAS, NO QUAL OS NEGROS QUANDO CHEGAVAM ERAM DISCRIMINADOS COM DIZERES QUE "NEGRO NÃO VALE NADA" E QUE "NÃO TINHAM CONDIÇÕES FINANCEIRAS NEM SOCIAIS DE SE MISTURAREM COM OS CHAMADOS BRANCOS LOCAIS". ERA CONHECIDA COMO CARNAÚBA DOS BRANCOS E RICOS, COM PODER AQUISITIVO UM POUCO ELEVADO E JÁ CONTAVAM COM ENERGIA ELÉTRICA E COMÉRCIO, POIS QUEM TINHA ENERGIA ELÉTRICA EM CASA JÁ ERA CONSIDERADO UM SENHOR.

ENQUANTO A OUTRA CARNAÚBA ERA CHAMADA DE LUGAR DOS NEGROS E POBRES, MISERÁVEIS E IGNORANTES, COM BAIXO PODER AQUISITIVO. DEVIDO À FAMÍLIA MENDES SER UMA DAS MAIS ANTIGAS E CONHECIDAS COMO FAMÍLIA GRILO, ATÉ HOJE SE ESCUTA FALAR NA CARNAÚBA DOS GRILOS.

HOUE UM TEMPO DE MISSÕES E VINHAM VÁRIOS PADRES PARA A PARÓQUIA DE SÃO BENEDITO, INDO UM DELES VISITAR A COMUNIDADE DE CARNAÚBA, E ENTÃO COMO ALGUNS MORADORES ERAM MUITO REBELDES POR ALGUM MOTIVO NÃO ESCLARECIDO, RESOLVERAM PEGAR O PADRE E JOGARAM-LHE URINA EM SUA CABEÇA. O MESMO ENTÃO EM UM ATO DE FÚRIA IMEDIATA AMALDIÇOOU NÃO SÓ ESTES MAUS FEITORES, MAS ATÉ A QUINTA GERAÇÃO DE SUAS FAMÍLIAS E DALI EM DIANTE, QUEM MORASSE DA PALMEIRA PARA O LADO POENTE FICARIA COM A TAL MALDIÇÃO.

EXISTE NA COMUNIDADE UM LUGAR CHAMADO "BURACO DOS TAPUIAS", QUE ANTES ERA UM LOCAL COM CAVERNAS E BURACOS, UTILIZADOS COMO ESCONDERIJO DOS NEGROS FUGIDOS DA ESCRAVIZAÇÃO. PARA DESPISTAR OS FEITORES E CACHORROS DURANTE AS BUSCAS, OS NEGROS SE ESCONDIAM NAS CAVERNAS COBERTAS DE GALHOS E FOLHAS, E SE SUJAVAM COM A LAMA DE UM RIO QUE CORRIA NA REGIÃO.





COM O PASSAR DO TEMPO, AS CAVERNAS FORAM ATERRADAS COM A AÇÃO DO TEMPO E EROSÃO. NA ÉPOCA NÃO TINHA A DIVISÃO DE TERRITÓRIO COM OS INDÍGENAS, MAS ATUALMENTE A REGIÃO É OCUPADA PELO POVO INDÍGENA DA REGIÃO E UTILIZADA COMO LOCAL SAGRADO PARA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA.

AO PASSO QUE A COMUNIDADE FOI CRESCENDO, OS NEGROS SAÍRAM DAS CAVERNAS E FORAM CONSTRUINDO SUAS HABITAÇÕES COM TAIPA E PALHAS DE BABAÇU E PALMEIRAS. NÃO TINHAM MESAS E NEM CADEIRAS, USAVAM ESTEIRAS DE PALHAS; USAVAM PANEIAS E UTENSÍLIOS DE BARRO.

O NOME DA COMUNIDADE "CARNAÚBA" SE DEU PELA QUANTIDADE EXPRESSIVA DE CARNAÚBAS NA REGIÃO. HOJE EXISTE CARNAÚBA I E CARNAÚBA II, QUE FOI DIVIDIDA ATRAVÉS DE UM RIO QUE CORRIA NA COMUNIDADE, CONHECIDO COMO "RIO DOS GRILOS". NESSE LOCAL REUNIAM-SE MULHERES PARA LAVAGEM DE ROUPAS E TINHA COMO TRADIÇÃO NA SEMANA SANTA, QUE MORADORES SAÍSSEM DE MADRUGADA NO SÁBADO DE ALELUIA PARA TOMAR BANHO, POIS OS MAIS ANTIGOS FALAVAM QUE NAQUELA MANHÃ, ANTES DO NASCER DO SOL, A ÁGUA ESTARIA BENTA. COM A EVOLUÇÃO, OS RIOS REDUZIRAM SEUS MANANCIAIS E A QUANTIDADE DE PALMEIRAS TAMBÉM REDUZIU. A POPULAÇÃO JÁ UTILIZA DE ÁGUA ENCANADA E CONSTRÓI SUAS CASAS DE ALVENARIA.

COMO NA COMUNIDADE NÃO TINHA TERRA PARA PRODUIR, OS DONOS DE TERRAS EXPLORAVAM A MÃO-DE-OBRA DOS HABITANTES DA COMUNIDADE EM TROCA DE COMIDA, SITUAÇÃO QUE AINDA SE MANTÉM, MAS COM BEM MENOS EXPRESSIVIDADE.

A TECNOLOGIA INTERFERIU NAS BRINCADEIRAS, ARTESANATO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DA COMUNIDADE, POIS AS CRIANÇAS NÃO FAZEM MAIS PANELINHAS DE BARRO, BONECAS DE PANO, CARRINHOS DE BOI COM JATOBÁ, NÃO BRINCAM MAIS NOS TERREIROS E NEM FAZEM MAIS DANÇAS E CANTIGAS DE RODA COM SEUS PAIS PELAS CASAS DAS PESSOAS COMUNIDADE. ALGUMAS FESTAS TAMBÉM SE PERDERAM COM O TEMPO, COMO A "FESTA DE REIS" E O "BOI DOS CARETAS", DANÇA TÍPICA QUE DURAVA UM MÊS INTEIRO E PASSAVA POR TODA A COMUNIDADE.

Olha aí meu povo!
Os quilombolas chegando de novo!
Mostrando toda sua cultura
colocando sua força na guerra
pelo direito à terra
na habilidade da sobrevivência guerreira.

Não deixem que o preconceito
escravize sua mente,
afinal somos todos iguais
mesmo sendo diferentes.

E não é contradição,
É pura convicção!
Num conceito de igualdade
baseado no amor
que não divide por cor
ninguém na humanidade..



Mas afinal, qual é a cor dessa tal de consciência?
Sendo a consciência negra
tem a cor de muita luta
de um povo forte e guerreiro
que não foge da labuta
tem a cor do sofrimento,
dos injustos julgamentos,
do preconceito velado
Tem a cor de que já sofreu
que sofre, mas aprendeu
a jamais ficar calado.

Se tem consciência, respeite a tua
própria natureza e assuma
tua beleza.

Sou carnaubense
com muito orgulho afrodescendente!
Sou mulher guerreira!
Sou Maria Roseane, negra,
cidadã brasileira!

Maria
Roseane

NO ANO DE 1997 A CARNAÚBA DOS NEGROS COMEÇOU A ERGUER-SE, POIS O POVO VIU QUE NÃO PODIA MAIS CONTINUAR DO JEITO QUE ESTAVA, ENTÃO RESOLVERAM UNIR-SE E LUTAR PELA COMUNIDADE. O PREFEITO NA ÉPOCA, SR. JOÃO ALMIR DE FREITAS BRANDÃO, INICIOU A CRIAÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ONDE OS MORADORES ENTRARAM COM O PROJETO SÃO JOSÉ, TENDO COMO PRIMEIRA REIVINDICAÇÃO A ENERGIA ELÉTRICA, SENDO ATENDIDOS NO DIA 2 DE OUTUBRO, DEIXANDO A FELICIDADE ESTAMPADA NOS OLHOS DE CADA MORADOR. A PRÓXIMA ETAPA FOI O ABASTECIMENTO DE ÁGUA ATRAVÉS DE UM CHAFARIZ, DEVIDO À GRANDE DIFICULDADE DE ÁGUA POTÁVEL NA LOCALIDADE.

EXPLICARAM O DESEJO DE MELHORIAS PARA A COMUNIDADE, TENDO COMO PRIORIDADE A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA. O MOTIVO ERA O AUMENTO DA POPULAÇÃO E A DEMANDA CRESCENTE DE ALUNOS, POIS AS AULAS ESTAVAM SENDO REALIZADAS EM CASAS CEDIDAS POR MORADORES. O PREFEITO PEDE QUE OS REPRESENTANTES CONSIGAM UM TERRENO E ENTÃO CONSTRUIRIA A ESCOLA. OS REPRESENTANTES CONSEGUIRAM UM LOTE DE UM TERRENO DOADO PELO FILHO DO SR. ANTÔNIO ISAIAS DE MARIA, QUE HAVIA RECEBIDO COMO HERANÇA. GENTILMENTE, ANTÔNIO SALES DA SILVA (NOGUEIRA) DOOU 40/60M PARA A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA, 20/40M PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CRECHE E 60/60M PARA A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA LOCAL.

A CONSTRUÇÃO TEVE SEU INÍCIO E EM AGOSTO DE 1998 JÁ ESTAVA CONCLUÍDA, TENDO SUA INAUGURAÇÃO E ABERTURA PARA OS ALUNOS EM FEVEREIRO DE 1999.

ALGUNS GRUPOS JUNTAVAM-SE E CADA UM DELES SE ENCARREGAVA DE FAZER A LIMPEZA À BEIRA DAS ESTRADAS E OUTROS SE RESPONSABILIZAVAM EM

CONSTRUIR MORADIA COM MATERIAIS DOADOS PARA AQUELES QUE NÃO TINHAM ONDE MORAR. A PRIMEIRA MORADIA FOI A DA SR.ª MARIA AUXILIADORA DOS SANTOS GOMES.

A COMUNIDADE CONQUISTOU EM 13 DE JUNHO DE 2013 O RECONHECIMENTO E CERTIFICAÇÃO DA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES DE QUE SE TRATA DE UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO.

A COMUNIDADE, COM O RECONHECIMENTO DA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, PASSOU A CONTAR COM O APOIO DE FUNDAÇÕES COMO A CONAB E O SESC, POR MEIO DO MESA BRASIL.

NO ÂMBITO DA SAÚDE, OS QUILOMBOLAS POSSUEM PRIORIDADE NAS VACINAÇÕES CONTRA A COVID-19.

MUITOS PROJETOS SOCIAIS JÁ BENEFICIARAM A COMUNIDADE, SENDO O MAIS RECENTE O PROJETO SÃO JOSÉ JOVEM (FOTO), QUE PRETENDE INVESTIR RECURSOS EM PROJETOS AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS PARA JOVENS DO CAMPO. NESTE PROJETO, A COMUNIDADE CONSEGUIU OBTER O PRIMEIRO LUGAR - PROJETO CRIADO POR MARIA ROSEANE - E RECEBEU INVESTIMENTOS PARA COLOCÁ-LO EM PRÁTICA.



Imagem: A jovem Maria Roseane recebendo a contemplação do seu projeto pelo governador, vice-governadora e senadora do Estado.

OS POVOS AQUI EXISTENTES SEMPRE VIVERAM DO TRABALHO BRAÇAL. NA ÉPOCA DE INVERNO PLANTAVAM MILHO, FEIJÃO E MANDIOCA E NA COLHEITA, AS MULHERES ERAM OBRIGADAS A COLHER O QUE PLANTAVAM, ENQUANTO OS HOMENS TRABALHAVAM NA LIMPA DOS ROÇADOS.

A MANDIOCA AJUDAVA NA ALIMENTAÇÃO SENDO QUE A MESMA PASSAVA POR VÁRIOS PROCESSOS ATÉ SER CONSUMIDA.

AS MULHERES SE ENCARREGAVAM DA RASPAGEM E TAMBÉM DA LAVAGEM DA MASSA PARA ENTÃO TIRAR A GOMA PARA CONFEÇÃO DE TAPIOCAS E BEIJUS. NA SEMANA SANTA HAVIA A TRADIÇÃO DE FAZER FORNADAS DE BEIJUS PARA SEREM TROCADAS POR OUTROS ALIMENTOS E COMPLEMENTAR O JEJUM.

OUTROS TRABALHOS NA AGRICULTURA

CORTE DA CANA DE AÇÚCAR
CASA DE FARINHA
PLANTIO E COLHEITA DE LEGUMES



Imagem: O cultivo da mandioca é uma importante fonte de renda da comunidade.



UM MEIO DE SOBREVIVÊNCIA DESSES POVOS ERA A CONFECCÃO DE CHAPÉUS FEITO DA PALHA DA CARNAÚBA. AS PALHAS ERAM DIVIDIDAS EM TIRAS FINAS E PINTADAS DE VÁRIAS CORES, SENDO QUE APÓS SEREM FEITOS COLOCAVAM EM FORMA DE MADEIRA, PASSADOS EM FERRO À BRASA BASTANTE QUENTE, E EM GRUPOS SAIAM AOS SÁBADOS AO AMANHECER DO DIA PARA VENDER OS CHAPÉUS NA FEIRA LIVRE DE SÃO BENEDITO. ALÉM DOS CHAPÉUS, HOMENS E MULHERES FAZIAM CESTOS COM CIPÓS TIRADOS DA MATA E QUE ERAM UTILIZADOS NA APANHA DO FEIJÃO, DO CAFÉ E PARA A VENDA.



Imagem: O artesanato através da palha de carnaúba é uma das atividades mais comuns da comunidade, aproximando famílias e gerações.

PALHA DE PALMEIRA

CESTOS
CHAPÉUS
ABANOS
VASSOURAS
SACOS DE PALHA
(SURREÃO)

PALHA DE COCO BABAÇU

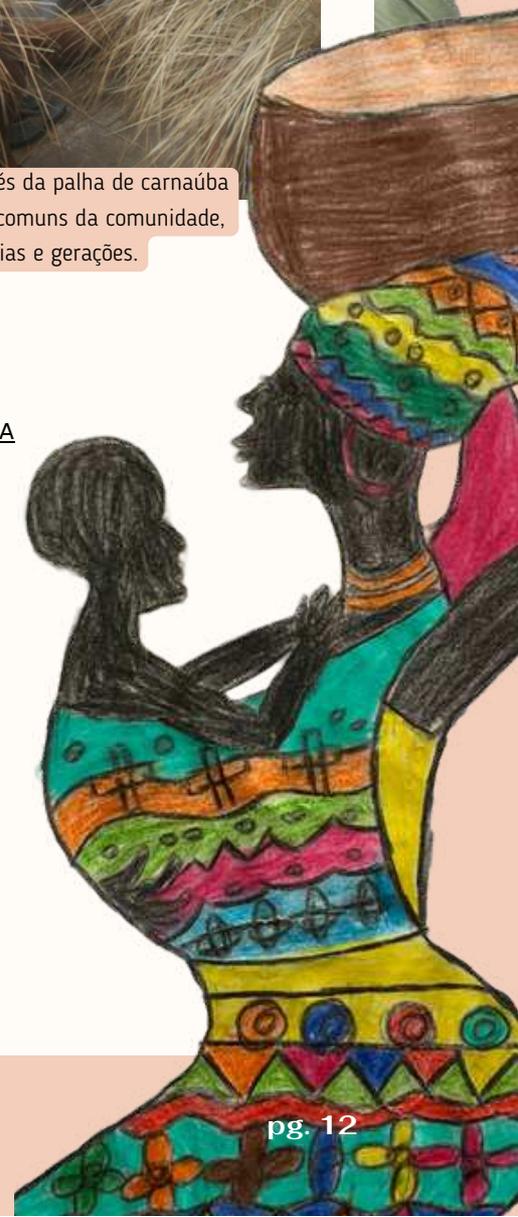
PORTAS
ESTEIRAS
TELHADOS

PALHA DE BANANEIRA

COLCHÃO
PALHA DE CROAR
CORDAS
CINTOS (CINTURÃO)

CULTIVO

MILHO
FEIJÃO
MANDIOCA



REISADO

UMA DAS TRADIÇÕES ERA O REISADO. OS HOMENS SE VESTIAM DE MULHERES PARA SEREM AS DAMAS, ISSO PORQUE NÃO SE ACEITAVA MULHERES NO GRUPO. OS CARETAS ANDAVAM DE PORTA EM PORTA PEDINDO UMA PRENDA USANDO DE MUITA RIMA QUE SEMPRE TERMINAVA NO DIA 6 DE JANEIRO E QUE AINDA É CONHECIDO HOJE COMO DIA DE REIS.

O REISADO ERA COMPOSTO POR BURRINHA, BOI, DAMAS, CARETAS E O CHEFE CONHECIDO COMO PAI DOS CARETAS. NO ÚLTIMO DIA ERA FEITO A MATANÇA DO BOI, SENDO QUE SUAS VESTES ERAM DISTRIBUÍDAS ENTRE TODOS OS QUE PARTICIPAVAM DO REISADO, ASSIM COMO O DINHEIRO ARRECADADO.

CHITÃO / QUADRILHA

AS MULHERES VESTIAM-SE COM VESTIDO OU SAIA DE TECIDO BASTANTE FLORADO E OS HOMENS USAVAM CAMISA DE MESMA ESTAMPA. ESSE CHITÃO ERA REALIZADO NO SÍTIO CRUZ DE RAIO NA RESIDÊNCIA DO SR. CHICO TEREZA, TODOS OS ANOS NO MÊS DE JUNHO. A SENHORA CASADA QUE CONSEGUISSSE LEVAR DEZ MOÇAS PARA A FESTA, TINHA DIREITO A UM LOCAL PARA COLOCAR SUA BARRACA DE GRAÇA NO EVENTO.

CASSIMIRO

FESTA CONHECIDA HOJE COMO FANTOCHE. OS DRAMAS ERAM APRESENTADOS PELAS MOÇAS JOVENS DA COMUNIDADE, ONDE SE FAZIA UM PALCO E ALI MOSTRAVAM VÁRIAS COMÉDIAS E HISTÓRIAS ENGRAÇADAS, BASEADAS NA VIDA DA COMUNIDADE.

CONSCIÊNCIA NEGRA

TODOS OS ANOS, NO DIA 20 DE NOVEMBRO, A COMUNIDADE SE REÚNE PARA COMEMORAR O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA, EM QUE SÃO REALIZADAS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS.

OUTRAS FESTAS

DRAMA

FESTAS DE SANTOS

SAMBA DE SAFONA E VIOLÃO

CASA DA SEMENTE LUTA E RESISTÊNCIA

FESTA DO LEGUME



ADORAVAM PADRINHO CICERO ROMÃO DE JUAZEIRO DO NORTE. DUAS VEZES AO ANO VISITAVAM JUAZEIRO FRETANDO CAMINHÃO CHAMADO DE PAU-DE-ARARA, TRADIÇÃO QUE CONTINUA NOS DIAS ATUAIS. OS ANTIGOS LOCAIS CONTAVAM QUE AINDA OUVIRAM OS CONSELHOS DO PADRE E QUE O MESMO CHEGOU A APADRINHAR ALGUNS DE SEUS FILHOS.

TAMBÉM CONTAVAM QUE NO HORTO HÁ UMA PEDRA E QUEM TEM INIMIGO E SÃO CHEIOS DE VAIDADES NÃO CONSEGUEM PASSAR ENTRE A MESMA. FALAM QUE QUANDO O PADRE ERA VIVO, ELE JOGAVA O CHAPÉU NA PAREDE E FICAVA FIXO E AS BEATAS REZAVAM NAS PESSOAS QUE AS VISITAVAM.

OUTRO SANTO ADORADO ERA SÃO FRANCISCO DE SALES. A IMAGEM FOI TRAZIDA DE CANINDÉ PELA SRA. CARMELINA MARIA DA CONCEIÇÃO. O POVO ERA MUITO DEVOTO, PEDIA GRAÇAS E PAGAVAM PROMESSAS. SAIAM EM CAMINHADA COM A IMAGEM CONVIDANDO TODA COMUNIDADE, COM FOGOS, CANTOS E TODO ALVOROÇO. ESTA TRADIÇÃO NÃO EXISTE MAIS NOS DIAS ATUAIS, PORÉM A IMAGEM PERMANECE NA CASA DO SR. JOSÉ DE PAULA VIEIRA, FILHO DA SRA. CARMELINA.

NA ÉPOCA COMO NÃO EXISTIA IGREJA NA COMUNIDADE, OS MORADORES IAM À MISSA EM CARNAUBAL E SÃO BENEDITO, E COMO NÃO HAVIA TRANSPORTE SE DESLOCAVAM A PÉ TANTO NA IDA COMO NA VOLTA.

CRENÇA

DONA RAFAELA CALISTO DE SALES ERA E É AINDA A BENZEDEIRA DA COMUNIDADE. ELA CONTA QUE SALVOU MUITAS CRIANÇAS DA MORTE COM SUAS REZAS, SE SENTINDO ASSIM REALIZADA COM OS FEITOS. DONA RAIMUNDA TAMBÉM É CONHECIDA POR SER ARTESÃ E CONFECCIONAR BONECAS DE PANO.

CASAMENTO

O SR. FRANCISCO CONHECIDO COMO CHICO BELO RELATA QUE A TRAIÇÃO POR PARTE DAS MULHERES ERA VISTA COMO UM ABSURDO E QUE ERAM AMEAÇADAS DE MORTE CASO ISSO ACONTECESSE.



Carnaúba

Viemos da Mãe África
Vivemos na Escravidão
que aqui na luz da
lâmparina para que não
morrâmos na Escuridão.

Hoje eu recordo quando
eu, menina, brincava na
lama, porque não tinha
cama, porque não tinha
cama, porque era feita de palha
de bananeira onde era nosso descanso.
As portas feitas de palmeiras, canto
estas canções que eu fiz no coração.

Quando lá fora brincava nas casinhas das terras daqueles
fazendeiros,
eles não aceitavam, aquele povo e negreiros,
naqueles lugares que corríamos de caminho a fora pelos
canaviais
para não sermos espancados e nem ser feitos de palhaços.

Quando nos enchíamos os nossos galardões,
que vinha um povo de fora chamando a gente de ladrões,
que aqueles mesmos negros pobres,
não podiam encher aquelas cabaças de água,
mas sim de cachaça,
para serem levados para aqueles homens bem vestidos,
como um cavaleiro,
mas eles não sabiam que nós éramos um povo unido, forte e
guerreiro.

Maria
Roseane



COMIDAS TÍPICAS

SUAS COMIDAS TÍPICAS ERAM O FEIJÃO, FARINHA E PÃO DE MILHO CONHECIDO COMO CUSCUZ. O MILHO ERA MOÍDO EM MOINHO DE MADEIRA E DEPOIS PENEIRADO EM PENEIRA FEITA DE TALO DA FOLHA DA CARNAÚBA, SENDO DEPOIS COZIDO E CONSUMIDO COM FEIJÃO NO CAFÉ DA MANHÃ. UTILIZAVAM O BURITI, POIS O FRUTO ERA COLOCADO DE MOLHO DE UM DIA PARA O OUTRO E RETIRADO A POLPA. LOGO APÓS ACRESCENTAVA A ÁGUA DE FARINHA E AÇÚCAR, QUE CHAMAVAM DE CAMBICA DE BURITI, SERVIDA NO ALMOÇO OU JANTAR. JÁ O MUNGUNZÁ ERA FEITO DE MILHO SECO, COLOCADO DE UM DIA PARA O OUTRO E LEVADO AO PILÃO PARA SER PILADO E JUNTAR COM O FEIJÃO PARA SER COZINHADO.

AS MAIS CONHECIDAS:

- BRINCADEIRA DO ANEL;
- CAI NO POÇO;
- GRILO.

A MAIS APRECIADA PELOS JOVENS ERA A BRINCADEIRA DO CAI NO POÇO.
JUNTAVAM-SE VÁRIAS MOÇAS E RAPAZES E UMA MOÇA FALAVA ASSIM:

- CAI NO POÇO?

E A TURMA RESPONDEIA: QUEM TE TIRA?

ELA RESPONDE QUE É "FULANO".

A TURMA: "COM QUE?".

A MOÇA: "COM UM BEIJO".

E NISSO SE APAIXONAVAM E ATÉ SE CASAVAM NESTAS MESMAS
BRINCADEIRAS DE ADOLESCENTES, TENDO FILHOS E VIVENDO JUNTOS ATÉ HOJE
COMO ALGUNS CASAIS DA LOCALIDADE RELATAM.





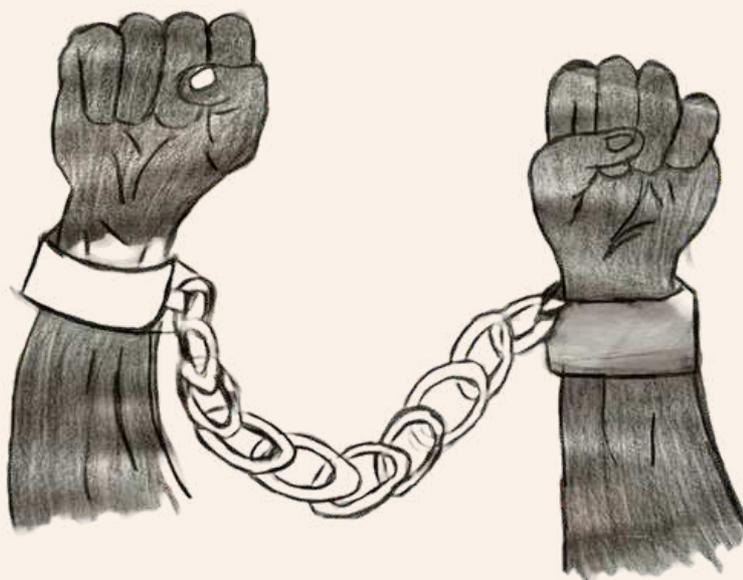
UMA DAS CONQUISTAS IMPORTANTES NA TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II FOI O PROJETO DE ENSINO DE CAPOEIRA ATRAVÉS DA ASSOCIAÇÃO DE LUTAS UNIDAS, QUE PERMITIU QUE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS AMPLIASSEM AINDA MAIS SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE RACIAL E QUILOMBOLA.



A ASSOCIAÇÃO DE LUTAS UNIDAS TEM COMO MESTRE FUNDADOR JOSÉ DE FREITAS, NASCIDO NA CIDADE DE ALAGOINHAS BAHIA. NO FINAL DA DÉCADA DE 50 VIAJOU PARA SÃO PAULO ONDE FUNDOU A LUTAS UNIDAS.

AS AULAS DE CAPOEIRA SEMPRE TEM A PARTE TEÓRICA, DEMONSTRANDO SUAS ORIGENS E CULTURA EM SEU ASPECTO FOLCLÓRICO E CULTURAL BRASILEIRO. EM SEGUIDA, AULAS DE INSTRUMENTOS, MÚSICAS E APRENDIZADO DA MUSICALIDADE DA CAPOEIRA. OS MOVIMENTOS SÃO REPASSADOS NA SEQUÊNCIA, COMO A GINGA E OS GOLPES. AS CONTRIBUIÇÕES SÃO A DISCIPLINA, A ORGANIZAÇÃO DOS ALUNOS, A EDUCAÇÃO DE TODOS, SENDO FUNDAMENTAL PARA OS JOVENS E ADULTOS POIS GERA A AMIZADE, ASSIM EVITANDO CONFLITOS. A CAPOEIRA É ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO. EM SÃO BENEDITO (CE), ATUALMENTE O PROFESSOR RESPONSÁVEL É O MESTRE FRANCISCO EDUARDO GOMES PEREIRA, CONHECIDO COMO MESTRE EDDY.





O SR. FRANCISCO DAS CHAGAS ROCHA AFIRMA QUE FEZ MUITAS FUGAS DE ALGUNS PATRÕES NA CALADA DA NOITE, POR VÁRIOS MOTIVOS. UM DELES CHAMA A ATENÇÃO, POIS UM DIA ELE GUARDOU FEIJÃO COM O PATRÃO PARA PLANTAREM, E QUANDO CHEGOU À ÉPOCA, O MESMO DISSE QUE NÃO HAVIA FEIJÃO PARA ELE.

COM ALGUNS ARRANJOS CONSEGUIU PLANTAR ALGUMAS COVAS DE CANA-DE-AÇÚCAR QUE DEPOIS FORAM TOMADAS PELO MESMO PATRÃO. OUTRO FATO FOI O DO TERRENO QUE LHE FORA DOADO E TOMADO TEMPOS DEPOIS.



ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DO SÍTIO CARNAÚBA II

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA LOCAL TEM SE ESFORÇADO PARA MELHOR BUSCAR MAIS INFORMAÇÕES SOBRE A VERDADEIRA ORIGEM DE SEU RECONHECIMENTO E PROCURANDO RESGATAR SUA CULTURA COMO AS COMIDAS TÍPICAS DOS ESCRAVOS: FEIJOADA, ARROZ DOCE, MUNGUNZA, BEIJUS DE MASSA E GOMA, DOCES, ETC. DENTRE OUTRAS CULTURAS E CULINÁRIAS QUE ESTÃO SENDO PESQUISADOS PARA SEREM RESGATADOS, COMO AS DANÇAS, FESTAS, ARTESANATOS, FOLCLORE E RELIGIOSIDADE.

PESSOAS IMPORTANTES DA COMUNIDADE QUE JÁ SE FORAM DEIXARAM SUA MARCA. A ASSOCIAÇÃO SE MANTÉM ATRAVÉS DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DO ARTESANATO DE BONECAS PANO, BOLSAS E TAPETES.

Maria Roseane

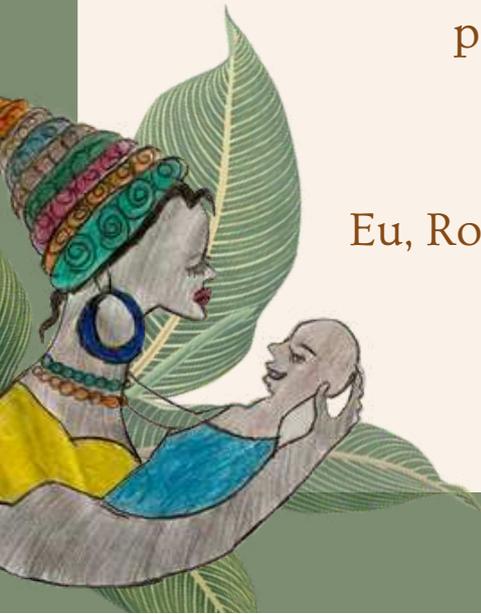


Eu, Rose, moro no interior do Nordeste
chamado Sítio Carnaúba II, conheci um
rapaz que por mim se apaixonou,
foi amor à primeira vista que por mim se encantou.

Eu vivo lá na minha casinha, coberta de palha,
que eu morava sozinha,
quando de repente conheci um vizinho,
que roubou um beijo meu, na minha cozinha.

Sou como a flor no campo que brotou sem deixar cor
sou como uma menina bruta,
que corre pela mata se escondendo de saia curta.
Eu vivo e recanto o que digo,
pois eu vim de lá do interior trazer esta canção
que roubou o meu coração.

Eu, Roseane, que brincava de roda, na noite daquela
escuridão para fugir daquela terrível solidão.



Maria Roseane



Quando eu menina véa,
aquele povo sofrido, com cesto na cabeça,
a mãe de longe gritava:
"menina, sai dessa estrada, pra tu não ser feita de escrava!"

Um dia um fazendeiro, com o bolso cheio de dinheiro,
vestido como um rei, de longe se apaixonou
ao ver ao ver aquela mulher negra,
linda, de pele meiga,
com a cor de canela,
avistou pela janela
aquela linda mulher,
que não aceitava aquela vida triste naquele lugar
em plenas noites de luar..

Maria
Roseane

- FRANCISCO NUNES CORREIA, 58 ANOS, PAI DE JOSÉ PAULINO:

ASSUNTO: BULANDEIRA;

- FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA:

ASSUNTO: ARTESANATO;

- SEBASTIÃO PEDRO DE LUNA, 88 ANOS:

ASSUNTO: ENGENHO, TERRAS VENDIDAS OU TROCADOS;

- ANTÔNIO MENDES DA SILVA, CONHECIDO COMO ANTÔNIO ZÉ PEDRO:

ASSUNTO: BULANDEIRA;

- FRANCISCA MARIA DA SILVA, CADEIRANTE E EX-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO:

ASSUNTO: ESCRAVA DA VIDA E DO LAR;

- FRANCISCO, CONHECIDO COMO CHICO BELA:

ASSUNTO: TRAIÇÃO NO CASAMENTO E CONTINUAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO;

- MARIA GENILDA DA SILVA:

ASSUNTO: AGRICULTURA E ARTESANATO;

- MARIA ELYANE:

ASSUNTO: PADRE, FAMÍLIA GRILO, NOME DO LUGAR;

- RAFAELA CALISTO DE SALES, 78 ANOS, BENZEDEIRA DA COMUNIDADE;

- ADALGIZA RIBEIRO LEITE, MESTRE ESCOLAR;

- GONÇALA RODRIGUES DO NASCIMENTO, 75 ANOS:

ASSUNTO: TRABALHO INFANTIL E AMEAÇA DOS PATRÕES;

- IDELZUITE MARIA DA CONCEIÇÃO, 92 ANOS:

ASSUNTO: COMIDA;

- FRANCISCO DAS CHAGAS ROCHA, 81 ANOS:

ASSUNTO: FUGA DE PATRÕES.

- MARIA ELIANA DA SILVA LUNA:

ASSUNTO: HISTÓRIA DA COMUNIDADE.

- MARIA ELIANY RIBEIRO MENDES:

ASSUNTO: HISTÓRIA LOCAL, CONQUISTAS, CAPOEIRA.

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

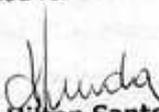
Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

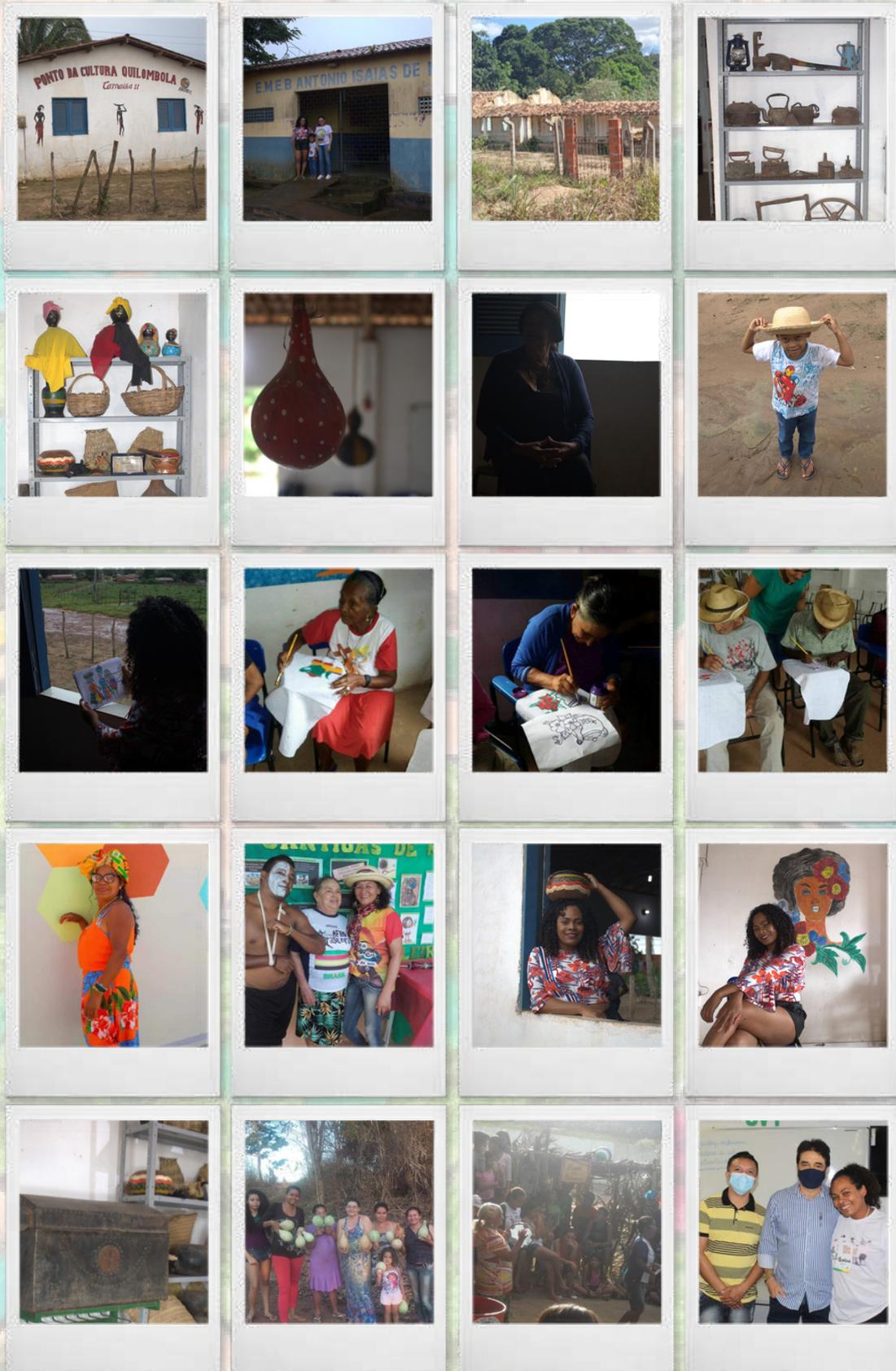
CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

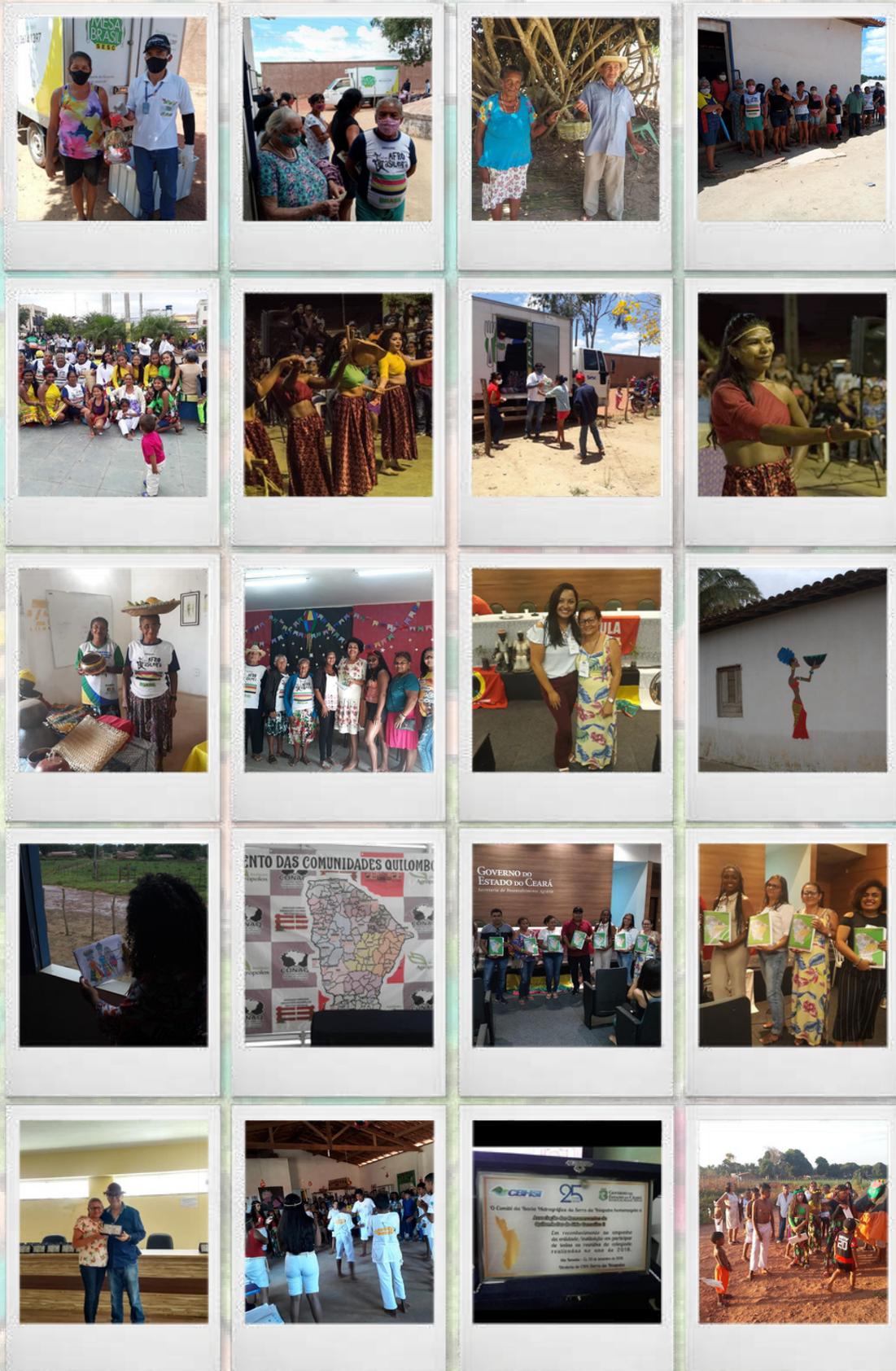
O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.015652/2012-11 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE SÍTIO CARNAUBA II**, localizada no município de São Benedito/CE, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 015, Registro nº 1.913, fl.131, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

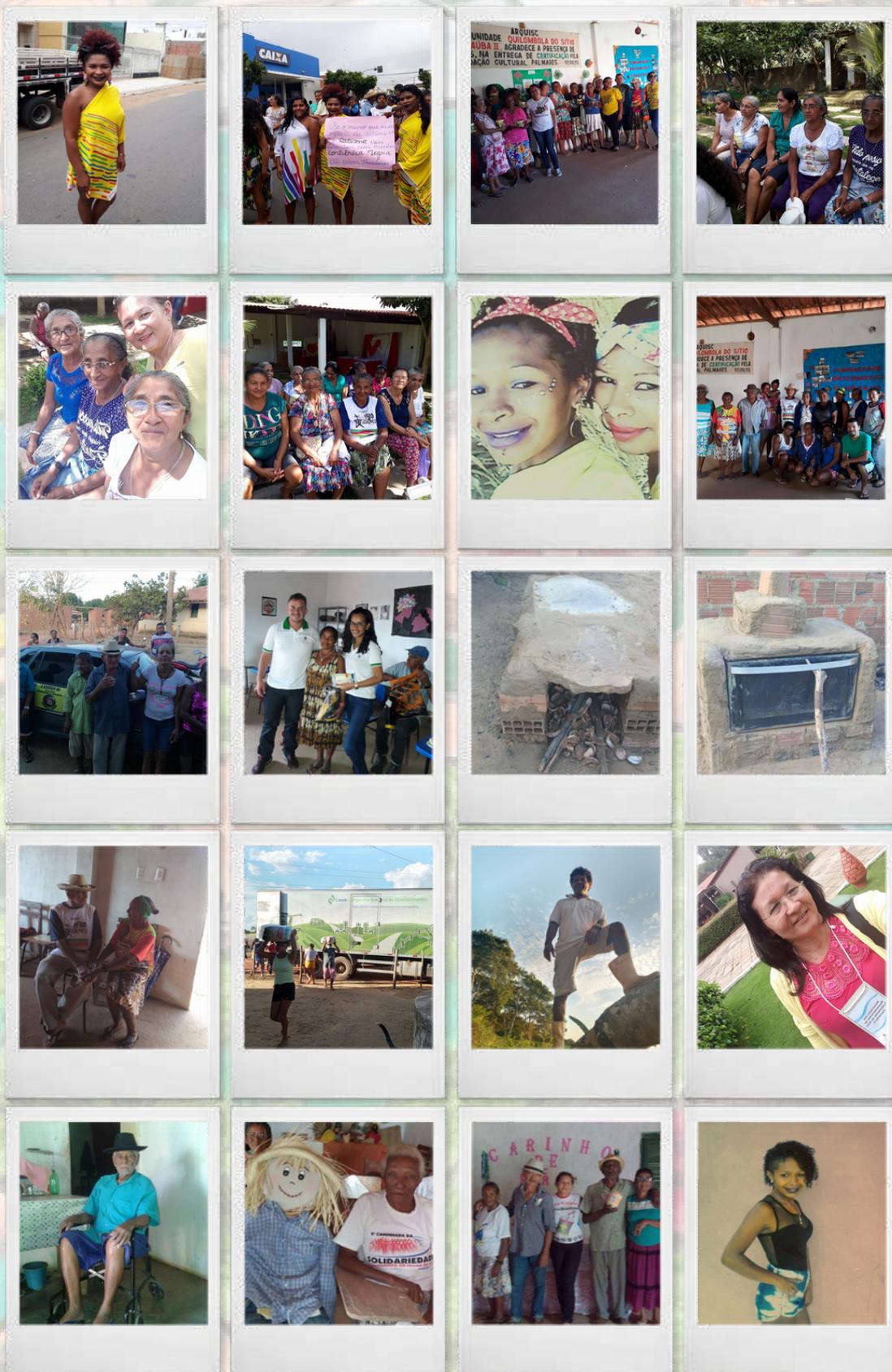
Eu, **Alexandro Anuniação Reis**, (Ass.), , Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **13 de junho de 2013.**

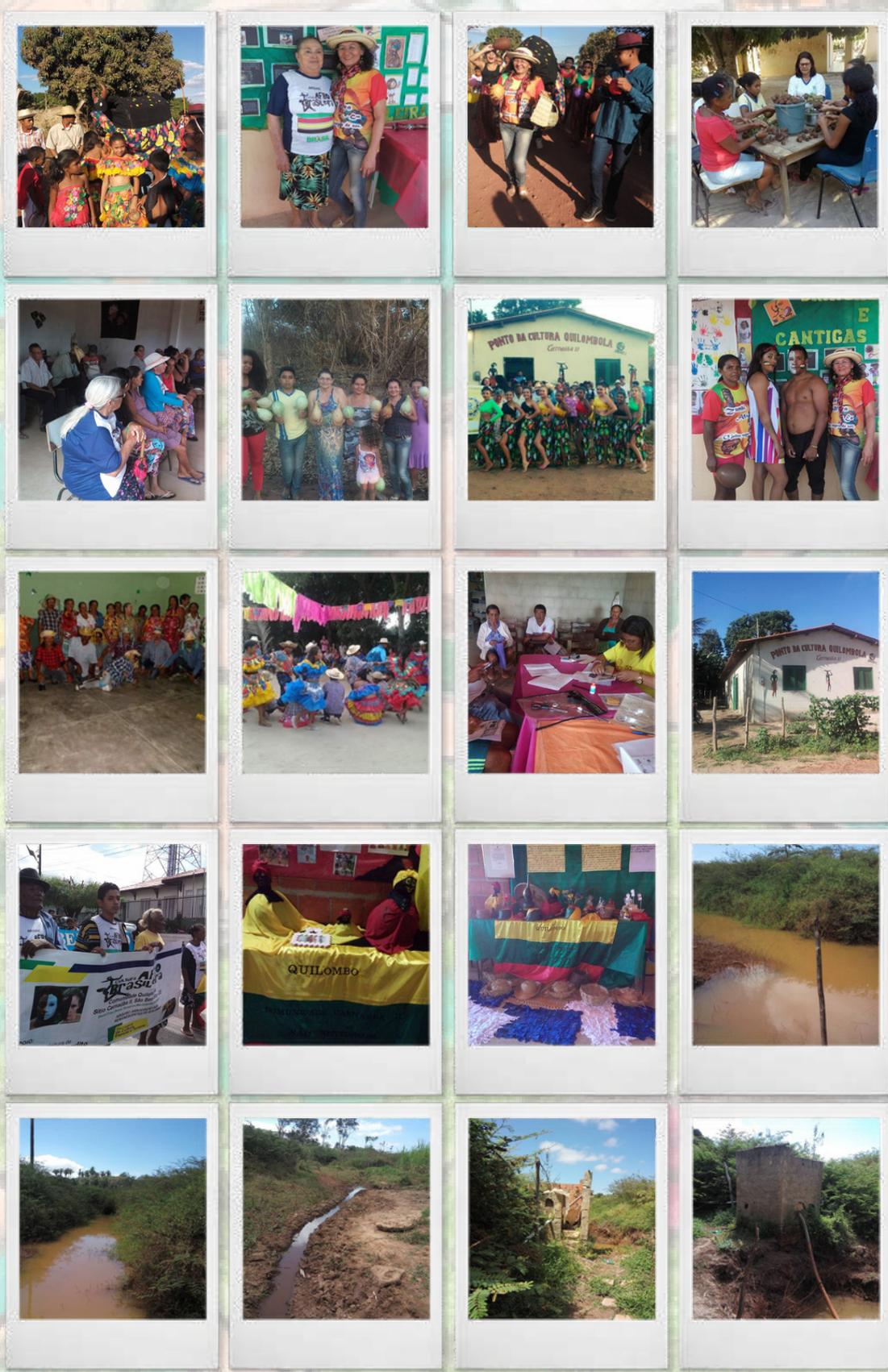
O referido é verdade e dou fé.

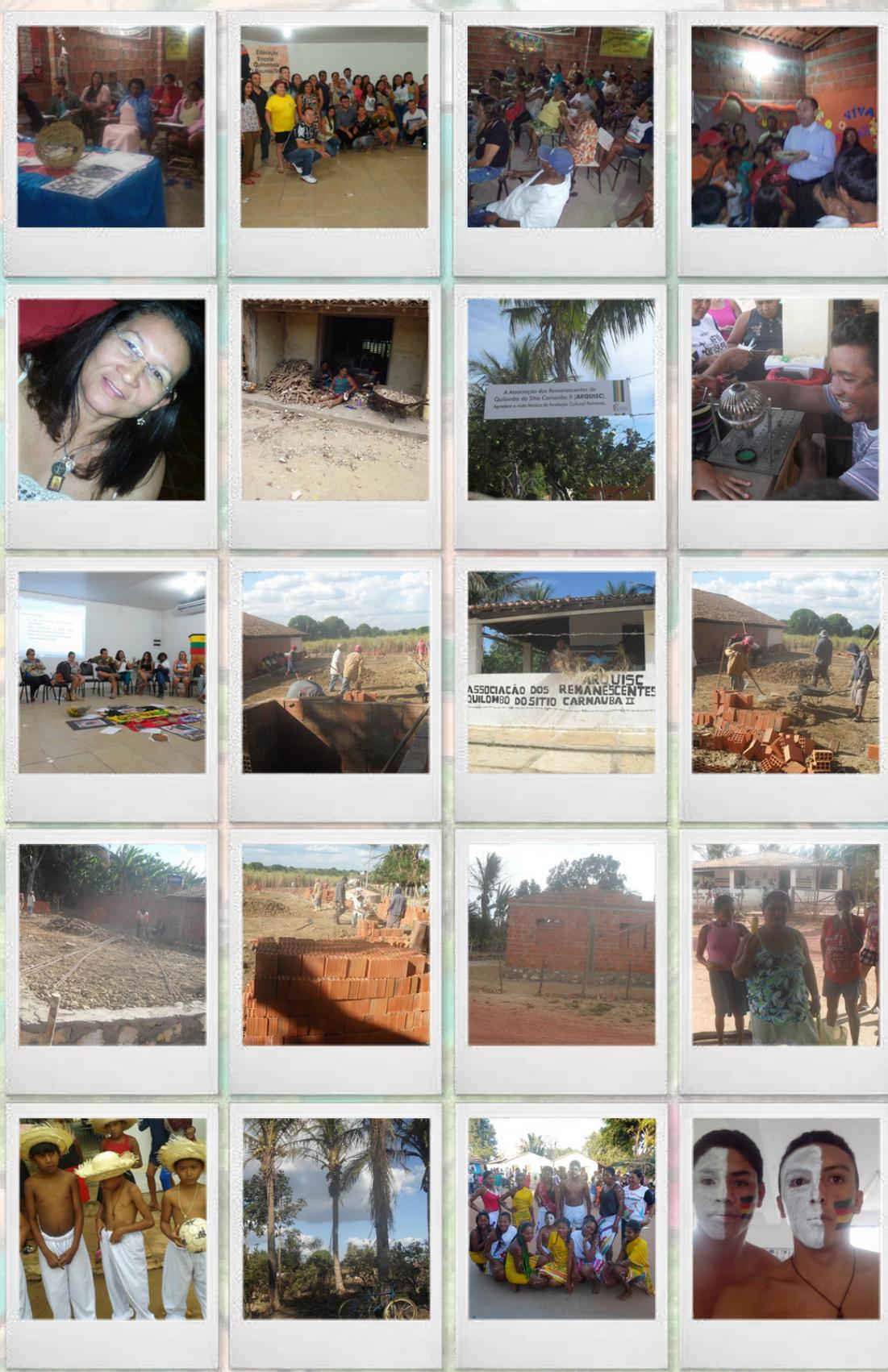

José Hilton Santos Almeida
Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP





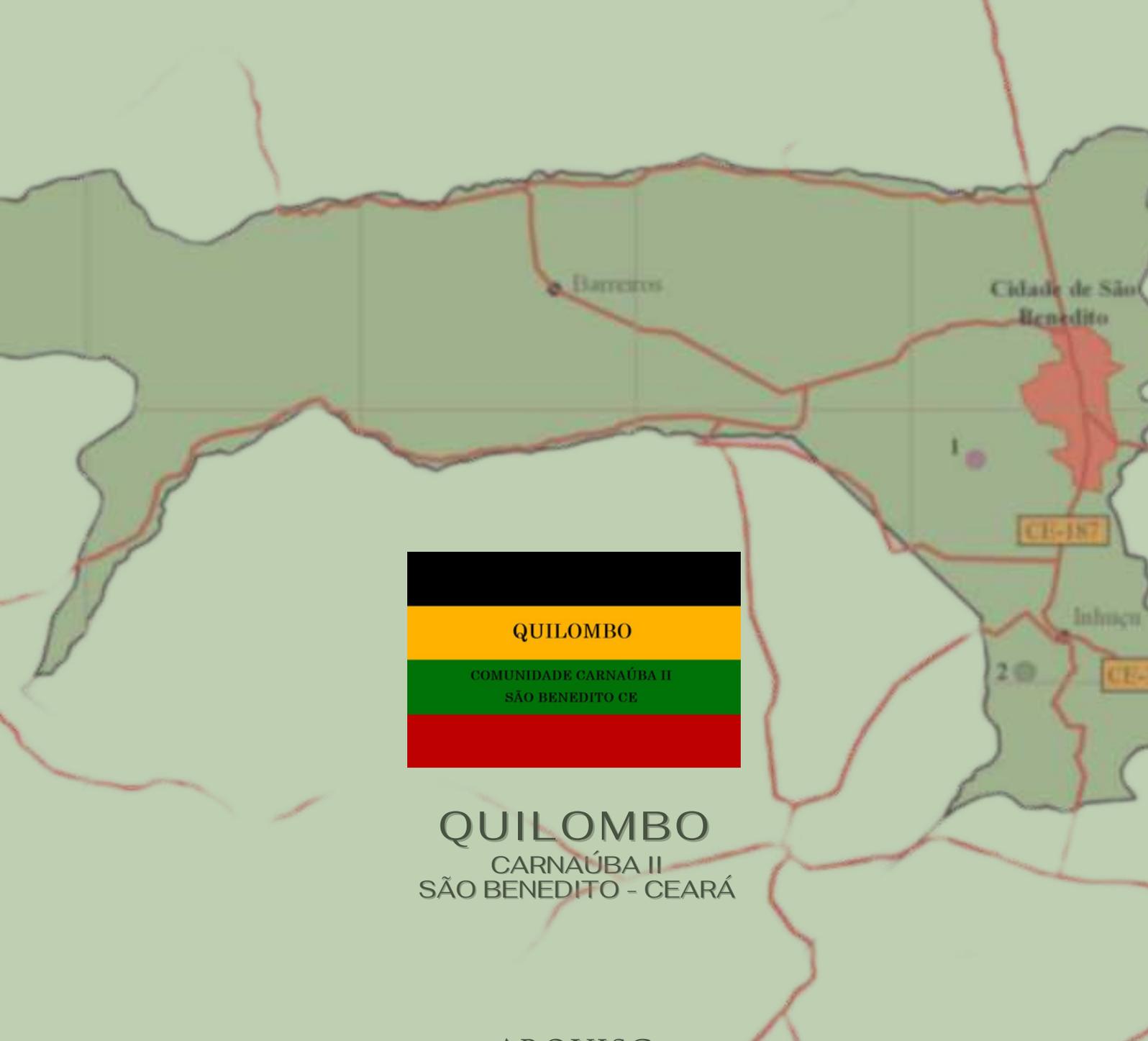












QUILOMBO
CARNAÚBA II
SÃO BENEDITO - CEARÁ

ARQUISC

Associação dos Remanescentes de
Quilombo do Sítio Carnaúba II

Sítio Carnaúba II
São Benedito - Ceará - Brasil

☎ (+5588) 99455-2196

✉ arquisc2021@gmail.com.br

📷 @arquisc_

📘 <https://www.facebook.com/comunidadequilombola/>



**ANEXO 1 – CERTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CARNAÚBA II
PELA FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES – FCP**



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

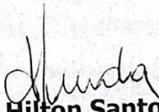
Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

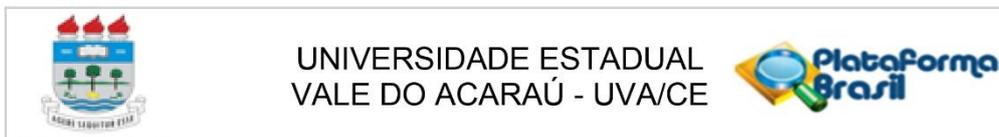
O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.015652/2012-11 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE SÍTIO CARNAUBA II**, localizada no município de São Benedito/CE, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 015, Registro n.º 1.913, fl.131, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Alexandro Anunciação Reis**, (Ass.),....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **13 de junho de 2013.**

O referido é verdade e dou fé.


José Hilton Santos Almeida
 Presidente
Fundação Cultural Palmares - FCP

ANEXO 2 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Comunidade Quilombola Carnaúba II: um estudo sobre afetos e intergeracionalidade.

Pesquisador: Gilsiane Maria Vasconcelos Marques

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51372421.5.0000.5053

Instituição Proponente: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.091.312

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem por objetivo discutir a identidade de lugar frente às dificuldades e potencialidades identificadas pela comunidade quilombola. Por meio de delineamento qualitativo e pesquisa em psicologia sócio-histórica, a coleta de dados será conduzida através da inserção na comunidade quilombola Carnaúba II; observação participante com construção de diário de campo e aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos. Os participantes serão selecionados de forma voluntária, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A análise dos dados partirá do diário de campo e dos dados qualitativos dos mapas afetivos tendo como base a psicologia sócio-histórica. Os resultados obtidos podem auxiliar na elaboração, implementação e/ou avaliação de Políticas Públicas voltadas à assistência e à educação de povos quilombolas de forma que possa beneficiá-los.

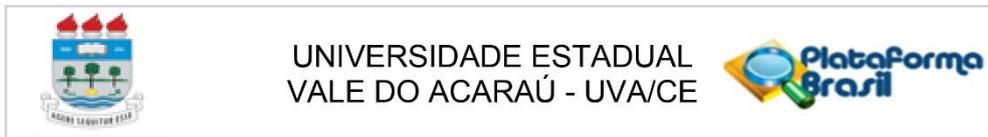
Objetivo da Pesquisa:

Discutir a identidade de lugar frente às dificuldades e potencialidades identificadas pela comunidade quilombola.

Analisar os afetos de jovens e idosos quilombolas envolvidos na elaboração de projetos que propiciem diálogo intergeracional.

Investigar estratégias de mediação da intergeracionalidade e seu papel no fortalecimento da identidade de lugar da comunidade quilombola Carnaúba II.

Endereço: Av Comandante Maurocélvio Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br



Continuação do Parecer: 5.091.312

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Todos os benefícios foram apresentados e estão claros. Os riscos e as formas de enfrentamento foram detalhadas, e visam proteger o voluntário da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Ver conclusões

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos estão adequados e presentes.

Recomendações:

Ver conclusões

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

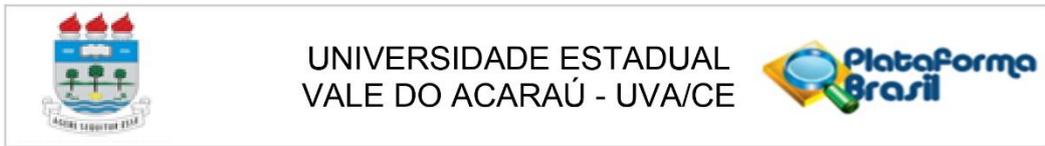
Todos os documentos e adequações solicitados foram realizados e incluídos estando o projeto adequado. Solicitamos que ao final do projeto um relatório seja enviado para este CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1815201.pdf	27/09/2021 15:39:55		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado.pdf	27/09/2021 15:33:26	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Brochura Pesquisa	Brochura_Pesquisa.pdf	27/09/2021 15:31:29	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	27/09/2021 15:27:21	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Outros	IGMA_instrumento_gerador_mapas_afetivos.pdf	27/09/2021 15:11:09	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido.pdf	27/09/2021 15:10:29	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	31/08/2021 10:13:49	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito

Endereço: Av Comandante Maurocéllo Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br



Continuação do Parecer: 5.091.312

Outros	Email_institucional_UVA.pdf	31/08/2021 10:11:14	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_de_anuencia.pdf	28/08/2021 18:13:58	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Oficio_de_encaminhamento.pdf	26/08/2021 11:57:27	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_para_realizacao_da_pesquisa.pdf	25/08/2021 15:31:32	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	25/08/2021 15:01:21	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_Pesquisadores.pdf	25/08/2021 15:01:04	Gilsiane Maria Vasconcelos Marques	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SOBRAL, 09 de Novembro de 2021

Assinado por:
Luiz Vieira da Silva Neto
(Coordenador(a))

Endereço: Av Comandante Maurocéllo Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** cep_uva@uvanet.br